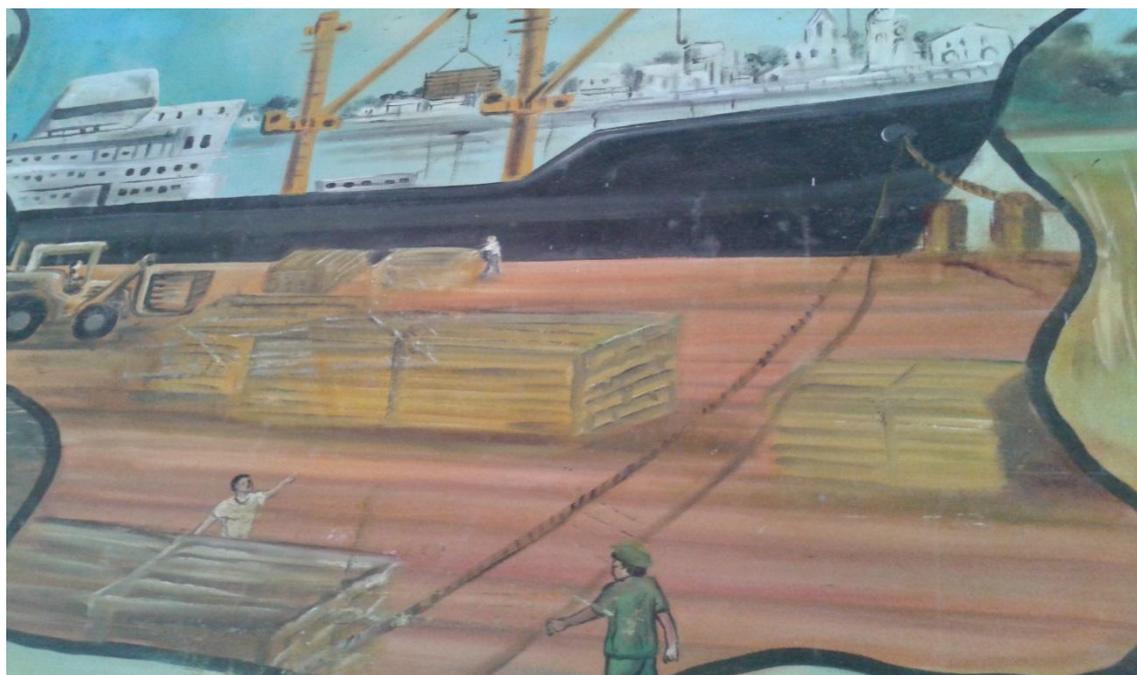


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

DIONE DO SOCORRO DE SOUZA LEÃO

“O PORTO EM NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHADORES, MORADORES E FREQUENTADORES DA
ÁREA PORTUÁRIA DE BREVES-PA (1940-1980).”



BELÉM – PA

2014

DIONE DO SOCORRO DE SOUZA LEÃO

**“O PORTO EM NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHADORES, MORADORES E FREQUENTADORES DA
ÁREA PORTUÁRIA DE BREVES-PA (1940-1980).”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Donza Cancela

Belém-Pará

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Leão, Dione do Socorro de Souza

O porto em narrativas: experiências de trabalhadores, moradores e frequentadores da área portuária em Breves-PA (1940-1980) / Dione do Socorro de Souza Leão- 2014.

Orientador (a): Cristina Donza Cancela

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2014.

1. Breves (PA) - História, 1940-1980. 2. Vida urbana - Breves (PA). 3. Vida rural - Breves (PA). 4. Portuários - Breves (PA). 5. Breves (PA) - Usos e costumes.I. Título.

CDD - 22. ed. 981.15

DIONE DO SOCORRO DE SOUZA LEÃO

**“O PORTO EM NARRATIVAS: EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHADORES, MORADORES E FREQUENTADORES DA
ÁREA PORTUÁRIA DE BREVES-PA (1940-1980).”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Donza Cancela

Data da defesa: 27/03/2014

Banca examinadora:

Profa. Dra. Cristina Donza Cancela/PPHIST/UFPA

(Orientadora)

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda/PPHIST/UFPA

(Avaliadora)

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco/PPGA/UFPA

(Avaliador)

Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro/PPGH/UFAM

(Avaliadora)

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações(NORA, 1993, p. 09).

AGRADECIMENTOS

Durante o caminho percorrido para a feitura deste trabalho algumas pessoas, de diversas maneiras, contribuíram para que a dissertação fosse construída. Gostaria de agradecer imensamente a cada uma delas.

À orientadora, professora Cristina Donza Cancela, sempre muito dedicada e competente, graças as suas contribuições teóricas e metodológicas, interesse pela pesquisa e compreensão com minhas limitações, conquistei a confiança necessária para produzir esta dissertação.

Ao amigo Agenor Sarraf Pacheco pelo incentivo e orientação desde a idealização do projeto de mestrado, suas observações na banca de qualificação, aliada às produções sobre o arquipélago marajoara e os constantes diálogos estabelecidos sobre a temática ajudaram a encontrar o caminho para a realização da pesquisa.

À professora Franciane Gama Lacerda, pela atenção dispensada durante o exame de qualificação, seus questionamentos e sugestões serviram para reformular e trilhar novos horizontes para a confecção do trabalho.

À minha amiga e comadre Alba Cirino, que nos momentos de ausência esteve sempre atenta às necessidades da minha filha. E aos colegas de trabalho, alunos e ex-alunos que estavam na torcida pela concretização e êxito da pesquisa.

Ao amigo Benedito Viana, à frente da Secretaria de Educação de Breves quando ingressei no mestrado, e ao prefeito José Antônio Xarão Leão, quem concederam a licença para que eu pudesse estudar em Belém e realizar minha pesquisa tranquilamente durante os dois anos de curso.

A minha querida mãe, pelo carinho e amor sempre dispensados, até mesmo quando não dediquei atenção merecida a sua presença.

Aos queridos Enéias Pinheiro Farias (*in memoriam*), José Luiz Pena Pereira, Vanderlei Lobato de Castro e a todos os outros entrevistados, sujeitos sociais da pesquisa. A versão escrita sobre a cidade na dissertação, também é resultante dos diálogos com eles estabelecidos em momentos de entrevistas.

Aos meus filhos Renato, Christian, Victor, Matheus e Ludmila, pelo carinho, compreensão e maturidade com que encararam os momentos em que estive dedicada à dissertação e não lhes dei a devida atenção.

Ao meu esposo João Aílto Sena Melo, todas as palavras são pequenas para expressar meu agradecimento, sem ele nada disso seria possível, é o meu maior incentivador e facilitador, obrigada pelo companheirismo e dedicação, **a você dedico essa dissertação.**

RESUMO

Esta pesquisa trata das experiências cotidianas vivenciadas por diferentes sujeitos sociais na área portuária da cidade de Breves e seu entorno no período de 1940 a 1980. Por meio da interpretação de depoimentos orais, textos jornalísticos, crônicas, documentos oficiais e imagens, o trabalho procura recompor dimensões da história social de Breves num momento em que a cidade experimentou significativo aumento populacional e alargamento das suas fronteiras em consequência, principalmente, da desaceleração dos negócios da borracha e ascensão da madeira na região. Emergem das narrativas orais, escritas e visuais a riqueza e a diversidade dessas experiências urbanas, alinhavadas em relações de poder, violência, negociação e sociabilidade, visibilizadas em práticas socioculturais manifestadas nas formas de trabalho e lazer, como as festas de Santana e São Pedro, bares, jogatinas, cabarés, brincadeiras nos rios e nas ruas, conversas, namoros nas praças e nos trapiches, cinema, circo, teatro, além de narrativas fantásticas envolvendo encantados, visagens e assombrações. Nesse contexto, diferentes saberes rurais entrecruzaram-se aos saberes urbanos (re)criando a cultura local. Por meio desse diálogo intercultural a paisagem, a economia, as relações sociais e culturais se transformaram ao longo de décadas, revelando a singularidade de um viver urbano no arquipélago de Marajó.

Palavras-chave: Porto, trabalho, lazer, experiência, Breves.

ABSTRACT

This research is about everyday experiences lived by different social characters in the harbor area of Breves city and its contour, from 1940 to 1980. Through the interpretation of oral statements, newspaper texts, chronicles, official documents, pictures, this work has the aim to reset dimensions of Breves social history, at a moment when the city tried out the meaningful population increase and the expansion of its frontiers, as the result of, mainly, the slowdown of rubber business and rise of wood business in the region. They emerge from the oral, written and visual narratives into the richness and the diverseness of these urban experiences tacked on relations of power, violence, negotiation and sociability, seen clearly in social cultural practices expressed in work and leisure ways like Santana's and San Pedro's festivals, bars, gambles, cabarets, fun on the rivers and streets, conversation, date at squares and wharves, movies, circus, theater, besides the fantastic narratives involving enchanted, phantom and ghosts. In this context, different rural knowledge intercrossed to the urban knowledge (re)creating the local culture. Through this intercultural dialogue, the landscape, economy, social and cultural relationships transformed over the decades, revealing the specificity of the urban living in Marajo archipelago.

Key words: harbor, work, leisure, experience, Breves.

LISTA DE IMAGENS

1. Mapa da mesorregião do Marajó.....	13
2. Desenho da área portuária de Breves, década de 1980.....	24
3. Fotografia da Rua Presidente Getúlio Vargas, trecho compreendido entre Avenida Rio Branco e Castilho França, década de 1960.....	25
4. Fotografia da BISA, década de 1960.....	35
5. Fotografia do trecho da pavimentação da orla portuária, próximo ao Trapiche Municipal, década de 1970.....	36
6. Fotografia de momentos da pavimentação de parte da orla da cidade, década de 1970.....	36
7. Fotografia do trapiche de madeira construído na década de 1980.....	37
8. Fotografia de parte da Rua Presidente Getúlio Vargas, entre Castilhos França e Mário Curica na década de 1960.....	37
9. Fotografia de Casa de madeira na Rua Presidente Getúlio Vargas, década de 1980.....	39
10. Fotografia do Banco de Crédito da Amazônia, década de 1950.....	40
11. Fotografia do Mercado Municipal de Breves, década de 1960.....	41
12. Fotografia de casas populares construídas no bairro Castanheira, década de 1980.....	43
13. Fotografia da visita do Governador Jarbas Passarinho em 1975.....	45
14. Pintura em tela “Negociante ribeirinho”, 2006.....	56
15. Fotografia da BISA, em estado de ruínas, década de 1970.....	70
16. Fotografia do trapiche de madeira na área portuária, década de 1970.....	75
17. Fotografia de Madeireira local, década de 1970.....	79
18. Fotografia da Prainha, década de 1980.....	90
19. Fotografia do bar Meu Cantinho, década de 1970.....	92
20. Fotografia da família de João Brígido, 1970.....	106
21. Fotografia de populares no trapiche Municipal de Breves, década 1970.....	107
22. Fotografia da área de secagem de madeira da BISA, década de 1960.....	111
23. Fotografia do auditório do Colégio Santo Agostinho, década de 1970.....	113
24. Fotografia da Praça da Bandeira, década de 1970.....	115
25. Pintura em tela intitulada “Mística Marajoara”, 2007.....	119

26. Desenho “O boto” de J. Tadeu.....	126
27. Pintura em Tela “Memórias da Festa de Santana”, 2013.....	133
28. Fotografia da Festa de Santana, década de 1960.....	139

SIGLAS

BCB – Banco de Crédito da Borracha

BISA – Breves Industrial Sociedade Anônima

CCCS – Center for Contemporary Cultural Studies

CENTUR – Centro Cultural Tancredo Neves

CELPA – Centrais Elétricas do Pará

COSANPA – Companhia de Saneamento do Pará

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAGESA – Madeiras Gerais Sociedade Anônima

MADASA – Madeiras da Amazônia S.A

SALUMASA – São Luís Madeira S.A

SESP – Serviço Especial de Saúde Pública

SEFA – Secretaria Estadual da Fazenda

SUCAM – Superintendência das Campanhas

VTI – Valor de transformação Industrial

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE I	
O PORTO, A CIDADE E O TRABALHO	23
1.1. Um passeio pela orla: as transformações nas paisagens e no cotidiano da área portuária e na cidade de Breves (1940-1980).....	23
1.2. Memórias de acontecimentos na área portuária.....	45
1.3. Água, luz elétrica e epidemias: problemas enfrentados pela população local.....	50
1.4. Pelos rios, portos e florestas: negócios, modos de produzir e viver em Breves.....	56
1.5. Formas de trabalho e conflitos na área portuária e na cidade.....	75
PARTE II	
ÁREA PORTUÁRIA DE BREVES: ESPAÇO DE DIVERSAS PRÁTICAS CULTURAIS	90
2.1. Entre bares, cabarés e jogatinas.....	92
2.2. Passeios, brincadeiras, conversas e despedidas nos trapiches.....	106
2.3. Narrativas de seres fantásticos.....	119
2.4. A orla portuária em festa.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
FONTES UTILIZADAS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

APRESENTAÇÃO



Imagem 01 - Mapa da mesorregião do Marajó. Fonte: movimentomarajoforte.blogspot.com. Acesso em 16/01/2014.

Breves, cidade escolhida para ser palco deste estudo, tem aproximadamente cem mil habitantes, segundo informações do IBGE¹; a data oficial de sua fundação é de 19 de novembro de 1738, quando o Capitão Geral do Pará concedeu aos irmãos portugueses Manuel Breves Fernandes e Ângelo Fernandes Breves uma sesmaria localizada às margens do rio Parauaú, para onde se dirigiram com alguns membros da família e formaram um pequeno povoado. Mas foi somente em 25 de outubro de 1851 que passou a constituir-se oficialmente como município². A cidade fica localizada ao

¹ Os dados foram fornecidos na agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), localizada em Breves baseados nas últimas pesquisas feitas no município, embora no site oficial a última atualização seja do ano de 2010, ocasião do último censo demográfico brasileiro; nesse período o município tinha 92865 habitantes, distribuídos entre zona urbana e rural.

² LEÃO, Dione do S. Souza & PACHECO, Agenor Sarraf. *Memórias e imagens dos bairros de Breves*. In: PACHECO, Agenor Sarraf; SCHAAN, Denise Pahl; BELTRÃO, Jane Felipe (orgs.). *Remando por Campos e Florestas: Patrimônios Marajoaras em Narrativas e Vivências*. Belém: GKNoronha, 2012, pp.155-56.

sudoeste do Arquipélago do Marajó, tem como municípios limítrofes Portel, Bagre e Melgaço.

Este trabalho sobre a área portuária é também sobre a história de Breves. Não há como negar o valor desse espaço para a constituição da cidade. Escritos sobre a região mencionam o forte comércio fluvial e as trocas culturais que aconteciam nas margens do rio Parauaú de Breves desde o século XVII, antes do lugar se constituir como cidade.³ Após três séculos de história, o porto ainda é referência para o desenvolvimento econômico e sociocultural do município.

Em cidades ribeirinhas como Breves é pelo espaço portuário que desembarcam mercadorias, pessoas, ideias. No cotidiano portuário, variadas personagens protagonizam uma história pouco conhecida ou valorizada, são moradores antigos da área portuária, trabalhadores diversificados ou apenas frequentadores que vivenciaram inúmeras experiências nesse local.

Utilizei a história oral como procedimento para pensar os sentidos das narrativas orais dos sujeitos sociais entrevistados. Baseada em Delgado, a memória foi tratada nesse trabalho como:

Um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis, temporais, individuais e coletivas dialogaram entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas de forma explícita, outras de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.⁴

No total foram 20 entrevistas, sendo 06 mulheres e 14 homens, nas mais diferentes ocupações. Para montar essa rede de informantes, levei em consideração os critérios de idade, saúde, afinidade e experiências vivenciadas no local de pesquisa, desde a década de 1940 até o final dos anos de 1980, período referencial da pesquisa.

Entre os meses de julho a dezembro de 2012 selecionei os entrevistados e procurei cada interlocutor para propor a coleta de seus depoimentos. Daqueles que faziam parte da minha relação, apenas um ficou de fora, por questões de saúde. A realização das entrevistas aconteceu entre os meses de fevereiro a abril de 2013, nas residências dos entrevistados. Para além dessas entrevistas, revisei o banco de dados

³Para mais informações, ver BRAGA, Theodoro. *O Município de Breves – 1738 a 1910*. Belém: Impresso pela Empresa Graphica Amazônia, 1919, p. 05.

⁴ DELGADO, Luicilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 16.

de um projeto realizado em 2009 em Breves⁵ e utilizei 05 entrevistas consideradas interessantes para a proposta da dissertação. Com o consentimento dos entrevistados os nomes, as origens e a idade foram revelados no trabalho, com exceção de dois, que utilizei as iniciais fictícias para resguardar suas identidades, respeitando-lhes a vontade.

Procurei ao longo deste trabalho compreender a trajetória de vida dos entrevistados dentro do sentido de suas histórias individuais, suas memórias e experiências no porto e cidade de Breves, sem a pretensão de vitimizá-los, ou tornar suas narrativas exemplares, mas para buscar outras explicações e apresentar novas possibilidades de entendimento da cidade.

Os jornais da imprensa paraense que compõem a pesquisa são: *A Província do Pará*⁶, *Estado do Pará*⁷ e *AVanguarda*⁸, escolhidos pela maior circularidade na região no período de estudo. Ao todo foram coletadas 09 reportagens nos arquivos do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR) em Belém do Pará, no ano de 2009, as quais pertencem aos arquivos do “Projeto Revivendo nossa história”. As reportagens exibem informações sobre economia, política, conflitos e paisagens da cidade. A interpretação das fontes jornalísticas possibilitaram entendimentos dos contextos em que a cidade estava inserida no período de estudo.

Com relação aos documentos oficiais, utilizei os atos legislativos da Câmara Municipal de Breves no período de 1939 a 1980. A pesquisa foi realizada no Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Breves nos meses de janeiro e fevereiro de 2013. Neles foi possível notar as transformações ocorridas no espaço urbano por meio de

⁵ O Projeto denominado “Revivendo nossa história” foi realizado no ano de 2009 com os alunos do Colégio Santo Agostinho, na cidade de Breves. Os resultados da pesquisa resultaram na organização de um livro que reconta o processo de formação dos principais bairros de Breves. O arquivo do projeto conta com diferentes fontes como as entrevistas, reportagens jornalísticas, documentos oficiais do departamento do setor de terras da prefeitura e fotografias coletadas em conjunto com os alunos do referido projeto.

⁶ Jornal de circulação diária fundado por Joaquim José de Assis, redator político, Francisco de Souza Serqueira, tipógrafo e Antônio José de Lemos. Inicialmente, foi órgão do Partido Liberal, depois tornou-se independente e imparcial em política, passando a ser uma empresa comercial, foi fundado em 1876 e perdurou até 1973 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 2005, pp. 72-4).

⁷ Jornal diário e independente, fundado por Justo Chermont, político de prestígio no Pará, no ano de 1911 e encerrou na década de 1980. Inicialmente era um jornal de oposição à política do Intendente Antônio Lemos e em favor de Lauro Sodré. Durante a Revolução de 1930, tornou-se, no Pará o grande porta-voz dos revolucionários, dando total cobertura ao movimento e apoio político ao Interventor Magalhães Barata (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 241).

⁸ Jornal independente, dirigido por Pires Camargo, foi fundado em 1937 e durou até o ano de 1962. Em 1943, o jornal passa a ser órgão vespertino dos Diários Associados, sob a direção de Milton Trindade (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, pp. 268-9).

aberturas de crédito para construções de prédios públicos, reforma e ampliação das redes de energia e água, pavimentação das ruas, compra, venda, doação de bens e imóveis.

As fotografias utilizadas ao longo dos capítulos estavam em minhas mãos desde 2009 e grande parte do acervo que pretendia utilizar, aproximadamente 50 fotografias, foram cedidas por amigos, alunos, conhecidos e familiares. No entanto, esse acervo cresceu significativamente com a criação de um grupo no Facebook, denominado Cidade de Breves, espaço na internet para as pessoas compartilharem lembranças e dialogarem com as fotografias postadas. A partir desse acervo, organizei uma pasta com cerca de 20 fotografias. A maioria já era de domínio público, mas outras, inéditas, serviram aos objetivos da pesquisa. Ainda utilizei fotografias pertencentes ao acervo da família Frazão, cedidas gentilmente por Cláudio Frazão e Wilson Câmara Frazão Neto, descendentes de Wilson Frazão, ex- prefeito de Breves na década de 1970, já falecido.

Para lidar com as fotografias, em alguns momentos do trabalho, adotei a seguinte metodologia: montei um álbum com um número significativo de fotografias e durante as entrevistas mostrava aos narradores para motivar suas memórias e revelar novas imagens sobre a cidade. Graças a esse estímulo, surgiram explicações para contextos que estavam nas entrelinhas das fotografias, somente entendidos por pessoas que vivenciaram o período. Pacheco, utilizando-se dessa metodologia em sua dissertação de mestrado, explica que nas leituras das fotografias sobre a cidade de Melgaço, os entrevistados fizeram sua interpretação a partir dos seus valores e crenças, códigos éticos e morais, construindo novas imagens, carregadas de significados políticos e culturais personalizados.⁹

Kossoy, em seus estudos sobre fotografia, afirma que não há como avaliar a importância das imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o momento histórico pontilhado de nuances nebulosas em que as imagens foram geradas. O valor está em extrair o potencial informativo nelas embutidos. Por esse motivo não as utilizo somente como ilustração do texto, suas exposições estão sempre vinculadas a possibilidades de entendimentos dos modos de vida da cidade e seus moradores.¹⁰

⁹ PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos Marajós: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade Floresta” Melgaço – PA*. Belém: Paka-Tatu, 2006, p. 32.

¹⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 159.

Além das fotografias, utilizei outras imagens como pinturas e desenhos para trazer informações sobre a cidade do passado, mas com traços do presente, pois foi pelas memórias do artista local J. Tadeu, em conversas sobre os objetivos dessa pesquisa, que surgiu a ideia de recompor as suas lembranças na tela, especialmente na obra a Festa de Santana (p. 133) e no desenho sobre a área portuária (p. 24).

Nas minhas vivências na cidade, no desenvolver das experiências cotidianas, sempre escutei relatos, sobretudo de pessoas idosas, acerca de outro tempo, ou seja, de como era a cidade e da movimentação que existia nos seus portos. A partir destas conversas surgiram inquietações. Como era constituída essa cidade? Como eram elaboradas, recriadas as relações com as cidades vizinhas? Que vestígios, práticas e paisagens desapareceram ou foram reelaboradas? Este trabalho é fruto destas e de outras inquietações, ou melhor, da tentativa de compreender de que modo era pensada, sonhada, representada em seus múltiplos aspectos a cidade de Breves no período estudado.

O caminho que optei em reescrever a história da cidade consiste em procurar respostas para estas questões e entender os modos de sentir, pensar e agir dos personagens em meio as constantes idas e vindas entre a cidade, os rios, as florestas, tendo na área portuária a porta de entrada para estudar as relações sociais, as transformações na paisagem e na economia local ao longo de décadas. Para tanto recorri a diferentes narrativas: memórias, textos jornalísticos, imagens, documentos oficiais ecrônicas, em um determinado tempo histórico, os anos de 1940 a 1980 e, desse modo apresentar pontos de vistas múltiplos da história de Breves.¹¹

A escolha desta periodização de estudo não foi aleatória, uma vez que esse período está relacionado ao momento de maior fluxo migratório das populações ribeirinhas para a cidade, provocada principalmente pela desaceleração dos negócios gomíferos na região, na década de 1940, resultante do rompimento das negociações entre os países consumidores do produto e o Brasil, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Nessa ocasião muitos ribeirinhos, produtores e negociantes de borracha da zona rural do município, em crise, viram no ramo da madeira em expansão na cidade a chance de trabalho e expectativa de um futuro melhor. Por esse motivo a cidade

¹¹ Segundo Burke, atualmente os estudiosos colocaram em andamento uma busca de novas formas de narrativas que serão adequadas às novas histórias, que os historiadores gostariam de contar. Estas novas formas incluem dentre outras a micronarrativa e as histórias que apresentam os acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos (BURKE, 1992, p. 347).

experimentou nos finais da década de 1940 a 1980 um vertiginoso crescimento populacional e alargamento de suas fronteiras, que alteraram tanto a paisagem como os modos de viver na cidade, como veremos na primeira parte do trabalho.

Índices populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atestam esse crescimento a partir dos anos de 1950 quando a população do município era de 28.675 habitantes e, em 1960 esse número subiu para 32.613, uma década depois 1970 chegou a 38.234 o número de habitantes, mas foi em 1980 que o salto foi maior, 55.749 habitantes.¹²

Na bagagem os migrantes traziam apenas o necessário, na cabeça e no coração, uma porção de sonhos: trabalhar, estudar, casar, festejar, prosperar. Com essas ideias, dezenas de famílias desbravaram novos espaços da cidade e num intenso processo de criação e recriação cultural, foram tecendo a história local. Somos o resultado da fusão entre modos de viver de rios, florestas e cidade, uma cidade-floresta, conforme a categoria criada por Pacheco para explicar as especificidades dos espaços citadinos da mesorregião marajoara em destaque no mapa que abre esse trabalho.

A expressão cidade-floresta remete a pensar noções de uma urbanidade singular elaborada a partir de saberes, linguagens e experiências sociais de populações formadas dentro de outra lógica de cidade, àquela formada em seus aspectos físicos e culturais, em espaços de terras firmes e de várzeas, por ribeirinhos caboclos, descendentes do enfrentamento cultural de índios, habitantes primitivos da região, com africanos escravizados e os colonizadores brancos e, ainda, o nordestino migrante no auge da extração e produção gomífera que também ajudou a transformar o espaço e o viver regional.¹³

A primeira vista parece simples chegar a essa ideia, no entanto, o caminho foi tortuoso, principalmente porque durante a minha história de vida, visitei esporadicamente a zona rural. Meu conhecimento prévio sobre os modos de viver de áreas ribeirinhas era apenas de conversas com parentes migrantes desses espaços. Foi no convívio com os entrevistados, na composição de suas lembranças sobre o passado e no cruzamento com outras fontes que lentamente percebi traços de construção da

¹² NETO, Miranda. *Marajó desafios da Amazônia: aspectos da reação e modelos exógenos de desenvolvimento*. Belém: Cejup, 1993.

¹³ Agenor Sarraf Pacheco, no desejo de produzir uma versão escrita das histórias de um município que considera estar à margem do “inventado” sobre o Marajó no país e no mundo, Melgaço. Em seus estudos, desmistificou preconceitos ao mostrar outros Marajós com práticas e relações socioculturais próprias desse lado da Amazônia de rios e florestas (PACHECO, 2009, pp. 19-25).

identidade local, montada a partir de imagens ideais, mas também de tensões, conflitos e memórias dissonantes.

O projeto de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em História Social da Amazônia no final de 2011 foi em parte alterado por conta da ampliação do objeto com o iniciar da pesquisa de campo. Os sujeitos sociais com os quais pretendia trabalhar eram apenas os trabalhadores dos espaços portuários. Mas logo essa diretriz foi repensada, devido à rede de relações surgidas nos contatos com os entrevistados. Adicionei experiências não somente de trabalhadores, mas também de assíduos frequentadores e moradores desse local, que não poderiam ser deixados de lado pelas memórias que têm do lugar. O resultado foi uma maior diversidade de sujeitos sociais e específicas experiências: carpinteiro, vendedor, garçom, operário de fábrica, funcionário público, enfermeira, prostitutas, cafetão, empresário.

No contato com os entrevistados e outras fontes, algo que se impôs na pesquisa foi a prostituição na área portuária e no projeto ignorei completamente uma rua que tem ligação direta com a área portuária, a popular Rua Curica, espaço significativo para entender a dinâmica da cidade nas décadas de 1970 e 1980, com destaque para situações de conflito e uso da violência entre seus frequentadores.

Com relação às formas de lazer, visivelmente o projeto apontava apenas para as festas religiosas de Santana e São Pedro, descartando bares, cabarés, jogatinas, brincadeiras, dentre outros. Durante a coleta das narrativas orais, sobressaiu-se ainda nas conversas as histórias de seres fantásticos que incrementavam o cotidiano do espaço portuário e da cidade.

Nesse percurso, alguns diálogos historiográficos foram estabelecidos para se produzir uma história social de Breves. Dentre os quais menciono os estudos de Thomson, ao explorar a memória como composição, tendo em vista que “as lembranças dos entrevistados foram reformuladas de acordo com as situações do cotidiano e para dar sentido as suas vidas passada e presente no contexto da cultura local.”¹⁴ As novas experiências dos entrevistados no solo citadino de Breves ampliaram as imagens antigas de seus modos de vida nos espaços ribeirinhos, gerando novas formas de compreensão na cidade. Desse modo, a memória gira em torno da relação passado presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas.

¹⁴ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória; questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. In: Revista Projeto História. São Paulo, v. 15, abril de 1997, pp. 55 - 7.

Os escritos de Portelli também influenciaram os modos como trabalhei as entrevistas, ao levar em consideração que mesmo sendo a memória constantemente moldada de diversas formas pelo meio social, o ato e a arte de lembrar os fatos jamais deixam de ser profundamente pessoais. Esse autor considera a memória um processo e não um depósito de dados.

À semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. É um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas, porém, em hipótese alguma são exatamente iguais.¹⁵

Pelo estudo do texto de Michael Hall foi possível notar que a história oral não é uma história espontânea, ingênua, ou seja, não é a experiência vivida em estado puro e, por esse motivo, os relatos por ela produzidos devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar.¹⁶

O caminho proposto nesse texto para entendermos questões de identidade cultural dos moradores da localidade pretende pensar a cultura como algo fluído, móvel, resultante de acréscimos diversificados ao longo do tempo, marcada por identidades múltiplas e aberta a possibilidades de novos sujeitos e novas formas de identificação. Para isso utilizo-me do conceito de cultura a partir da orientação teórica dos Estudos Culturais, presente nos trabalhos de Stuart Hall, E. P. Thompson e Raymond Williams.¹⁷

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: Revista Projeto História. São Paulo, v. 15, abril de 1997, p.16.

¹⁶ HALL, Michael. *História oral: os riscos da inocência. O direito à memória*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157.

¹⁷ O campo dos Estudos Culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS. Três autores que surgiram nos finais dos anos 50 são identificados como as fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). Embora não seja citado como membro do trio fundador, a importante participação de Stuart Hall na formação dos Estudos Culturais britânicos é unanimemente reconhecida. Avalia-se que ao substituir Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de "aglutinador" em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um "catalizador" de inúmeros projetos coletivos (w.w.w.pucrs.br/famecos/pos/cartografias).

Os Estudos Culturais levam em consideração a cultura como o entrelaçamento de todas as práticas sociais cotidianas, onde as experiências comuns não podem ser desvinculadas do processo histórico. Esses estudos construíram uma tendência importante da crítica cultural por questionar o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades.

É nesse contexto que a “teoria da cultura” é definida como o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global. A cultura não é uma prática; nem a soma descritiva dos costumes da sociedade, está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. O propósito da análise é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividos e experimentados como um todo, em um dado período.¹⁸

O trabalho foi dividido em dois momentos. Primeiramente destaco as transformações no traçado urbano de Breves como as mudanças na paisagem, crescimento populacional, migração ribeirinha, bem como os traços da economia local envolvendo produtos como a borracha, peles, sementes, arroz, palmito e madeira, sem esquecer os acontecimentos que marcaram a trajetória da área portuária e causaram comoção entre os moradores com destaque para o naufrágio do barco Liduína na década de 1960, o furto das imagens de santo da Igreja Matriz e um caso de tortura no período militar.

Ganhou destaque ainda as múltiplas formas de sobrevivências nos portos, por dentro dos sentidos que os próprios trabalhadores, moradores e frequentadores davam as suas experiências para assim recuperar outras dimensões do viver urbano. Para isso, observei as relações de poder que se estabeleceram nos portos entre os trabalhadores e moradores, o poder público, grupos comerciais poderosos e as estratégias utilizadas para manterem seus privilégios.

Na segunda parte do trabalho, demonstropor meio de narrativas orais as formas de sociabilidade que se manifestavam na área portuária de Breves no período de estudo, como resultado de trocas de saberes culturais entre os espaços rurais e a cidade.

Dentre as formas de lazer destacadas estão as festas de santos, como Santana e São Pedro, e também os bares, as jogatinas, os cabarés espalhados pela orla e Rua Curica. Não foram esquecidas as brincadeiras nos rios e nas ruas, as conversas e o

¹⁸ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 128.

namoro nas praças e trapiches e no lugar chamado pelos jovens de “poço”. Ganhou destaque, ainda, o cinema, o circo, o teatro como manifestações populares de lazer e os relatos míticos de seres encantados, como cobra grande, sereias e botos, bichos visagentos, como o bode da Rua Castilhos França e as aparições da loira do cemitério nos quatro cantos da cidade que foram atualizados em diferentes vozes e contextos e contam nuances do imaginário dos habitantes diretamente associados aos modos de viver na cidade do período em estudo.

Essas práticas de lazer de trabalhadores e moradores foram tratadas neste trabalho como parte integrante da vida social, em diálogo com os fatos políticos, históricos, econômicos, entre outros, que apontaram para possibilidades de construções de identidades e práticas culturais locais.

Dessa forma, procuro entender como populações que viviam à beira de rios e em contato com as florestas construíram uma cidade que esteve em sintonia com características geográficas naturais e culturais, e quais as estratégias criadas nesse espaço pelos seus trabalhadores, moradores e/ou frequentadores, advindos dos mais diversos locais, para planejarem suas vidas a partir dos desafios que os rios apresentavam e como este possibilitou a criação de um espaço citadino peculiar.

PARTE I

“O PORTO, A CIDADE E O TRABALHO”.

1.1. Um passeio pela orla: as transformações nas paisagens e no cotidiano da área portuária e na cidade de Breves (1940-1980).

A zona portuária de Breves é entrecortada pelos bairros Jardim Tropical, Santa Cruz, Centro e Cidade Nova I e II¹⁹. Sua localização teve importância estratégica no crescimento da cidade de Breves, destacando-se nos âmbitos econômico, político e cultural, visto que até a segunda metade do século XX restringia-se, praticamente, à área central, para onde tudo convergia. No período de estudo, 1940 a 1980, era nesse espaço que estava, por exemplo, o Mercado Municipal, as casas comerciais, as indústrias de arroz, palmito e madeira, a Igreja Matriz, as Praças, o Coreto, a Prefeitura e a primeira escola da cidade.

A área portuária ganha contornos ainda mais importantes se levarmos em conta as especificidades do processo de expansão da cidade, que se mantiveram atreladas às suas características tipicamente ribeirinhas. Em Breves, as ruas seguiam traçados orientados pelos rios em um constante diálogo com as áreas do entorno e cidades vizinhas. Entendê-la não significa apenas estudar sua paisagem em transformações, mas adentrar a essa dinâmica sociocultural própria de cidades da Amazônia Marajoara²⁰, diretamente ligadas à natureza de rios, portos e florestas.

A imagem 02 na página posterior é um desenho do artista J. Tadeu retratando segundo suas memórias, a composição de parte da área portuária, nos finais da década de 1970 e primeira metade dos anos de 1980. Assim, como grande parte dos moradores de Breves, o artista viveu nesse trecho da cidade ativamente várias fases de sua vida. O desenho representa dentre outros aspectos, a diversidade de patrimônios existentes que faziam parte desses espaços.

¹⁹ A denominação de Cidade Nova II foi criada pela população, desconsiderando a delimitação oficial da Câmara Municipal, criada pela lei nº 2.114/2006, que não considera a parte da cidade conhecida como Cidade Nova II como bairro. Pela lei, esta pertence ao bairro Parque Universitário. A situação não é aceita pela maioria de seus moradores, que se sentem parte do bairro Cidade Nova.

²⁰ Pacheco apreende o arquipélago de Marajó como um importante e estratégico território da Amazônia. Para isso, cunhou a expressão Amazônia Marajoara (PACHECO, 2006, p. 24).

Idevaldo Paes Filho, morador da Rua Presidente Getúlio Vargas, teve sua vida marcada pelos movimentos das águas e a presença constante de navios. Em suas memórias destacou que nos finais da década de 1960 a maresia provocada pelas embarcações, em tempos de inverno, era muito violenta, sendo necessário ficar vigilante no horizonte do rio Parauaú, para evitar danos materiais nas embarcações ancoradas no trapiche de sua residência, devido à inexistência de cais de arrimo, no trecho onde morava próximo aos limites da cidade.

Aqui dava uma maresia tão forte que tinha que fechar tudo, porque a água entrava pra dentro da casa, era de madeira, agente olhava na ponta e dizia “vem com força?” Vem. “Então umbora fechar”. Ela jogava até peixe e camarão na beira, pra praia, dava medo sim, tinha que sair rápido para desamarrar os barcos pra água não bater de frente neles, era uma correria. “Umbora tirar o barco e tal pra não pegar de frente a maresia”. Naquele tempo eles não respeitavam, passavam com velocidade, vinham arrebrandando tudo na beirada.²¹



Imagem 03 - Fotografia da Rua Presidente Getúlio Vargas, trecho compreendido entre Avenida Rio Branco e Castilho França, na década de 1960, pertencente ao álbum pessoal de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

A imagem 03 mostra a primeira rua da cidade, a Presidente Getúlio Vargas no trecho entre a Trav. Castilhos França e Avenida Rio Branco por volta da década de 1960. Ao tomá-la como fonte de pesquisa, pode-se indagar acerca da composição que envolve a cena e as transformações ocorridas nesse trecho da cidade. Nota-se

²¹ Trecho da entrevista com Idevaldo Santos Paes Filho, 51 anos, realizada no dia 23 de março de 2013.

que,apesar de ter sido capturada durante o dia, esse não era o horário de pico das atividades da rua, provavelmente foi tirada no final da tarde, quando o movimento era menor na área portuária.

A imagem também exhibe traços da arquitetura da área central, a rua era habitada, na sua maioria, por uma classe média de comerciantes, sendo muitos deles donos dos portos distribuídos em toda sua extensão. Lá no fundo da imagem, compondo a paisagem do lugar, estava uma mangueira. Ali era um espaço de trocas comerciais diárias entre os produtores ribeirinhos e a população da cidade, como veremos mais adiante.

Esta não é meramente uma imagem, ela acena para possibilidades de entendimentos da cidade que aliadas às outras fontes narrativas, tão importantes quanto as fotografias, como as memórias dos entrevistados, os documentos oficiais, as reportagens de jornais e a literatura pertinente, analisadas no capítulo, tornam mais compreensíveis cenas do cotidiano de Breves.

No entanto, ao trabalhar com essa imagem como fonte, devemos levar em conta que, assim como qualquer outra fotografia, esta também sofreu diversas interferências até o presente momento, que provavelmente modificaram sua intenção original.²² O imaginário social interferiu tanto na criação da imagem quanto na concepção da representação da rua mencionada. Por esses motivos, pode apresentar uma representação reduzida do espaço urbano ao encobrir momentos não focalizados nas lentes do fotógrafo.

Apesar das limitações, a imagem mostra a cidade se construindo como um lugar para se viver, onde, motivados por sonhos de construir uma vida melhor, várias pessoas que atravessaram rios e correntezas e cruzaram as dezenas de portos, enfrentando todo um processo de desarraigamento da vida ruralizada, vivenciaram novos desafios e modos de sobrevivência na cidade. Foi assim com José Luiz Pena Pereira em 1963, quando aportou pela primeira vez em Breves.

Chequei em Breves no início do ano de 1963, com 7 anos. Vim para estudar, pois vivi até aquela data na vila Santa Cruz ,no Rio Tajapurú. Quando cheguei, eu e meu irmão Vander, fui recebido pelo meu outro irmão Raimundo, o mais velho, que nos esperava no trapiche do Lino Alves. Este trapiche fica, ainda hoje, em frente à Trav. Castilho França. Ali na esquina desta rua com a Presidente Getúlio ficava a casa comercial “São Benedito”, do Lino Alves, uma

²² PACHECO, AGENOR Sarraf. *À margem dos “Marajós”: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-Pa.* Belém: Editora Paka-Tatu, 2009, p. 117- 33.

mistura de mercearia com sorveteria. No mesmo instante fomos lá e compramos um sorvete para cada. Foi a primeira vez que tomei um sorvete. A frente da cidade era uma rua de terra batida. Ao lado do trapiche do Lino havia uma rampa sob a sombra de uma frondosa mangueira, onde aportavam cascos e pequenos motores que desembarcavam e comercializavam ali mesmo peixe e açaí. Depois subimos a Presidente Getúlio e entramos na Av. Rio Branco, saboreando os nossos sorvetes. Vi a igreja de Santana e uma fileira de palmeiras imperiais que ia até a esquina da rua Dr. Assis. A avenida era toda de areia branca, mas ali, no primeiro quarteirão havia uma calçada junto ao prédio que pertencia à BISA – era a cantina. Depois desta vinha o salão paroquial, onde também funcionava o cinema. Ao lado da igreja funcionava a BISA. Por trás da igreja a gente podia ver o monte de serragem, local que para nós, crianças, veio a se transformar em “montanha”, onde íamos brincar de faroeste. Descemos a avenida até chegarmos ao campo de futebol, que era de areia, onde hoje fica a escola Miguel Bitar, nos limites da cidade.²³

No seu primeiro passeio o entrevistado desvenda novos cenários da cidade, narrando e recriando formas de ver os novos lugares que despertaram seu interesse, o cinema, a igreja, o campo de futebol, a “montanha”, o rio e os portos, que a partir daquele momento, passaram a ter influência decisiva na trajetória desse migrante e de dezenas de pessoas da sua geração.

Segundo Eckert, as obras de Walter Benjamin e Michel de Certeau autores fundamentais para captarmos esses processos de deslocamentos dos habitantes na cidade, pois em ambos, os atos de narrar, o gesto de recriar são requisitos para a confiança dos habitantes na forma de viver os lugares da cidade, reinventarem o cotidiano, resistindo aos abusos dos poderes públicos em segregar os espaços e equipamentos urbanos. Nesse sentido, destaca:

A confiança dos habitantes em sua cidade depende da “circularidade dos sentidos” produzidos nas diferentes ações destrutivas e criativas, que transformam ou preservam os espaços que eles almejam como seus lugares de referência identitária, lugares em que possam produzir formas interativas de viver e transmitir os valores simbólicos da trajetória coletiva de grupos e de gerações.²⁴

A temática das transformações na cidade e a relação com seu entorno, sobressaiu-se em todas as fontes de pesquisa já mencionadas, sendo que para entendê-

²³ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira, 57 anos, realizada no dia 24 de março de 2013.

²⁴ ECKERT, Cornelia. *As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória*. In: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da & CANCELA, Cristina Donza, (orgs). Paisagem e cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009, p. 94.

la em suas multiplicidades, era preciso mergulhar nos diferentes discursos que cada fonte apontava sobre o urbano e o rural, indissociáveis àquele contexto.

Nas fontes de pesquisa, os saberes de ribeirinhos, trabalhadores urbanos, políticos, comerciantes, moradores, dentre outros, por vezes se cruzavam, ou se defrontavam na construção do ideal de cidade imaginada, envolvendo conflitos internos e interesses adversos, fossem eles políticos, tecnológicos, religiosos, econômicos ou sociais. Seguindo a ideia de Pesavento, a cidade aparece nos seus estudos não somente como um lócus privilegiado da realização da produção, conforme fizeram os historiadores mais tradicionais do tema cidades, mas, sobretudo, como um objeto de reflexão, a partir das representações produzidas nas práticas sociais.²⁵

Os relatos orais dos entrevistados que compõem esse capítulo, na sua maioria migrantes ribeirinhos, demonstram as singularidades das experiências culturais do mundo urbano mescladas aos saberes herdados do meio rural que, apesar dos contrastes, souberam dialogar frente às novas realidades impostas no período de estudo.

Ao descreverem suas experiências em diferentes espaços e momentos, sobressaíram-se múltiplas sensoriedades, sensibilidades e memórias possíveis de investigação, logo a paisagem urbana sempre em constante movimento apareceu como um documento a ser lido, um texto a ser interpretado para se entender o social.²⁶

Desse modo, foram as funções sociais tomadas pelos sujeitos sociais estudados no desenrolar das décadas de 1940 a 1980 que deram forma e aparência às paisagens da cidade, como a área portuária, a parte central e os novos bairros surgidos, como veremos a partir desse momento.

A narrativa de seu Antônio Soares, migrante ribeirinho, ex- trabalhador dos espaços portuários nos remete a outro momento histórico, os finais dos anos de 1930. Seu Antônio por muitos anos viveu em trânsito constante entre o espaço rural e a cidade e não se deu conta do valor de suas memórias para a composição histórica de Breves. Em suas palavras sempre reafirma que suas lembranças não eram importantes por ser morador do “interior”, analfabeto e de classe baixa.

Esse posicionamento é perfeitamente compreensível se levarmos em consideração o fato de que tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. In: Revista Brasileira de História, v. 27, nº 53, 2007, p. 13.

²⁶ Idem, pp. 12- 13.

tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes heróis, que negligenciou por longos anos essa história vista de baixo.²⁷

Eu me lembro da cidade de Breves desde os 08 anos de idade, desde 1938 eu conheço Breves; a cidade só era até na Rua Paes de Carvalho e na Avenida Rio Branco, pra cima não passava, e a Rua Castilho França subia ali perto do Papy, chamavam essa terra de cavalo alto, o mesmo alto do bode que o pessoal também chamava. Quando eu conheci Breves na década de 30 não tinha energia não, não tinha motor de luz, a cidade não era iluminada, era tudo no escuro, lá no Trapiche Municipal é que tinha dois farol, um amarelo e outro vermelho, era esse mesmo trapiche, eles fazem a reforma mais vem trazendo o mesmo modelo, era daquele jeito mesmo. Essa orla vinha até onde é a casa do Tupinambá, de lá tinha uma ponte grande até lá em cima, lá no fim dessa ponte tinha uma casa de um comerciante judeu chamado Maurício.²⁸

José Maria Garcia também deixou suas impressões sobre a cidade em um livro intitulado “Crônicas do lugar dos Breves”, no qual relatou a experiência de um migrante da capital Belém, destacado no ano de 1964 para trabalhar na primeira agência do Banco do Brasil, juntamente com a esposa, permanecendo em Breves até o ano de 1970. Trata-se de uma espécie de autobiografia, com visão bem particularizada do período, lidas a partir do lugar de pertença de José Maria, um migrante e funcionário com cargo público. No entanto a obra, apesar dos limites impostos, como a ausência de referências, nos permite-nos descortinar, além de eventos e personagens reais existentes, os imaginários e as representações do cotidiano de um membro incluído na classe média da cidade. Como qualquer fonte, é uma leitura possível do cotidiano e precisa ser pensada dentro de seus limites e potencialidades.

À meia noite, finalmente estávamos atracados no trapiche municipal. A cidade estava às escuras. Fachos de lanternas de pilhas cruzavam o breu da noite de um lado para o outro no atracadouro da cidade. Mesmo em tais circunstâncias, várias pessoas ali se aglomeravam. Algumas aguardavam passageiros, outras porque exerciam a profissão de carregadores de bagagens e cargas, mas a maioria eram simplesmente curiosos, para quem a chegada de um navio constituía sempre motivo de atração.²⁹

²⁷ Conforme Jim Sharpe, o interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século XIX, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite, sendo que uma declaração séria de possibilidades de transformar essa necessidade em ação só surgiu em 1966, quando Edward Palmer Thompson publicou um artigo sobre uma história vista de baixo. Daí em diante, o conceito entrou na linguagem comum dos historiadores (SHARPE, 1992, p. 40).

²⁸ Trecho da entrevista com Antônio Soares, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

²⁹ GARCIA, José Maria. *Crônicas do lugar dos Breves*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1996, p. 47.

Tanto seu Antônio Soares como José Maria Garcia, embora em recortes temporais diferentes, o primeiro, nos finais da década de 1930 e, o segundo, no ano de 1964, nos trazem olhares da área portuária no período noturno; sobressaem-se nesses depoimentos uma problemática enfrentada pela maioria das cidades da Amazônia no período: ruas escuras, cidade sem energia elétrica à noite e durante o dia de forma precária, ponto que será abordado mais adiante no texto. Nota-se ainda que mesmo às escuras, a chegada das embarcações movimentavam os portos e formas de trabalhos a eles vinculados, como a dos carregadores.

Em conversas com seu Venâncio Pantoja do Amaral acerca de suas experiências no universo citadino de Breves em fins da década de 1950, quando também migrou de espaços ribeirinhos para viver na cidade, foi possível perceber a cidade durante o período diurno, em sincronia com elementos do mundo rural. Dentre os locais onde ancorou suas memórias estava a rampa, espécie de ponto de encontro entre os moradores da cidade e o espaço rural.

Bem defronte do Banco do Estado é que tinha uma rampa, tinha uma mangueira, que o pessoal do interior que chegava ficava lá pra vender o açaí dele, tiravam os paneiros de açaí, paneiros com quatro latas de açaí, às vezes botavam tudo lá em cima, o açaí, as caça do mato, as fruta, cana, marí; toda a produção do interior eles descarregavam lá pra vender, era tipo uma feira, ficava uma fileira de paneiro de açaí, era tudo quanto era bagulho, aí tu chegava lá e ia escolher o açaí que tu querias lá, peixe, caça, camarão, tudo, era um ponto que tinha uma mangueira, desembarque da galera do interior.³⁰

O local acima mencionado foi também lembrado por outros entrevistados ao se reportarem aos espaços portuários, em diferentes momentos históricos, tendo como eixo comum às fortes lembranças de um momento particular da história de cada um. Para Vanderlei Castro, em meados da década de 1960, além de ponto de trocas comerciais, a rampa e os outros portos dispersos pela orla eram territórios por onde aportava e passava a vida e a morte.

Quando agente vinha enterrar o pessoal de lá de Corcovado, quando vinha alguém morto, sabe onde agente parava? Na frente do Banpará, ali tinha uma rampa, lá que saía o defunto; bem em frente o Edilson Rebelo tinha uma mangueira agente parava lá, amarrava a canoa, que agente vinha de canoa, não tinha embarcação, quando não tinha ali alguns portos, agente parava ali, ou no Tupinambá, ou antes, no Chicó, ou no Josué, que era pra ali onde fica a Palmazon, aí vinha o

³⁰ Trecho da entrevista realizada com Venâncio Pantoja do Amaral, 65 anos, no dia 05 de fevereiro de 2013.

Idevaldo, ou ali no porto da d. Dominga Sena, ou então na Paragás, mas a maioria parava em frente ao Banpará, tudo parava lá.³¹

A rampa e outros locais, que por ventura aparecerem no decorrer desse trabalho, constituem-se em lugares de memória, ao levar em consideração que:

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica.³²

Em meio a portos privados, na rampa palpitava algo de uma vida simbólica de gerações que viveram o cotidiano portuário nas décadas de 1950 a 1980. O lugar era uma alternativa onde as populações ribeirinhas sentiam-se à vontade para aportarem e satisfazerem diferentes necessidades, espécie de local público, de negociação dos produtos das florestas como frutas regionais, carne de animais silvestres, peixes, dentre outros, largamente consumidos pela população, significando que os hábitos alimentares dos moradores da cidade, remontavam a suas raízes ribeirinhas. Esse aspecto fica mais evidente quando continuamos a observar os relatos de seu Venâncio, na década de 1950.

Naquela época o mercado era onde é o correio, lá matavam um boi e não vendiam uma banda, porque o município era farto. Olha o pessoal da BISA, dia de sábado, cada qual, aquele que sabia caçar, pescar, cada qual já tinha seu casco lá debaixo do trapiche, já ia de manhã, tudo equipado, deixavam lá, quando largava do trabalho, pulava no seu casco ia de dois a dois, ia embora, quando amanhecia o dia, já vinha abastecido de peixe, caça, fruta, tudo, aí pra vender a carne do mercado né? Matavam o boi sobrava tudo praticamente, o cara ia buscar tudo no mato de graça.³³

Nas cidades da Amazônia, feiras improvisadas como a que nos referimos acima, ou outras construídas pelo poder público, assumiam um papel destacado na orla

³¹ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

³² NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. de 1993, pp. 21-22.

³³ Trecho da entrevista realizada com Venâncio Pantoja do Amaral, 65 anos, no dia 05 de fevereiro de 2013.

da cidade, associadas à prática de atividades comerciais localizadas em frente ao rio.³⁴ Isso geralmente ocorria porque a cidade não era espaço de produção, mas de troca de produtos extraídos dos rios e florestas do entorno, desde seus primeiros traçados.

Em 1969, outras paisagens e relações sociais vão despontando em meio às narrativas dos entrevistados, alterando modos de viver da cidade. Vanderlei Lobato de Castro, que morou até o final da década de 1960, na vila de Corcovado, aproximadamente 5 km de distância de Breves, nos apresenta uma cidade em expansão, tanto em termos espaciais como culturais. É deste período, por exemplo, a criação da primeira escola ginásial da cidade.

Quando eu passei a estudar aqui, a partir de 69, o que eu podia perceber de Breves era, primeiro: que as ruas eram tudo areão, aqui em frente o ginásio Miguel Bitar era só areia, a educação já tava melhorando porque nesse tempo já tinha o ginásio. Quem concluía o ginásial era mesmo que tivesse um doutorado, era o curso maior, os professores eles eram todos requisitados dos órgãos, como a Fundação SESP, Banco do Brasil, Banco do Estado, Prefeitura e também os padres e as freiras, esses eram os professores que trabalhavam no ginásio. É impressionante, depois que o ginásio foi formando, nós somos professores regentes, o ginásio foi formando professor, muitos passaram a dar aula aqui no ginásio mesmo, eu conheço alguns colegas que trabalharam ali no ginásio.³⁵

Tereza Almeida, empresária na Rua Presidente Getúlio Vargas, nas proximidades da área portuária, também reviveu em suas lembranças costumes e paisagens transformadas pelo tempo. Embora a realidade apontasse para uma cidade sem infraestrutura física, manifestou saudosismo ao se referir aos modos de viver de outrora, próximos da natureza, das florestas, dos animais silvestres e menor incidência de violência na zona urbana. O que nos leva a fazer referência a uma passagem da obra de Simon Schama quando afirmou que “paisagem e lembrança são inseparáveis, não devendo existir o hábito de situarmos a natureza e a percepção humana em dois campos distintos”³⁶, pois para ele “antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente, compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas.”³⁷

³⁴ CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. *Tipologias e padrões de ocupação na Amazônia Oriental: para que e para quem?* In: O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas. Belém: EDUFPA, 2006, p. 57.

³⁵ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

³⁶ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 17.

³⁷ Idem.

Lembro quando eu era criança, na década de 70 e início da década de 80, quando me deixavam na casa do meu avô, lá na estrada, pra passar o final de semana quando eu estudava aqui, nós acordávamos lá e vínhamos a pé de lá, mais ou menos onde teve a invasão agora, a pé de lá até a igreja matriz; nós vínhamos todo domingo pra igreja com a minha vó, eu e meus dois irmãos, a pé, de lá, por que não tinha ainda a igreja do Perpétuo Socorro, a única igreja católica era a matriz e aquilo eu quando era criança, era muito divertido e a gente vinha na terra de lá até aqui, é uma lembrança boa que eu tenho, então a gente achava tartaruga pela estrada, via alguns animais pela estrada ainda e era divertido.³⁸

Dialogando com a concepção de “cidade-floresta” construída por Pacheco, ao trabalhar memórias de moradores oriundos dos espaços florestais do vizinho município de Melgaço que migraram para a cidade, podemos notar na forma como Tereza Almeida relacionava-se na sua infância com o meio ambiente circundante, hábitos assentados em saberes e experiências do mundo rural/florestal, transmitidos pelos pais e avós migrantes de áreas ribeirinhas.³⁹

A nostalgia por paisagens que foram degradadas ou eliminadas da superfície da terra como notamos nas memórias de Tereza Almeida, levou muitos estudiosos a incorrerem na ideia de admitir a “morte das paisagens”. Segundo Luchiari esses estudiosos esquecem o fato de que:

A paisagem é modelada pelas transformações naturais e pelo trabalho do homem e, acima de tudo, objeto de um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente no tempo e no espaço, pela percepção humana. As paisagens de artistas, geógrafos, arquitetos, turistas, ecologistas, planejadores e pessoas comuns não recobrem a mesma materialidade. A materialidade até pode ser a mesma, mas as representações são diferentes.⁴⁰

Nesses casos, as paisagens da cidade foram recriadas conforme as aspirações e sensações impressas nas memórias individuais e em parte coletivas. Aspectos visíveis também nas páginas dos periódicos e orientados pelas relações vividas na cidade em diferentes momentos históricos, ou seja, as representações que os documentos de pesquisa apresentam sobre a paisagem da cidade a um observador na atualidade, depende de muitos elementos adquiridos ao longo da vida. Assim, se nós

³⁸ Trecho da entrevista com Tereza Almeida, 40 anos, realizada no dia 27 de fevereiro de 2013.

³⁹ PACHECO, op. cit., p. 24.

⁴⁰ LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. *A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo*. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato, (orgs). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 19.

agimos sobre as paisagens do lugar, elas também agem sobre nosso modo de viver, e a construção da memória também se constitui como algo resultante desta ação recíproca.

A partir de pesquisas nos atos legislativos da Câmara Municipal, encontramos algumas referências ao processo de remodelamento da área portuária em documentos da década de 1950, quando a cidade estava sob o governo de Américo Carneiro Brasil (1955-1959). Em 1956, o Trapiche Municipal foi totalmente reformado, sendo também liberada a primeira remessa de crédito para a construção do novo mercado municipal da cidade, pois, o antigo tinha sido cedido para o Banco de Crédito da Amazônia, no mesmo ano. Em 1958 e 1959, outras remessas de verbas foram feitas. Não sabemos ao certo a data de inauguração do mercado, as memórias dos entrevistados apontaram para o início da década de 1960. Nesse intervalo de construção, o mercado municipal funcionou nas imediações atuais do correio de Breves.

Para Vanderlei Castro, funcionário público e ex-vereador do município, a preocupação com a frente da cidade acentuou-se no governo do prefeito João Messias dos Santos (1971-1973), quando a cidade ganhou novas fisionomias, adequados ao momento econômico em que vivia, consequência da expansão dos negócios madeireiros, como veremos mais adiante.

Ele que reformou a prefeitura, ele que fez aquela pracinha em frente à prefeitura, deu um novo visual pra frente da nossa cidade, foi o Dr. Messias. A prefeitura ali embaixo não funcionava, o Dr. Messias, que tinha um filho engenheiro, arquitetou tudo, aí montaram ali embaixo da prefeitura até uma lanchonete, ele que organizou ali, depois os outros já vieram e começaram a dar continuidade, o Wilson Frazão, por exemplo, mas foi o Dr. Messias quem começou esse processo.⁴¹

Até então, o que notamos com relação à arquitetura da cidade é a reprodução de um desenho urbanístico muito comum nas cidades amazônicas do período. As construções que normalmente ganhavam mais destaque eram a igreja matriz, a prefeitura, a câmara municipal e outros órgãos relacionados ao poder público, localizadas nas ruas em frente ao rio, no caso de Breves, a Rua Presidente Getúlio Vargas. As ruas dessas construções, na maioria das cidades, eram privilegiadas com manutenção e cuidados maiores que as demais, afastadas da área central.

Durante o período em estudo, o momento dessas mudanças foi experimentado como perda de referências das paisagens e dos costumes da cidade. Alguns

⁴¹ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

entrevistados, sensibilizados pela destruição que o desenvolvimento da cidade implicava, dedicaram-se a relatar o que desaparecia, detiveram-se sobre os vestígios da cidade antiga que desmoronavam diante do capitalismo trazido com a expansão do negócio madeireiro. Assumiram uma postura crítica em relação aos governantes e empresários que provocaram a “descaracterização” ou “destruição” de prédios públicos.

Em Breves, o caso mais conhecido relaciona-se ao prédio da BISA (Breves Industrial Sociedade Anônima). A empresa foi desapropriada pela prefeitura e vendida em um leilão público para comerciantes de destaque na cidade, na década de 1970, os quais lotearam a área adquirida e venderam grande parte do patrimônio a outros moradores. Há alguns anos o prédio onde funcionava o escritório da empresa, sinônimo de uma arquitetura peculiar, teve sua fachada e interior descaracterizados para abrigar uma loja de grande porte na cidade, a Marajó Tecidos.



Imagem 04 - Fotografias da Breves Industrial Sociedade Anônima a BISA, final da década de 1960, pertencente aos arquivos de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão e a foto na atualidade é dos arquivos de Dione Leão.

Para pensarmos essa questão, devemos levar em consideração que a paisagem não tem nada de fixo, de imóvel, pelo contrário, está em processo contínuo de ebulição entre demolições, recriações e resistências. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem, que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.⁴²

Nesse caso, é preferível pensarmos, conforme assegurou Hall, numa nova articulação entre “o global” e “o local” do que na hipótese de que a globalização

⁴² SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 37.

simplesmente destruirá a identidade local, mas que essa junção poderá produzir simultaneamente novas identificações “globais” e novas identidades “locais”.⁴³



Imagem 05 - Trecho da pavimentação da orla portuária, próximo ao Trapiche Municipal na década de 1970. Fotografia pertencente aos arquivos de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.



Imagem 06 - Pavimentação de trecho da orla portuária na década de 1970, pertencente aos arquivos de Wilson Frazão Neto e Cláudio Frazão.

⁴³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 77-8.



Imagem 07 - Fotografia de momentos da pavimentação de parte da orla da cidade na década de 1970, pertencente ao arquivo pessoal de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.



Imagem 08 - Trapiche de madeira construído na década de 1980, foto cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

As imagens demonstram que durante as décadas de 1970 e 1980, a cidade passou por profundas transformações nas paisagens portuárias, a começar pela intensificação do asfaltamento das ruas da orla, as principais ruas do centro e, posteriormente, a construção de um trapiche considerado moderno para os padrões da época.

Referências ao processo de pavimentação de diversas ruas e do cais de acostamento da cidade foram encontradas em decretos da Câmara Municipal de Breves do ano de 1971, assinado pelo então prefeito João Messias dos Santos.⁴⁴ Milton Galúcio, que trabalhou na gestão do prefeito Carlos Estácio (1977-1983) recompôs as suas lembranças sobre a administração do referido prefeito, associadas a um momento marcante de sua vida quando desempenhou um cargo significativo no governo.

A maioria das ruas do centro foi asfaltada na época do Carlos Estácio. Nessa época a cidade estava crescendo muito rápido, e ele precisava ajeitar essa frente aí do porto para receber melhor as pessoas. Grande parte da rua ainda era na lama e a Avenida Rio Branco era um areia horrível, um poeiral. O Estácio foi o prefeito que deu cara nova pra Breves, não é porque eu trabalhei na administração dele não. O Gervásio, que veio depois dele, fez muito também, foi responsável pela criação do bairro Castanheira e expansão da Cidade Nova, Aeroporto, Santa Cruz. Com o Gervásio Breves cresceu muito, ele foi um bom prefeito, mas nessa área de urbanização foi o Estácio que deu cara de cidade pra Breves.⁴⁵

Seu Benedito Carvalho chegou a Breves, vindo de Abaetetuba no ano de 1970 e encontrou uma cidade em processo de crescimento em função do negócio madeireiro no município, fato que será retratado mais a frente no trabalho. Embora sua opinião sobre a frente da cidade, em muitos trechos, se pareça com os demais relatos, nos apresenta lembranças relacionadas à já mencionada pavimentação da rua da frente da cidade em limites com a orla portuária, apresentada nas fotografias acima e no decreto lei da Câmara Municipal nº 43 de 1971, além da criação de outros espaços citadinos afastados da área central.

A rua da frente da cidade, a gente não podia andar, o pé da gente se andasse de sandália, ia sujar tudo. Então, quando o Carlos Estácio ganhou a eleição, começou a mudar, ele pavimentou a frente da cidade aí, fez o cais, o quebra mar e fez uma calçada. Quando o Gervásio Bandeira veio, ele falava nos comícios dele, “vou quebrar

⁴⁴ Segundo o Decreto lei nº 43 de 1971, assinado pelo prefeito João Messias dos Santos.

⁴⁵ Trecho da entrevista com Milton Galúcio, pertencente ao acervo do Projeto Revivendo nossa história, executado em 2009.

tudo essa calçada porque não presta e tal e tal”, não quebrou até hoje graças a Deus, ele fez foi aumentar mais um pouco. Então, a cidade daquela época pra hoje, ela evoluiu muito e agora cada prefeito que vem faz um bocadinho e vai evoluindo muito. A cidade só ia até o Crescêncio, hoje, a gente vê pra onde ela já está, tão fazendo outros bairros aí pra longe.⁴⁶

Se observarmos através das fotografias a seguir, a trajetória das construções incluindo bancos, portos, casas, comércio, dentre outros espalhadas pelos arredores da área portuária e central, notaremos que estas também nos trazem representações importantes sobre relações sociais entre a cidade e seus habitantes, como, por exemplo, a forma como as casas foram arranjadas nos espaços da cidade. As imagens nos ajudam a perceber que a Rua Presidente Getúlio Vargas e outras das redondezas da área portuária no período de estudo eram habitadas, na sua maioria, pela elite dominante, formada por comerciantes, profissionais liberais de instituições federais, estaduais, municipais e donos de serrarias.



Imagem 09 - Fotografia de parte da Rua Presidente Getúlio Vargas, entre Castilhos França e Mário Curica, cedida por Wilson Frazão Neto e Cláudio Frazão, década de 1960.

⁴⁶ Trecho da entrevista com Benedito Carvalho, 58 anos, realizada no dia 06 de março de 2013.



Imagem 10 - Casa de madeira na Rua Presidente Getúlio Vargas, esquina com a Rua Justo Chermont, pertencentes ao Tenente Abraão e D. Suzane Joubert, década de 1980. Fotografias cedidas por D. Suzane para o projeto Revivendo nossa história em 2009.

Em Breves, de certa forma, houve uma pressão propiciada pela expansão urbana para construir prédios modernos e retirar habitações tradicionais da área central. Verificamos essa tendência desde a década de 1940, quando o prefeito João Pereira Seixas sancionou uma lei municipal⁴⁷, que dava a preferência para a aquisição das casas de propriedade da prefeitura, localizadas na área central da cidade, para os funcionários municipais, os quais, ainda, podiam contar com o benefício de pagar em muitas prestações mensais, ajustadas a seus vencimentos. Ou seja, grupos de funcionários públicos beneficiavam-se de privilégios políticos para adquirir patrimônio na área central da cidade, expulsando migrantes sem apadrinhamento político para as áreas periféricas.

As melhores residências, localizadas na área portuária e nas principais ruas do centro como a Dr. Assis, parte da Castilhos França e a Avenida Rio Branco, eram construídas de madeira de lei de segunda linha, provenientes das empresas do ramo implantadas na cidade, já que a madeira de primeira linha era do tipo exportação, cuja venda era restringida à população local. As casas da área central eram, na sua

⁴⁷ Segundo a lei nº 3 de 19 de agosto de 1948.

maioria, cobertas com telhas de barro, mas somente um número reduzido de famílias residiam em casas de alvenaria, pois construções desse tipo eram privilégios de órgãos públicos e privados, como mostra a fotografia do Banco de Crédito da Amazônia, nos finais da década de 1950, e simbolizavam a expansão da modernidade em solo marajoara.



Imagem 11 - Banco de Crédito da Amazônia, década de 1950, prédio do primeiro Mercado Municipal de Breves e atual Banpará, ao lado residência de madeira. Fotografia cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

José Maria Garcia relembra em suas crônicas a primeira casa alugada em Breves, logo que chegou de Belém, em 1965, como um dos primeiros funcionários do Banco do Brasil.

É certo que, da parte do casal Carlos Rocha e Gesy não havia o mínimo esgotamento de sua hospitalidade. Ao contrário. Ainda assim, eu e Telma estávamos resolutos no sentido de encontramos logo nosso canto. Esta autolocação compeliu-nos a aceitar uma casa bem modesta, propriedade do comerciante Raimundo Tupinambá, construída em madeira, coberta de telhas de barro e situada na periferia da cidade. Embora na rua da frente, confrontada pelo rio. Por causa da maré de sigiza, a casa tinha o piso elevado e o trecho da rua era servido por uma extensa ponte de duas tábuas, chamada de “estiva”. Não era forrada; a instalação elétrica limitava-se a uns poucos “bicos” de luz e a “casinha” ficava lá no fundo do quintal, sob um pé de jenipapo de boa altura. Para se usar a latrina era

preciso caminhar não menos de 30 metros sobre outra “estiva”, de um metro de altura, cuidando para não despencar no terreno alagadiço embaixo.

Essa residência, como tantas outras de sua categoria, uma habitação insalubre.⁴⁸

O autor destaca a dificuldade em encontrar uma habitação adequada a sua condição social de funcionário do Banco do Brasil, tendo que aceitar o que estava disponível para locação na cidade. Demonstra ainda um detalhe interessante a cobertura de telha como um fator de distinção entre as habitações da cidade e privilégio das classe mais abastadas, ao contrário das casas cobertas de palha de ubussu utilizadas pelas famílias menos favorecidas.

Com relação às casas mais distantes do centro, habitadas pela população de classe baixa, eram usualmente construídas com madeira de terceira linha e de pouca qualidade, com cobertura de palha de ubussu abundante nas matas da redondezas, ficavam em grande parte na periferia da cidade. Nas décadas de 1960 e 1970, era considerado como periferia o final da Avenida Rio Branco, nas proximidades da Escola Odízia Corrêa Farias; a Rua Mário Curica, antiga Capitão Assis; os finais da Rua Presidente Getúlio Vargas, Castilhos França, nas proximidades do cemitério; a Passagem da Saudade; um pequeno trecho da Lourenço Borges, entre Avenida Rio Branco e Justo Chermont; e parte da Paes de Carvalho, nas proximidades do bairro Cidade Nova.

Em 1980 a cidade experimentava novos limites. O então prefeito Gervásio Bandeira providenciou a construção de conjuntos de casas populares no recém formado bairro da Castanheira e Aeroporto, que apesar da nomenclatura, em nada se pareciam com os modelos implantados à época nas capitais brasileiras⁴⁹, pois, ao invés de construções de alvenaria e cobertura de telhas de brasilit, a madeira e a palha de ubussu, foram as matérias primas utilizadas, reforçando um padrão de habitação tradicional dos espaços ribeirinhos.

⁴⁸ GARCIA, José Maria. *Crônicas do lugar dos Breves*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1996, p. 68.

⁴⁹ Refiro-me ao sistema habitacional criado entre 1964 e 1965 em diversas cidades do país, as Companhias de Habitação Popular (COHABs), empresas públicas ou de capital misto que tinham como objetivo principal atuar na concepção e execução de políticas para redução do déficit habitacional, sobretudo através de recursos oriundos do BNH (AZEVEDO & ANDRADE, 1982, p. 104).



Imagem 12 - Casas populares construídas no bairro Castanheira na década de 1980, arquivo pessoal de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

Nos relatos orais e nas fotografias, as ruas e casas eram mais modestas nas periferias e em meio a áreas de florestas, sendo esses espaços da cidade povoados por uma população majoritariamente ribeirinhas.

Vanderlei Lobato de Castro e João Aílto Sena Melo acompanharam o processo de expansão da cidade e explicaram em seus depoimentos os impactos socioambientais provocados pelo acentuado processo de migração ribeirinha durante as décadas de 1970 e 1980, destacando os principais problemas sociais observados na cidade em decorrência dessas migrações.

O pessoal do interior via que a madeira tava dando dinheiro na cidade e achando que chegando aqui na cidade ia ter casa, ia ter saúde, educação, tudo, acabou vendendo o terreno para os grandes industriais da madeira, lá onde ele caçava, pescava e veio pra cá, chegou aqui é outra história, outra realidade, aconteceu isso com muitas famílias aqui em Breves, chegou aqui não tinha nada, o pai começou a beber, a filha se prostituir, aí foi isso, esse inchamento de Breves foi isso, o cara vem em busca de alguma coisa, chega aqui e não têm.⁵⁰

Quando a gente veio pra cá pra Breves, o papai trouxe a gente pra estudar, mas foi um perrengue, tivemos que morar no meio do mato, devido não ter casa e nem condição de pagar aluguel no centro,

⁵⁰ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

então umbora morar pra ali onde a prefeitura tá abrindo rua, lá pro fim da Castilhos França, aí foi, fizemos uma casa com tábuas de laje e açazeiro.⁵¹

Por meio dos depoimentos, observamos que o remodelamento da cidade realizado pelas diferentes administrações ao longo de décadas modificou sensivelmente a paisagem da cidade na área central, emprestando-lhe uma nova fisionomia: pavimentação de ruas, melhoramento do sistema de iluminação elétrica pública, reforma de prédios públicos, construção de novos edifícios adequados à nova realidade econômica, no entanto a população que começava a ocupar os espaços mais periféricos não sentia melhorias na qualidade de vida.

Isso mostra que o processo de urbanização ocorrido em Breves, a exemplo de outras cidades amazônicas, não decorreu da industrialização, como nas grandes metrópoles do restante do país, mas de um processo de exploração dos recursos naturais.⁵² Em meados de 1970, a extração e beneficiamento da madeira reforçaram desigualdades históricas existentes entre segmentos sociais privilegiados e oprimidos, conforme verificado nos depoimentos orais.

⁵¹ Trecho da entrevista com João Ailton Sena Melo, 39 anos, realizada no dia 02 de março de 2013.

⁵² BECKER, Bertha K. *Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?* In: Revista Parcerias estratégicas, número 12, setembro de 2001, pp. 136-7.

1.2. Memórias de acontecimentos na área portuária e cidade.

Com o inchaço populacional da cidade, não é de se estranhar que dentre os acontecimentos que marcaram a história dos espaços portuários estejam as visitas do Projeto Rondon⁵³, que deslocavam centenas de moradores para o porto onde ficavam ancorados as embarcações do referido projeto, a fim de receberem principalmente tratamento médico e ambulatorial adequados, já que o único hospital da cidade não disponibilizava de tratamento especializado. Segundo os críticos do projeto, a iniciativa também cumpria funções de cooptação do movimento estudantil. Perdurou até 1989, quando foi extinto. Envolveu mais de 370 mil estudantes e professores de todas as regiões do país.

A iniciativa também simbolizava as estreitas ligações de um grupo político local com o lema “integrar para não entregar”, adotado durante a ditadura militar. Uma mostra dessa ligação aparece por meio de fotografias de visitas dos militares ao município, ou na ação do governo municipal em financiar, na década de 1970, a implantação do Quartel do Exército (Tiro de Guerra) na cidade, com intenção de preparar os jovens marajoaras na defesa da nação e fortalecer ainda mais o controle dos militares na região.



Imagens 13 - Visita do Governador Jarbas Passarinho em 1975, no governo de Wilson Câmara Frazão. Fotografia pertencente aos arquivos pessoais de Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

⁵³ O Projeto Rondon foi criado em 1969, estava diretamente articulado ao ideário desenvolvimentista dos militares, promovia atividades de extensão universitária, levando estudantes voluntários às comunidades carentes e isoladas do interior do país, onde participavam de atividades organizadas pelo governo. (http://pt.wikipedia.org/wiki/projeto_rondon#cite_note-2).

Nas lembranças de José Luiz Pena Pereira e Vanderlei Lobato de Castro, durante o período de ditadura militar, um caso de tortura marcou a história da população de Breves. Os entrevistados referem-se ao episódio conhecido como “o caso Paraguaçu”. O fato ocorreu na década de 1970, nas proximidades da Vila de Corcovado, pequeno povoado composto na maioria por operários da indústria de madeira ali instalada.

Um senhor, membro da comunidade, chamado Apolônio, desapareceu repentinamente nas matas da redondeza do povoado, mobilizando dezenas de moradores a sua procura. Depois de alguns dias do ocorrido, um pequeno avião aterrissou em Corcovado, com o filho da vítima, que era sargento da Aeronáutica em Pernambuco, disposto a desvendar o crime. Entre idas e vindas chegou-se a um suspeito, um morador da vila, chamado Paraguaçu, apontado por populares de, alguns dias antes do desaparecimento, ter se envolvido em uma discussão com o desaparecido por questões relacionadas à posse de terras na localidade.

O suspeito de cometer o crime foi levado para Belém para interrogatório, após alguns dias retornou novamente acompanhado de membros das forças armadas. Nas memórias de Vanderlei Lobato de Castro, Paraguaçu estava com a cabeça raspada e demonstrava sinais de confusão mental. Junto com os oficiais e o suspeito também veio um caixão, pois, por meio de torturas, o suspeito confidenciou o lugar onde teria supostamente enterrado o corpo da vítima, em um cemitério da vila, mas depois de escavarem o local encontraram apenas ossos de uma criança.

Retornaram, então, com o suspeito para Belém e por algum tempo não se teve notícia do andamento da investigação. Após algumas semanas, Paraguaçu apareceu na vila novamente, foi liberado pelos oficiais por falta de provas. Meses depois, um homem, andando nas matas da estrada de Breves, encontrou um corpo em estágio avançado de decomposição, era o de seu Apolônio que, segundo as explicações da época, teria se perdido na mata e falecido.

Lembro que vi pela primeira vez um homem sendo arrastado pela Av. Rio Branco. Tinha a cabeça raspada, e foi levado para a Delegacia, que ficava onde hoje é o fórum. Era o rapaz acusado da morte de um senhor lá pras bandas da estrada. O corpo do senhor foi encontrado já em adiantado estado de decomposição, praticamente o esqueleto. O que eu sei é o que se comentava. Não havia jornal nem rádio para noticiar. Soube que um policial PM, não sei se oficial, veio a Breves para ficar a frente das investigações, e esse oficial seria filho da vítima. Soube também que o acusado foi muito torturado.

Foi levado para Belém, amarrado no mastro de um navio da Enasa. A coisa era escabrosa naquele tempo e esse caso ficou na minha memória como uma coisa ruim, uma espinha encravada na memória que me faz lembrar que aqueles tempos, apesar da aparência de liberdade, foram tempos de violência. O poder dessa violência pairava no ar. Todo mundo sabia que ninguém estava seguro, pois não havia garantia de justiça para ninguém.⁵⁴

Momentos de repressão e violência vividos pela população em tempos de ditadura militar se fazem ouvir nas memórias de José Luiz Pena Pereira e insere a cidade no ritmo de vida que marcava todo o país. A atuação dos militares nessa parte do arquipélago marajoara não se restringia somente a participações em inaugurações e festas cívicas, como demonstram as fotografias do período, mas seguia as mesmas características de outras cidades, a censura nos veículos de comunicação e aparente liberdade de expressão, a repressão do período era sentida por uma parcela da população local.

Dentre outros acontecimentos marcantes da cidade está um bastante curioso, o caso do roubo de santos do altar da Igreja Matriz de Santana, ocorrido em 1973, quando foram roubadas as imagens da padroeira Santana, São Joaquim e de Nossa Senhora da Conceição. Segundo Pacheco:

O jornal A Província do Pará noticiou os esforços dos populares que, apoiando o delegado, saíram em diligência para capturar o culpado. O pároco registrou no Livro de Coisas Notáveis da Paróquia de Breves ter viajado para Belém com alguns moradores, a fim de fazer uma busca nos antiquários, acompanhados por uma polícia secreta, autorizada pelo delegado do interior de Belém. As buscas, contudo, depois de 15 dias, não tinham conquistado sucesso e, na volta para Breves, a imprensa paraense noticiou que as imagens tinham sido encontradas na porta da igreja do município de São Sebastião da Boa Vista.⁵⁵

Pacheco menciona que com a notícia Breves, então, entrou em festa, organizaram-se comitivas envolvendo autoridades como o prefeito, o pároco e uma multidão de católicos e, em cortejo pela cidade carregaram as imagens recuperadas, desde o Trapiche municipal, percorrendo as principais ruas do centro. “A alegria da população manifestava-se também em lágrimas, foguetes e na participação na missa em Ação de Graças pela volta das imagens.”⁵⁶

⁵⁴ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira realizada no dia 06 de janeiro de 2014.

⁵⁵ PACHECO, Agenor Sarraf. *En el corazón de la Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras*. Tese de Doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2009, p. 203.

⁵⁶ Idem.

No início da década de 1970, outro acontecimento, nesse caso trágico, marcou profundamente a memória de muitos entrevistados: o naufrágio do Barco Motor Liduína, ocorrido nos estreitos de Breves, com um número considerável de vítimas fatais, entre 35 a 40 pessoas, segundo mencionou seu Enéias Pinheiro, que afirmou ter lido a notícia em um jornal da imprensa de Macapá e imediatamente dirigiu-se para Breves, pois temia ter familiares dentre as vítimas.

Eu tava lá em Macapá e aí ia passando um rapaz e disse: “olha aconteceu um acidente grave abaixo o Jaburuzinho, aquele navio que ia daqui, o Liduína naufragou, morreu quarenta e tantas pessoas, crianças são nove que estão desaparecidas; esse barco fazia linha Macapá/Belém, mas ele vinha embarcando e passava aí no Jaburuzinho, que era um porto de escala, daí ele ia pra Breves, de Breves pra Belém. Quando ele saiu do Jaburuzinho, parece que o comandante vinha meio chapado, de madrugada, aí embarcaram gente lá e vinha um bocado dormindo, que quando chegou em frente a boca do Pracaxi, ele deu uma desguiada e entrou no barranco, foi lá em cima, e aí foi afundando de popa e aí quem vinha dormindo foi morrendo tudo, o compadre Alípio tinha um comércio lá defronte, ele contava que uma senhora agarrou uma criança dela, em vez dela ir pra parte daqui da banda do Jupatiba, ela saiu pra banda do Pracaxi, pra onde o barco tinha arreado, nadando com uma criancinha no braço e, antes dela chegar no porto do compadre Alípio, ela afundou, ela e a criança, morreram todos dois; de noite, ela não sabia pra onde estava indo. Eu sei que quando eu vim de Macapá eu cheguei aí tava naquela arrumação de cadáver sendo encontrado, mas gente nossa não morreu ninguém, só morreu gente que vinha de Macapá.⁵⁷

Seu Venâncio Pantoja do Amaral contou que o acontecimento alterou a rotina da cidade, por vários dias os corpos desembarcavam no trapiche municipal e da BISA e de lá seguiam para o hospital. As vítimas foram enterradas no cemitério Santa Rita, devido ao estado avançado de decomposição dos corpos, sendo difícil a remoção para Macapá; o velório foi de forma coletiva, nos galpões da empresa, onde atualmente é a Praça do Operário, na Rua Presidente Getúlio Vargas, em paralelo com a área portuária.

A lembrança do naufrágio do barco Liduína ainda sobrevive na cidade nos dias de hoje, apesar de passados mais de 30 anos. Mas é no cemitério Santa Rita, em frente às sepulturas de nove crianças vítimas do naufrágio, principalmente no dia de finados, que a história é ressignificada. A cada novo relato sobre a tragédia emerge das

⁵⁷ Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, 74 anos, realizada no dia 18 de março de 2013.

memórias novos detalhes, daqueles que a presenciaram e de outros que a ouviram de moradores mais antigos da cidade.

As crianças foram enterradas uma do lado da outra, são conhecidos como os “nove anjinhos”, o que desperta interesse nos visitantes. É possível ver um movimento de devoção no local, onde dezenas de pessoas fazem promessas e lá acendem velas, depositam flores, reformam as sepulturas para retribuir as graças concedidas. As memórias do naufrágio assumem uma explicação mítica do passado. O mito transfere o acontecimento para outro tempo, estabelecendo um tempo anterior que se perde nas origens e se afirma como mítico, colocando em dúvida a história, conforme assinala Knauss.

A mesma cidade que lembra, também esquece, pois são poucos os que se lembram da data ou do ano dos acontecimentos trágicos, e é muito raro encontrar alguém que saiba o local onde ocorreu o acidente. Assim, lembrança e esquecimento convivem na construção permanente da memória, a cidade vive sem a lembrança de informações históricas, mas com a memória que tem a força do mito como chave de leitura do passado. Entre a memória e a história o acontecimento é verdadeiramente constituído entre o discurso afetivo da memória e o discurso crítico da história. A cidade continua vivendo da memória reproduzida por meio de sentimentos compartilhados pela lembrança. Práticas e atitudes contemporâneas e tradicionais convivem lado a lado, incluindo a convivência de velhos e novos usos do passado. E mesmo diante da experiência urbana contemporânea, a cidade continua a se definir como sentimento.⁵⁸

⁵⁸ KNAUSS, Paulo. *A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea — o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n° 53, 2007, pp. 25-54.

1.3. Água, luz elétrica e epidemias: problemas enfrentados pela população local.

Desde os primeiros relatos dos entrevistados, ou ainda nas outras fontes de pesquisa a ausência ou ineficiência do sistema de energia elétrica sobressaíram-se nos diferentes discursos sobre a cidade, devido à necessidade da implantação e regularização de um serviço de energia elétrica satisfatório para a população, como vimos em outros momentos e continuaremos a observar na segunda parte do trabalho.

A cidade sempre procurou dominar a luz, inicialmente para questões relacionadas à segurança, depois adquiriu outros sentidos para a vida social e a vida privada, o lúdico e o trabalho passam a depender da luz artificial, mudando o olhar sobre a cidade ao valorizar o espaço público e da vida doméstica.⁵⁹

Embora os estudos de Roncayolo se refiram ao contexto dos finais do século XIX e início do XX de algumas cidades europeias, suas observações são referenciais e servem para demonstrar os significados atribuídos à luz artificial no cotidiano das pessoas e as transformações causadas por essa novidade.

Em Breves foram encontrados nos documentos do arquivo público da cidade muitas referências à questão da energia elétrica, demonstrando uma inclinação do poder público, pelo menos nos papéis, em melhorar o problema. Muitas leis sancionadas pela Câmara Municipal de Breves na década de 1950 autorizavam repasses de verbas públicas para manutenção, ampliação e construção de usina de força de energia.

Em 1951, sob a lei de nº 25 de 06 de agosto, a Câmara Municipal autorizou o prefeito municipal Antônio Bernardo de Souza Filho a promover a reforma e ampliação do serviço de iluminação pública na sede do município, que deveria abranger todas as praças, ruas, avenidas, travessas e logradouros públicos, incluindo a substituição de postes, ampliação da rede geral condutora de energia, adquirindo para isso, de preferência, um conjugado elétrico sistema a diesel, de potência nunca inferior a 25 quilowatts, fios, postes, isoladores e demais materiais necessários à construção desse serviço, destinando para isso SESENTA MIL CRUZEIROS (Cr\$ 60.000,00), retirados dos recursos disponíveis do município. Três anos depois, sob o governo de Osvaldo de Oliveira Fernandes Pena, a lei nº 33 de 13 de setembro de 1954, autorizava a prefeitura a construir um prédio de alvenaria destinado a Usina de Força e Luz desta

⁵⁹ RONCAYOLLO, Marcel. *Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais*. In: Revista Projeto História, v. 18, maio, 1999, p. 97.

cidade, bem como adquirir o material necessário à renovação da respectiva rede elétrica, para ocorrer o pagamento das despesas oriundas da execução da presente lei, a Câmara autorizou o crédito especial de DUZENTOS MIL CRUZEIROS (Cr\$ 200.000,00) por conta dos recursos disponíveis do município. 1957, sob lei nº 73 de 29 de junho mais um crédito especial de CENTO E CINQUENTA MIL CRUZEIROS (CR\$ 150.000,00) foi destinado à recuperação dos geradores elétricos da Usina Municipal de Eletricidade pelo então prefeito Américo Natalino Carneiro Brasil, já em 1960 a lei nº 109 de 29 de dezembro, sancionada pelo prefeito Floriano Pinto Gonçalves, abriu outro crédito especial de CEM MIL CRUZEIROS (Cr\$ 100.000,00), destinados à cobertura dos serviços de recuperação da rede condutora de energia elétrica desta cidade, inclusive aquisição de postes, peças e acessórios.

Segundo dados do IBGE anexados a obra de José Maria Garcia, em 1960 apenas 300 casas recebiam esse serviço, no ano de 1970 o número subiu para 420 casas, o que equivalia a 40% do total geral. O quadro foi ampliado significativamente nos finais dos anos de 1970, com a construção da usina da CELPA na cidade. No ano de 1989 já eram 2.800 casas com energia elétrica, correspondente a 83,3% das residências da cidade.⁶⁰

Para além das questões referentes à energia elétrica, mas referindo-se a cidade em 1939, o jornal Estado do Pará estampava em suas páginas a seguinte notícia:

Quem conheceu a cidade de Breves antigamente, com as suas poucas ruas sujas, abandonadas, sem hygiene e outros cuidados indispensáveis, e hoje lhe faz uma visita observa imediatamente que tudo ali se desenvolveu e progrediu, pois Breves é hoje, uma cidade de ruas limpas, asseadas, niveladas, ampliada com a abertura de novas travessas, apresentando um aspecto que bem impressiona e pelo qual se conclue que o trabalho constructor não foi e nem é ali uma ficção. Os prédios públicos foram totalmente remodelados, revelando Breves uma higienização completa.⁶¹

Dez anos mais tarde, em 1949, o jornal, A Província do Pará, exibia outra reportagem nos mesmos moldes da anterior, ao destacar traços de uma urbanidade, até então, desconhecida nas memórias dos moradores, nas fotografias e nos próprios documentos pesquisados sobre a cidade. A matéria intitulada “Breves, uma cidade fidalga nos labirintos da região das ilhas”, dizia o seguinte:

⁶⁰ GARCIA, José Maria. *Crônicas do lugar dos Breves*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1996, p. 200.

⁶¹ Jornal Estado do Pará de 09 de abril de 1939, p. 28.

Água encanada, luz elétrica e inúmeros serviços públicos, demonstram o seu progresso. Quem navegar pelo intrincado labirinto de rios, canais estreitos que compõe a chamada região das ilhas depara numa grande claridade luminosa, uma cidade fidalga e simples: Breves. O Paranaú de águas tranquilas e barrentas passa-lhe à frente com o seu doce murmúrio de rio manso. O cais de madeira separa a “urbus” principal do canal sossegado e lá em cima, na zona suburbana, a extensa planície de relvas, as casas pintadas de branco, uma palmeira solitária. E jardins imponentes. Quase todos os donos de casa cultivam as flores. Mas não só flores – árvores frutíferas e legumes são plantados, criando-se zilos deliciosos de horticultura indígena.⁶²

Os jornais da imprensa paraense em destaque na segunda metade do século XX, utilizados na pesquisa, são fontes que noticiaram muitas das transformações pelas quais passavam a cidade, riquíssimas para o estudo dos comportamentos, das representações e das práticas de certos grupos e classes que viveram em Breves na referida época.

No entanto, antes de utilizá-los como fonte de pesquisa, como indicou Marcondes Filho, é importante saber a história dos próprios jornais, as posições políticas de seus donos, a linha editorial adotada, o perfil dos patrocinadores e a que grupos políticos e econômicos estão vinculados, pois os impressos, assim como outras fontes históricas são instrumentos dotados de ideologias e interesses múltiplos.⁶³

O que significa dizer que o jornal é um espaço de representação social e, assim como as memórias, as fotografias, as pinturas, trazem diferentes lugares de pertencimento e de relações de poder, construindo e reconstruindo perspectivas e vivências da cidade. No caso das reportagens, por vezes o discurso apresentado é de uma elite dominante politicamente, que pretendia vender uma imagem positiva da cidade. Por esse motivo, questões referentes às problemáticas da água, das epidemias de malária, da energia e das ruas cobertas de lama, terrenos alagadiços em tempos de inverno amazônico e da poeira na época do verão, problemas que afetavam diretamente as populações menos abastadas, não eram expostas nas reportagens.

Com relação ao fornecimento de água, em 1954, documentos da Câmara Municipal de Breves⁶⁴ apontaram para um preliminar levantamento topográfico para a construção do abastecimento de água encanada na cidade, pois até então a água consumida pela população para beber e cozinhar vinha, na sua maioria, de um

⁶² Jornal A Província do Pará, 11 de março de 1949, p. 13.

⁶³ MARCONDES FILHO, Ciro. *Imprensa e capitalismo*. São Paulo: Kairós, 1984, p. 39.

⁶⁴ Mediante a lei nº 36 de 13 de setembro de 1954.

poço existente no hospital da cidade, que cedia diariamente para os moradores porções (latas) de água.

D. Terezinha Nêmer, moradora da Rua Presidente Getúlio Vargas, na área portuária, reportou-se às constantes idas ao hospital para abastecer os reservatórios de água potável de sua casa nos finais dos anos de 1950.

Na nossa rampinha a gente pegava a água do rio e lá no hospital ou no poço da Jorgete pra beber, eu lembro que aqui em casa tinha um pote que levava cinco latas de água, aquilo tinha que encher todo dia.⁶⁵

Sobre essa problemática da água, José Luiz Pena Pereira também se posicionou em seu depoimento, mencionando que o fornecimento de água sempre foi precário na cidade.

Na década de 1960, a gente tinha que ir buscar água no Hospital do SESP para beber, era a única água tratada que havia, para o resto a gente usava água de poço ou do rio mesmo. Até 1975 a água em casa era de poço, embora já houvesse um fornecimento incipiente da COSANPA. Carregar água era um exercício diário.⁶⁶

Dentre as imagens que ficaram nas memórias de seu Raimundo Sarges de Castro, frequentador regular da cidade desde os anos de 1950, pois morava no espaço rural no Rio Macacos, está uma imagem de cidade onde a rua principal, a Presidente Getúlio Vargas, é coberta por serragem de madeira, o que a população denomina de moinha. Em muitos trechos essa é alagadiça, que para transitar eram construídas pontes improvisadas com madeiras reaproveitadas da única madeireira da cidade, a BISA.

Lá onde era casa do Tota, lá no fim dessa rua da frente que era a casa do delegado de intendência, era só cacimba que tinha na cidade, no outro lado a rua terminava logo ali na entrada da Curica, só tinha umas três casas assim, dali era um anhingal⁶⁷ que credo, essa frente ali de inverno era só uma aguaceira, era só umas pontes, tudo avacalhado, tudo quebrado.⁶⁸

Parte da população amontoava-se em moradias precárias, em cima de terrenos alagadiços no centro da cidade e nas periferias, praticamente sem água tratada, sem condições sanitárias satisfatórias, ficavam vulneráveis às contaminações e à possibilidade de expansão das epidemias. As águas paradas difundiam o mosquito

⁶⁵ Trecho da entrevista com Tereza Almeida, 40 anos, realizada no dia 27 de fevereiro de 2013.

⁶⁶ Trecho da entrevista com José Luís Pena Pereira, 57 anos, realizada no dia 24 de março de 2013.

⁶⁷ Vegetação típica das margens de rios da região.

⁶⁸ Trecho da entrevista com Raimundo Sarges de Castro, 82 anos, realizada no dia 12 de agosto de 2009 por ocasião do “Projeto Revivendo nossa história” em Breves.

transmissor da malária. De 1940 a 1970, centenas de pessoas foram atingidas por essa moléstia. Dados do Instituto Evandro Chagas demonstram que em julho de 1943, Breves era uma pequena cidade de cerca de 700 habitantes, e uma das localidades mais malarígenas do baixo Amazonas. Um inquérito da instituição revelou plasmódios no sangue de 22% dos habitantes, e 45% de esplenomegalias.⁶⁹

A situação de emergência acelerou o convênio do Estado com o governo americano, criando o primeiro hospital da cidade, o SESP, em meados de 1942, quando era urgente a obtenção de borracha amazônica em grande escala para a guerra, fazia-se necessário manter ativos e, tanto quanto possível, livres de acesso de malária os milhares de seringueiros espalhados na região. O emprego do DDT domiciliar no combate a malária produzida pelo mosquito transmissor foi iniciado na cidade de Breves, em caráter experimental, em maio de 1945.

Toda a localidade foi tratada, ocorrendo uma baixa sensível nos casos de contágio de malária. O DDT era aplicado num intervalo de dois meses em Breves e em Corcovado, vila próxima à cidade. Em maio de 1947, um ano após o início da dedetização, o índice plasmódico tinha baixado para 1,5% e o esplênico para 16,8. Em maio de 1947, os mesmos índices haviam decrescido ainda mais, para 0,3% e 8,3% respectivamente.⁷⁰

A partir de 1970, velhos problemas foram ampliados. Com o crescimento desordenado da população, o movimento no porto ganhava novos contornos, gerando o agravamento de problemas latentes como novos surtos de malária, atingindo uma gama da população mais pobre e ribeirinha recém-chegada. Por esse motivo, em 1971, a prefeitura montou definitivamente um posto da SUCAM na área portuária de Breves, para controlar a doença.⁷¹

Dessa forma, direcionar um olhar para a cidade de Breves no período em estudo, significa buscar por explicações acerca do processo de reconstrução das representações simbólicas sobre os espaços dessa cidade, ou seja, entender quais eram as ideias ou ideologias que envolviam os sujeitos sociais nesse tipo de urbanidade da

⁶⁹ INSTITUTO EVANDRO CHAGAS. *Memórias do Instituto Evandro Chagas* (série produção científica). Belém, 2002, p. 222.

⁷⁰ INSTITUTO EVANDRO CHAGAS, op.cit., 222- 336.

⁷¹ Segundo o Decreto da Câmara Municipal de nº 33/71, foi liberado 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) para atender as despesas com a construção de um trapiche com depósito, em madeira para uso privativo do Distrito técnico administrativo da superintendência das campanhas (SUCAM), com sede nesta cidade, a título de cooperação do município ao referido órgão de saúde pública.

Amazônia Marajoara⁷² em diferentes momentos históricos, em um movimento contínuo de transformações das paisagens e modos de viver.

⁷² Pacheco cunhou a expressão para criticar o isolamento que o termo “ilha de Marajó” produz. Defende a compreensão de uma região como “zona de contato” com os diferentes territórios da Amazônia nacional e internacional (PACHECO, 2009, pp. 17-25).

1.4. Pelos rios, portos e florestas: negócios, modos de produzir e viver em Breves.



Imagem 14 - Tela “Negociante ribeirinho” retrata os deslocamentos diários de moradores do entorno para venderem os produtos como o açaí retirado das florestas e negociado nos portos de Breves ao amanhecer. Acervo de obras de José Tadeu, 2006.

A história da cidade está diretamente ligada aos negócios de diversos produtos retirados das florestas e aos seus processos de comercialização, por meio dos transportes fluviais, para diversas localidades da região do Brasil e do mundo, como é o caso do açaí, representado na imagem, produto de grande valor cultural e comercial para o povo marajoara. Nesse cenário, os portos e os rios eram os espaços de mobilidade para as transações comerciais e interações entre diferentes sujeitos sociais. No período de estudo, 1940 a 1980, em cidades ribeirinhas como Breves, quase tudo passava pelos portos e, antes deles, pelos rios.

Essa é uma realidade de muitas cidades da Amazônia. Almeida ressalta que no Pará do século XIX, a abundância de rios e furos possibilitava tanto o escoamento de produtos quanto comunicação entre localidades da província, funcionando como alternativa viável de transporte devido à indisponibilidade de recursos para a

construção de estradas e pontes que diminuíssem distâncias entre as localidades da província. A autora ressalta ainda que os rios aproximavam moradias tanto na cidade de Belém quanto nos interiores da província. Nestes, muitas propriedades dispunham de contato próximo com pelo menos um rio, pelo qual as canoas podiam singrar, facilitando os contatos, inclusive com a capital.⁷³

Em Breves, por meio das conexões entre as florestas, rios e portos, uma gama de produtos entrava e saía da cidade, dinamizando o comércio local. Produtos como borracha, madeira, arroz, sementes oleaginosas, peles de animais silvestres, frutas tropicais cruzavam os estreitos de Breves em embarcações de variados tamanhos e calões para serem negociados em diferentes partes do mundo. Cabe então, conhecermos os modos de extração, produção e comercialização desses artigos que ativaram a economia local, nacional, internacional em suas relações com os modos de pensar e viver em uma cidade da Amazônia.

Não era por acaso que Breves atraía, desde o período colonial, dezenas de visitantes. Conforme mencionou Theodoro Braga, a sua posição geográfica privilegiada facilitava o fluxo de embarcações em direção ao baixo Amazonas. A cidade era uma espécie de parada obrigatória tanto para comerciantes quanto para viajantes interessados em conhecer, extrair e comercializar produtos da fauna e flora da região. Segundo aquele autor, em 1894 a cidade era uma das poucas povoações do interior do Estado onde o progresso era mais visível, destacava-se economicamente como produtora de borracha e óleo de andiroba e uma fabricação incipiente de telhas, tijolos, louça e vasos pintados, comercializados entre “amadores”.⁷⁴

Weinstein destaca que os municípios paraenses Breves, Anajás, Melgaço e Gurupá respondiam pela maior parte da borracha produzida, na década de 1870⁷⁵. Outros registros oficiais colocam Breves em 1896 e 1897, liderando a posição de maior produtor do artigo na região, com o recorde de 1.497.304 quilos de borracha

⁷³ ALMEIDA, Maria Rocha Conceição. *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010, p. 75.

⁷⁴ A obra de Theodoro Braga. *O Município de Breves (1738-1910)* é um trabalho monográfico pioneiro sobre a cidade. A partir de estudos em documentos oficiais da coroa portuguesa e obras vulgarizadas, traçou um panorama sobre o município. Com caráter bastante descritivo, pormenorizou as impressões de alguns dos viajantes naturalistas e missionários que passaram pela cidade, entre os séculos XVII, XVIII e XIX e transcreveu trechos da legislação provincial, estadual e municipal referentes ao município.

⁷⁵ WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 71.

produzidos, seguido por Anajás com 993.173.⁷⁶ Sendo que o ápice da produção teria ocorrido em 1900, com 1.547.374 quilos, conseguindo manter essa liderança até a primeira década do século XX.⁷⁷

O período compreendido entre 1870 e 1915 marcou o processo de expansão e apogeu da economia da borracha na Amazônia. No município de Breves, negociantes dispersos por alguns dos principais rios da região⁷⁸, recolhiam, por meio do sistema de aviamento, centenas de quilos do produto com seringueiros ribeirinhos, possibilitando a exportação da borracha pelos portos de Belém e Manaus.⁷⁹

A crise que atingiu o mercado da exportação da borracha no Brasil a partir de 1915 foi também sentida no município de Breves, afetando a produção e a comercialização desse produto. Notou-se através de documentos anexados a obra de Braga que a área patrimonial da cidade ganhou novos limites. Propriedades privadas tornaram-se públicas. A cidade apresentou aumento no número de ruas, travessas, avenidas e construções públicas⁸⁰, levando supõe-se ao aumento da população, provavelmente em decorrência da crise gerada pelo setor gomífero, redesenhando os traçados, pois muitos ribeirinhos e extratores da borracha se deslocaram para Breves em busca de outras formas de sobrevivência.

É interessante também perceber que, embora tenha ocorrido um decréscimo acentuado da produção da borracha, esta não perdeu totalmente sua importância econômica. Da década de 1930 até 1960, essa atividade ainda subsistia no interior das comercializações, juntamente com outros produtos como madeira, peles de animais silvestres, sementes oleaginosas, carne de caça, peixes salgados, negociados principalmente por intermédio dos regatões que regularmente singravam os rios marajoaras, em busca desses produtos. Essas questões serão mais bem explicadas à frente.

Em 1939, o jornal Estado do Pará ressaltou a variedade de produtos que compunham a economia local nesta década, destacando a madeira que, desde os

⁷⁶BRAGA, Theodoro. *O Município de Breves – 1738 a 1910*. Belém: Impresso pela Empresa Graphica Amazônia, 1919, p. 93.

⁷⁷ WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993, p.218.

⁷⁸ Theodoro Braga registrou em 1910, a incidência de barracões e casas comerciais no Rio Boiussú, Machaqualy, Tajapurú, Macajubim, Laguna, furo do Limão, Boiussusinho, Mapuá-miry, Mapuá, Aranhay, Mututy, Mariahy (BRAGA, 1910, p. 32).

⁷⁹ BEZERRA NETO, José Maia. *A economia da borracha e o esforço de guerra: os soldados da borracha na Amazônia*. In: Pontos de História da Amazônia, vol. II. Belém: Pakatatu, 2000, p. 27-8.

⁸⁰BRAGA, Theodoro, op. cit., 219.

primeiros anos de 1920, ganhava espaço e tornou-se a partir da década de 1940, o produto mais exportado da região, conforme veremos mais a frente neste trabalho.

Breves, município vasto e opulento, possuidor de grandes florestas, onde a borracha, as sementes oleaginosas, a madeira de lei, o timbó e toda a sorte de raízes preciosas, abundam numa fartura estupenda, Breves está forjado a ter um futuro brilhante. Os seus grandes portos de embarque de madeiras, conhecidos no Brasil e no estrangeiro, nos quais aportam diariamente, navios de todas as procedências, transatlânticos de grande tonelagem que vão se abarrotar de colossais toras de madeiras destinadas ao sul do paiz e do estrangeiro.⁸¹

Segundo Lobato Filho, embora a produção amazônica do látex em 1930 correspondesse a apenas 1% da produção mundial, o sistema produtivo perdera a vitalidade, mas não se extinguiu e durante a Segunda Guerra Mundial, um esforço conjunto dos governos brasileiros e americanos reaqueceu novamente o setor. Após a guerra, muitos seringueiros continuaram na mata e o sistema permaneceu mantendo ainda traços que o caracterizavam desde o início do século, quando a produção estivera no auge.⁸²

Este foi o caso de seu João Félix Medeiros, nascido e criado em meios aos rios e florestas marajoaras, migrou para a cidade nos finais da década de 1960. Nas memórias do narrador, entre os anos de 1940 e 1950, grande parte da população que vivia em áreas rurais sobrevivia do negócio da borracha. Entregavam a produção a um patrão. A maioria desses “patrões”, mencionados pelo entrevistado, não dependiam exclusivamente da borracha, a maioria desempenhava outros negócios paralelos.

Nessa época, todo mundo fazia esse negócio com a borracha. Nossos patrões era o finado Cornélio Torres, no Rio Itaquara, Agostinho Souza, Francisco Neto, Gaspar Barbosa, Augusto Barbosa, tinha o Ernesto Maia, Chico Evangelista, que moravam na boca do Limão. Esses tinham comércio forte. Nesse tempo eles também trabalhavam com cana de açúcar, tinha uns quantos engenhos a vapor. Tinha o Manuel Rufino no Tajapurú, ele tinha manjara, moenda com boi na sua propriedade. Mas, só da borracha não tinha nenhum que fosse rico.⁸³

O cotidiano das famílias da zona rural da Amazônia era marcado pela íntima relação com a mata e o rio, por um baixo consumo em geral e pela insignificante presença de produtos de origem industrial; pelo caráter artesanal da quase totalidade

⁸¹ Jornal O Estado do Pará de 09 de abril, 1939, p. 09.

⁸² LOBATO FILHO, Gal. *A borracha na Amazônia*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1951, p. 11.

⁸³ Trecho da entrevista com João Félix Medeiros, 90 anos, realizada no dia 20 de maio de 2011.

dos meios de produção e pela inserção numa economia em que parte da sobrevivência pessoal e familiar passava longe das transações com o dinheiro. O exercício cotidiano de vida e do trabalho dos grupos sociais estava até então nucleizado pela natureza e seus bens. Com ela o homem se relacionava diretamente, tanto física quanto culturalmente, numa integração ainda não rompida em seu eixo original.⁸⁴

Por esse motivo, a natureza frequentemente determinava a rotina dos trabalhadores na zona rural. Segundo o depoimento de seu João Félix Medeiros, era o movimento das águas que indicavam a hora de começar e parar de trabalhar.

Às 4 horas nós tinha que tá acordado pra tomar o café, fazia aquela merenda; lá pelas 5 horas nós tinha que olhar, se a água era grande, nós ia pelo igarapé e quando não dava, que estava seco, nós ia pelo caminho e levava a poronga, uma espécie de lamparina; tinha que levar até chegar lá, cinco horas tava escuro ainda; por terra era mais demorado; ficava no mato até quatro horas da tarde, dependendo da maré. Aí que a gente vinha tomar um banho, ia almoçar, porque agente tinha a merenda, almoço agente não tinha.⁸⁵

Segundo Pacheco, a vida no arquipélago marajoara desenrolava-se nesse movimento das águas, tendo em vista que:

Os trapiches e portos eram e ainda são construídos para facilitar trânsitos e intersecções realizadas por homens e mulheres, idosos e crianças entre terras e rios. Na vida das populações da Amazônia a água era o relógio da Amazônia, um cronômetro que não marcava somente as horas, as semanas, os meses e os anos, mas a escassez e a fartura, a alegria e a tristeza. O homem, ao invés de consultar a marcha dos astros na decifração dos enigmas, consultava a altura das águas.⁸⁶

Pelos relatos dos entrevistados entende-se que a maioria dos habitantes dos espaços rurais de Breves se dedicava a ofícios múltiplos, dependendo da estação do ano. No verão os moradores abriam roçados de mandioca, milho, arroz, feijão, melancia, jerimum, banana, maxixe, dentre outros. Além de pescar e caçar complementavam a alimentação com pequenas criações de galinhas, porcos e patos. Seu João Félix Medeiros, ainda se utilizava de outros meios para aumentar a renda da família. “Quando a gente não estava trabalhando com a borracha, em época de

⁸⁴ LOUREIRO, Violeta Rfalesky. *Amazônia: Estado-homem-natureza*. Belém: Cejup, 2004, p. 20.

⁸⁵ Trecho da entrevista com João Félix Medeiros, 90 anos, realizada no dia 20 de maio de 2011.

⁸⁶ PACHECO, Agenor Sarraf. *En el corazón de la Amazonía: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas Marajoaras*. Tese de Doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2009, pp. 52-6.

inverno, a gente trabalhava com a lenha, cortava lenha, cortava palha. Naquele tempo se vendia muita palha pro baixo Amazonas, não tinha brasilit, só telha de barro.”⁸⁷

Seu Enéias Pinheiro, morador de espaços rurais do município de Breves, na década de 1940, detalhou a época do ano e as práticas de sociabilidade em tempo de plantio, no sistema conhecido como mutirão, muito comum na região.

Além da borracha, se vendia fruto da andiroba, a fruta da virola, vendia mururu, plantava o arroz, era milho, feijão, jerimum, tudo a gente plantava, mesmo trabalhando com a borracha agente plantava, por exemplo, a partir de abril já começava a plantar melancia, jerimum, maxixe, milho. Agente vendia e tirava pra comer, aí fazia aquele roçado maior pro arroz, quando agente ia pra beira do roçado cortar arroz, ia aquela quantidade de mulher, criança e agente ia. Eu lembro que a mamãe levava um panelão pra cozinhar traíra, essas traíra do rio cururu, com esse feijão branquinho. Agente tirava lá mesmo no roçado o feijão, tirava, escaldava e cozinhava com jerimum, ficava bem molhinho, muito bom, era aquela alegria.⁸⁸

Mas foi na década de 1940, segundo Bezerra Neto, por ocasião da Segunda Guerra Mundial que as populações da região Amazônica enfrentaram uma das piores crises de sua história. Isso porque a região ficou isolada do restante do território brasileiro, tendo seus portos atingidos pelo bloqueio imposto pelos submarinos alemães, deixando de “receber os indispensáveis suprimentos alimentares e industriais de outras regiões.”⁸⁹

A Segunda Guerra Mundial se fez sentir também nos espaços rurais de Breves. Os moradores do interior do município sentiam de perto, a crise econômica deflagrada pelo conflito. Seu Enéias Pinheiro ouvia pelo rádio as notícias do acontecimento que ficou para sempre marcado em suas memórias e explicou como fizeram para driblar a escassez de alimentos da época.

Perto do fim da guerra mundial, em 1944, a gente comprava uma caixa de fósforos da marca moça, partia no meio pra fazer dois palitos. Na época da crise da guerra, a mamãe preparava aquelas aguidarada de açaí, aí saía atrás de farinha, moravam três famílias só numa casa, jogava um litro de farinha dentro do alguidar pra deixar tufar pra repartir pra todo mundo; comida tinha, mas não tinha farinha, essa foi a primeira crise da farinha, aí açúcar cadê? Derrubavam aqueles miritizeiros enormes, aí enchiam de

⁸⁷ Trecho da entrevista com João Félix Medeiros, 90 anos, realizada no dia 20 de maio de 2011.

⁸⁸ Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, 74 anos, realizada no dia 18 de março de 2013.

⁸⁹ BEZERRA NETO. *A economia da borracha e o esforço de guerra: os soldados da borracha na Amazônia*. In: FILHO, Armando Alves; JÚNIOR, José Alves; NETO, José Maia (orgs.). Pontos de história da Amazônia – volume II. Belém: Paka-Tatu, 2000, p. 37.

buraquinhos, tampavam e de manhã iam tirar aquela garapa pra adoçar o café, só que não é muito gostosa, mas dá pra adoçar, não tinha cana, no tempo que terminou a guerra foi uma crise perigosa, foi a crise mais perigosa que houve, aí era gente descalço andando pelo chão, a comida agente arrumava bastante, mas café era ruim pra conseguir, açúcar e essas coisas, o tempero era só essa chicória que plantavam e cebolinha, mas que outras coisas não tinha; às vezes aqueles pessoal criavam porco e tiravam o óleo, porque óleo de cozinha não tinha, fogão a gás nem nada, era só na lenha.⁹⁰

Nesse contexto de dificuldades em obter produtos básicos industrializados para a alimentação e serviços indispensáveis ao bem estar da população e produzir borracha para atender às demandas dos aliados na guerra, o governo resolveu arregimentar homens na própria região amazônica, e principalmente no Nordeste, para fazerem a extração da borracha pelas matas da Amazônia, tornando-os “soldados da borracha”, sob diferentes promessas: àqueles que vieram de outras regiões, a garantia de repatriamento após a guerra para seus locais de origem e pensões similares às dadas aos militares; para os ribeirinhos do território amazônico, prometeram-lhes uma aposentadoria de dois salários mínimos.⁹¹

Seu Enéias Pinheiro viu se instalar no Rio Mapuá um grupo de migrantes na propriedade de um senhor por nome Antônio Joaquim Nascimento, para realizar atividades de extração da borracha, tendo mais tarde, se fixado permanentemente na localidade.

O seu Antônio Joaquim Nascimento era cearense, trouxe muitos cearenses pra lá pro Mapuá, pai do Lourival Nascimento, dono da serraria Nascimento, daqui de Breves, serraria muito equipada, em 70, foi ele que minou de cearense no Mapuá. Ele trabalhava com a borracha. Na época ele trouxe esse pessoal pra cortar seringa, aí foi caindo o negócio da borracha, depois passaram pra madeira e palmito, e eles ficaram por lá. Ainda tem muita gente desses cearenses nessa área, filhos, netos, outros vieram pra cá pra Breves, era difícil, coitado, pra eles voltarem, e foram ficando.⁹²

No mesmo período, na Vila de Corcovado, próxima de Breves, existia uma fábrica de beneficiamento da borracha. A empresa tinha na figura do empresário Átila Bibiano seu representante majoritário, que morava no Rio de Janeiro e visitava o vilarejo algumas vezes por ano. A empresa ficava ao comando de homens de sua confiança, que cuidavam de todo processo produtivo e da organização do lugar. Ao

⁹⁰ Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, 74 anos, realizada no dia 18 de março de 2013.

⁹¹ BEZERRA NETO, op. cit., 36-7.

⁹² Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, 74 anos, realizada no dia 18 de março de 2013.

contrário do que muita gente pensa, em Corcovado não existia seringueiras em grande número para se extrair o látex, toda a produção vinha de pequenos produtores de áreas ribeirinhas do município, os funcionários da empresa encarregavam-se do trabalho de beneficiamento.

A empresa tinha embarcações que fazia essa coleta, ou os próprios seringueiros encarregavam-se do transporte dos rolos ou bolotas de borracha até a fábrica. Ali a borracha era cortada em lâminas e devidamente embalada. Esperava-se o dia da coleta feita por navios de grande porte, contratados pelo governo federal, que comprava toda a produção através do Banco de Crédito da Borracha BCB. Bezerra Neto explica que:

O mesmo possuía a exclusividade das operações finais de compra e venda da borracha de qualquer tipo e quantidade, quer se destinasse o produto à exportação, quer ao suprimento da indústria nacional. Na verdade, o Banco da Borracha dava assistência aos produtores da borracha interessados em sua comercialização e industrialização, quebrando com as formas de negociação da primeira fase da borracha, onde as casas aviadoras e o aviador eram os principais agentes financiadores dos seringais e das operações de comercialização da borracha.⁹³

Em Corcovado, o Banco controlava a produção e as negociações do produto, deixando funcionários permanentes na vila, cuidando das transações comerciais do produto.⁹⁴

Apesar do Banco do Brasil e do Banco de Crédito da Borracha terem se instalado na Amazônia por volta de 1942, com vistas a garantir o aumento da produtividade das atividades empresariais e reter maiores lucros na região⁹⁵, na cidade de Breves o Banco de Crédito da Borracha chegou na década de 1950 e o Banco do Brasil em meados de 1960. No entanto, não se sentiu grandes mudanças com sua inserção nem para a economia, nem para a concentração de renda, pelo menos no que se refere à investimentos para os pequenos produtores. O caso de Corcovado é exemplar, o apoio financeiro era dado aos empresários e não aos trabalhadores da extração e beneficiamento.

⁹³ BEZERRA NETO, op. cit., 36.

⁹⁴ Todas as informações foram fornecidas por um ex-funcionário da empresa que trabalhou por muitos anos na função de secretário, este não autorizou a divulgação da sua identidade.

⁹⁵ LOUREIRO, Violeta Rafflesky, op. cit., 51.

Com relação ao Banco do Brasil, José Maria Garcia, em crônicas sobre a cidade⁹⁶, deixou notar essa questão ao enumerar os correntistas do referido banco apenas comerciantes conhecidos da cidade, o que provavelmente aconteceu também com o Banco de Crédito da Borracha. Os recursos financeiros dos estabelecimentos bancários não se destinavam aos produtores diretos, pessoas comuns, como a maioria dos entrevistados, pois nenhum deles afirmou ser correntista desses bancos nesse período.

Em termos de Amazônia, Loureiro explica que o surgimento dos bancos não provocou alterações relevantes na estrutura social, nos processos produtivos e nas relações de produção, limitando-se, ao contrário, apenas a facilitar o funcionamento do sistema e a fortalecer um processo de subordinação dos produtores diretos aos empresários do sistema extrativo.

O Banco de Crédito da Borracha voltou-se apenas para os empresários, pois não havia cooperativas de trabalhadores, nem crédito para os pequenos comerciantes. Por outro lado, os créditos bancários também não repercutiram mais profunda e diretamente sobre outras atividades porque visavam apenas dinamizar a produção de alguns poucos produtos básicos, integrantes da pauta de exportação, basicamente, a borracha e a castanha.⁹⁷

Mesmo com o final da guerra e a queda nas exportações do produto, o negócio permaneceu ativo em Corcovado, perdendo sua expressividade nos finais dos anos de 1960, quando migrou para o beneficiamento da madeira. Nas memórias de antigos moradores da vila estão relatos bastante positivos sobre a prosperidade e organização do lugar.

Lá ninguém pagava aluguel de nada, tudo era doado, casa, água, energia, escola de qualidade, por isso que eu digo que eu nasci e me criei num paraíso, mas se a gente for analisar hoje, a gente percebe também, né, que lá era só algumas famílias, tinha o pessoal que morava na beira, que a gente chamava beira mar, tinha o pessoal da rua do fogo e a rua do barro, porque tinha umas casas feita de taipa.⁹⁸

Além da seringa e dos produtos já mencionados cultivados no espaço rural existiam outros meios de sobrevivência em Breves. Os jornais O Estado do Pará, de 1939 e A Vanguarda do Pará, de 1942, deram destaque especial a esses artigos em suas reportagens:

⁹⁶ GARCIA, José Maria. *Crônicas do lugar dos Breves*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1996, pp. 57-58.

⁹⁷ LOUREIRO, Violeta Rafflesky. op. cit., 51.

⁹⁸ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

No município as suas reservas de óleos vegetais são inexgotáveis e durarão enquanto durarem as suas impenetráveis florestas de andirobeiras, de jupatys, de murumurús, de babassú, de pracaxys e de tantas outras árvores productoras de amêndoas oleaginosas, que são tiradas das mattas pelas marés devassante, em cujos remansos são recolhidos e levados ao baleão do negociante ribeirinho.⁹⁹

Apraz-nos ainda salientar o concurso apreciável que o município na indústria extrativa das sementes oleaginosas, tais como as de ucuúba, murumurús, andiroba, pracaxi, tucumã e tantas outras que são exportadas as toneladas para a capital do Estado, representando um grande índice econômico para o erário municipal e para a riqueza pública. O timbó cuja cultura também vai em apreciável progresso, o cacau, a castanha e os couros e as peles são também fonte de receita.¹⁰⁰

Nota-se, portanto, que as matas do município eram ricas em espécies do extrativismo vegetal, geralmente utilizadas na indústria de cosméticos, na produção de essências vegetais, dentre os mencionados acima na reportagem estavam alguns produtos bastante utilizados pela população como a andiroba, a copaíba, a mamona e o pracaxy, usados ainda hoje como unguentos medicinais. Segundo os entrevistados, outros como a ucuúba serviam mais ao mercado nacional na fabricação de velas e do murumuru extraía-se um óleo vegetal largamente utilizado na indústria de cosmético nacional. Situação semelhante, ocorria, não somente em Breves, mas em outros lugares da Amazônia.

Essas sementes chegavam à capital Belém pelas mãos de centenas de regatões que compravam a produção local diretamente nas casas dos ribeirinhos espalhados pelos rios do município¹⁰¹. Segundo Costa, o regatão surgiu na região amazônica como um tipo social e econômico que se adaptou com competência à especulação comercial e a um meio físico regulado por variações sazonais, as quais determinaram a atividade econômica e os gêneros básicos de sobrevivência do homem na Amazônia.¹⁰² Seu Idevaldo Paes antes de se transformar em um dos grandes comerciantes locais começou seus negócios como regatão, sua trajetória nesse ramo foi recontada por Idevaldo Paes Filho.

Papai foi regatão, ele ia até Belém, pegava uma mercadoria, principalmente estiva, e aí vinha por Abaetetuba, pegava a famosa

⁹⁹ Jornal O Estado do Pará de 09 de abril, 1939, p. 09.

¹⁰⁰ Jornal Vanguarda do Pará de 04 de abril 1942.

¹⁰¹ Segundo Costa o termo regatão no contexto amazônico diz respeito ao mesmo tempo à atividade de comércio nas vias fluviais da Amazônia e às embarcações (canoa, batelão, lancha ou barco) que praticavam este comércio, assim como ao ser amazônida propriamente dito (COSTA, 2008, p.16).

¹⁰² TOCANTINS, 1982, p.p. 220-221 apud COSTA, 2008, p. 59.

cachaça, se abastecia lá e vinha embora; a viagem dele era até o baixo Amazonas. Se eu não me engano, o papai veio pra cá na época de 52 a 53; ele chegou em Breves, conheceu minha mãe, casaram aí ele montou o comércio de estiva aqui, mas ele voltou a viajar com venda de novo, comprou um barco, o Oriente, então passava até de mês viajando; eu me lembro benzinho que agente ficava só com a nossa mãe, porque naquele tempo o regatão era assim, quando ele vinha ele trazia estiva e trocava com borracha, couro de jacuruxi, jacaré, onça.¹⁰³

A reportagem do jornal A Vanguarda do Pará, demonstrou que “o comércio de Breves era um dos mais movimentados da região, negociavam todo tipo de gênero e revendiam para a capital”.¹⁰⁴ Dentre os comerciantes mais destacados nas memórias de Augusto Barros, estavam os Senhores Raimundo Dantas, Zezinho Furtado, Brito Rendeiro, Antonino Barros, Tabosa, Felizardo Diniz, Lino Alves, Osorino, Chagas, Osvaldo de Almeida, Epaminondas Diniz, Edilberto Diniz, Idevaldo Paes, Pedro Meireles, Raimundo Tupinambá, Chicó Vieira, dentre outros.¹⁰⁵

A produção do arroz de várzea no município também foi um dos produtos de destaque na economia do município, teve seu ápice na década de 1960, tendo como um dos maiores fornecedores na zona urbana seu Raimundo Tupinambá, promissor comerciante da região. Sua indústria de beneficiamento localizava-se nas proximidades da área portuária. Já no espaço rural, dispersos entre os diversos rios do município, estavam outros comerciantes, conforme assinalou seu Enéias Pinheiro.

No rio Tajapuru, os Furtado, a freguesia de arroz era pra eles, compravam muito arroz, tinha também os irmãos, Pedro Santos, Hermógenes dos Santos e Loso Santos, na beira do Tajapuru, pra banda do Mapuá era o Sabá Félix, o Constantino Félix que comandavam.¹⁰⁶

Nas palavras de Scholz, as relações entre os agricultores e os comerciantes estavam estruturadas segundo o sistema de aviamento, do mesmo modo que a borracha, cadeia de crédito entre os agricultores, comerciantes e as casas aviadoras em Belém que compravam os produtos extrativos e alimentares e vendiam os produtos de consumo requeridos no interior. Todo o comércio era feito com base no crédito, cujos

¹⁰³ Trecho da entrevista com Idevaldo Santos Paes Filho, 51 anos, realizada no dia 23 de março de 2013.

¹⁰⁴ Jornal A Vanguarda do Pará de 04 de junho de 1942.

¹⁰⁵ Conforme depoimento de Augusto Barros, coletado no dia 20 de março de 2013.

¹⁰⁶ Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, 74 anos, realizada no dia 18 de março de 2013.

termos eram definidos pela casa aviadora, que ficava com a maior parte do excedente econômico.¹⁰⁷

No depoimento de seu Antônio Soares podemos notar características do sistema produtivo ribeirinho nas décadas de 1960 e 1970 e das negociações com os comerciantes de localidades ribeirinhas.

Eram os comerciantes que financiavam pros cabocos fazerem roçado; a gente tinha os patrão do interior e o patrão jogava mercadoria em cima da gente; a gente colhia o arroz e entregava pra ele, pra pagar em conta; a gente quase não via dinheiro, era, eu acho, depois de 1960 essa época. Quando eu vim pra cá, em 73, ainda tinha o roçado de arroz. Era a borracha, a madeira e o arroz. Nos meses do inverno, fevereiro, março, abril a gente tava tirando madeira, andiroba, virola, as duas principais; quando chegava mês de maio, que terminava a gente ia fazer roçado e cortar seringueira no verão todinho, fazia roçado, vamos dizer, até mês de junho e julho queimava o derradeiro roçado, aí, nesse prazo que o arroz amarelava a gente saía pra cortar seringueira, quando o arroz amarelava, a agente passava a cortar o arroz, beneficiava, vendia, prestava conta com o patrão e acabava o movimento do arroz e aí ia madeira, e assim continuava o ano inteiro desse jeito.¹⁰⁸

O comércio de sementes, de peles de animais silvestres, da borracha e do arroz perdeu a força no município nos finais da década de 1960. No lugar onde funcionava a indústria de beneficiamento do arroz de várzea, passou a funcionar uma fábrica de palmito denominada de Caiçara. O comércio do palmito acrescentou novos contornos na cidade no mesmo período em que a madeira também alcançava seu auge, a década de 1970. Essas atividades industriais movimentavam toda a orla da cidade, já que era por ali que chegavam mercadorias para o consumo e saía a produção local de madeira e palmito.¹⁰⁹

Sobre o negócio da madeira, o jornal Vanguarda do Pará noticiou em 1942.

Nas extensas matas do território brevense abundam as madeiras de lei, que são extraídas em grande quantidade e exportadas não somente para o sul do país, como também para o estrangeiro, constituindo esse negócio uma das principais fontes de receita do município. São amplamente conhecidos os seus grandes portos de embarque de madeiras como Antônio Lemos e São Miguel dos Macacos, aos quais aportam diariamente navios de todas as

¹⁰⁷ SCHOLZ, Imme. *Comércio, meio ambiente e competitividade: o caso da indústria madeireira no Pará*. Belém: SECTAM, 2002, p. 58.

¹⁰⁸ Trecho da entrevista com Antônio Soares, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

¹⁰⁹ Segundo a entrevista de José Luiz Pena Pereira, realizada no dia 24 de março de 2013.

procedências, transatlânticos de grande tonelagem que ali se vão abarrotar de gigantescos tóros de madeira.¹¹⁰

No arquipélago marajoara a exploração de espécies de madeiras leves nas áreas de várzeas ocorria, no período estudado, principalmente durante a estação chuvosa, quando as toras podiam ser transportadas até as serrarias, boiando nos rios. A cidade de Breves, situada no delta amazônico, e acessível somente por via fluvial ou aérea, possui a mais longa história de exploração madeireira. A extração seletiva ocorreu ao longo do rio Amazonas por mais de 300 anos, por causa do fácil acesso via fluvial a essa área.¹¹¹

A presença abundante de madeira, material nobre da construção em geral nos séculos XVII e XVIII, foi uma das descobertas mais importantes para impulsionar o interesse do colonizador na Amazônia. As madeiras brasileiras, beneficiadas na Amazônia e remetidas para o reino de Portugal, contribuíram para a reconstrução da marinha portuguesa que se encontrava em crise no período. A riqueza do Rio Amazonas também se devia muito a grande quantidade e variedade de espécies lenhosas que se encontravam na imensidão das florestas, emergindo como um lucrativo negócio para a coroa portuguesa.¹¹²

Na cidade, a primeira madeireira que se tem notícia foi, segundo Ramos, a empresa Moinhos de Breves Ltda., fundada em 1925, que mais tarde transformou-se em Breves Industrial Sociedade Anônima a BISA¹¹³. Seus primeiros donos eram alemães e a empresa movimentou por décadas a área portuária com navios de grandes calados, que aportavam em frente ao prédio da empresa, próximo à Igreja Matriz de Santana.

Por volta de 1940, a empresa passou para as mãos de três sócios: Renato Franco, José Mourão e Marculino Pinto, que revezavam a cada dois meses a administração da empresa, alternando suas vivências entre Breves e a capital Belém. D. Benedita Pantoja do Amaral, migrante ribeirinha, trabalhou com uma dessas famílias, explicou que, enquanto estavam na cidade, esses homens juntamente com

¹¹⁰ Jornal Vanguarda do Pará de 04 de junho de 1942.

¹¹¹ STONE, Steven W. *Tendências econômicas da Indústria da Madeira no Estado do Pará*. Série Amazônia nº 17. Belém: IMAZON, 2000, p. 12.

¹¹² BATISTA, Regina Célia Correa. *Dinâmica populacional e atividade madeireira em uma vila da Amazônia. A vila de Moju (1730-1778)*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. UFPA, 2013, p. 24.

¹¹³ RAMOS, Ruth Martins. *O poder da guilhotina: Relações de trabalho & cotidiano das operárias da Madenorte*. Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela UFPA, Campus Universitário do Marajó, Núcleo de Breves, 1996, p. 14.

suas esposas, procuravam participar da vida social frequentando festas de santos, missas, casamentos, aniversários. Suas viagens eram feitas nos grandes navios que embarcavam madeira no porto da empresa de seus patrões.

Às vezes, a gente ia de navio, que estavam na serraria, tipo numa carona nos navios, era navio grande, que pegavam madeira, exportavam madeira; os navios que a gente viajava, fazia de conta que a gente ia numa casa, não jogava nada.¹¹⁴

Dados divulgados pelo IBGE em 1957 demonstram a extração da madeira como a maior atividade econômica do município, com um alto índice de exportação. O total era de cinco serrarias na cidade, com portos particulares para o embarque do produto, que era exportado para Portugal. Existiam ainda três usinas para beneficiamento de arroz; uma olaria; uma fábrica para o preparo preliminar da borracha; onze pequenos engenhos e alguns estabelecimentos dedicados à fabricação de mandioca.¹¹⁵

Nas memórias de Antônio Soares, os portugueses venderam a BISA para uma firma americana extrair principalmente a madeira conhecida como virola. A empresa continuou em atividade até a década de 1960 na cidade. Nesse decurso de tempo, ainda teria passado para as mãos de outros donos de nomes não recordados pelo narrador. Estes últimos saíram da cidade e levaram grande parte do patrimônio da empresa, como máquinas e ferramentas.

O narrador ainda mencionou que muitos funcionários da referida empresa procuraram no tribunal do trabalho o direito a indenização. A Prefeitura então, para efetuar o pagamento dos direitos trabalhistas dos funcionários, confiscou, em 1976¹¹⁶ os bens da empresa e ofertou-os em um leilão.

Fizeram um leilão com os bens da empresa e o Tupinambá e Lino arremataram; eu sei que indenizaram os funcionários com esse dinheiro, da época que trabalharam lá, depois venderam pro Antonino Barros, que ainda é o dono. O Antonino Barros comprou aqueles prédios que ficavam lá perto também.¹¹⁷

¹¹⁴A frase “não jogava nada”, é utilizada na região para referir-se a ausência do balanço comum em momentos de travessias de rios e baías.

¹¹⁵ Segundo sinopse estatística do Município de Breves CNE, 1957.

¹¹⁶ A área pertencente a BISA foi desapropriada segundo o decreto nº 02 de 1976

¹¹⁷ Trecho da entrevista com Antônio Soares, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.



Imagem 15 - Fotografia da BISA em estado de ruínas na década de 1970, cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

Isso significa que a BISA saiu de cena antes do *boom* da economia madeireira no município, tendo em vista que o desenvolvimento da indústria madeireira acelerou-se no Pará a partir dos anos de 1970. Essa aceleração foi influenciada tanto pela exaustão das reservas madeireiras naturais na mata atlântica do Sudeste e nos pinheirais do sul do país, como pela abertura da Amazônia, que começou nos anos sessenta com a “Operação Amazônia” e que possibilitou o deslocamento das madeireiras do Sul e Sudeste para o Norte.¹¹⁸

Nesse período, a microrregião dos furos de Breves destacou-se nesse comércio, produzindo 44% do valor da transformação industrial (VTI) do setor. Conforme informações do IBGE em 1970 existiam 61 indústrias madeireiras na região dos furos, empregando 1.109 empregados. Em 1975 eram 94 indústrias com 1.400 empregados. Em 1980 o número de indústrias aumentou significativamente para 515 com 4.079 empregados.¹¹⁹

Quando a BISA abriu falência, segundo seu Venâncio Pantoja do Amaral, a serraria que ganhou destaque na cidade e movimentou a área portuária foi a Nascimento & Cia, que recebia dezenas de navios para se abastecerem da matéria-

¹¹⁸ SCHOLZ, Imme. Op.cit., p. 54

¹¹⁹ Idem, pp. 114/ 5/ 6.

prima. “Às vezes ficava cinco, seis navios, um no porto e os outros lá fora no rio esperando a vez, embarcavam madeira beneficiada e em tora.”¹²⁰

Os navios não negociavam somente madeira, eles incrementavam as relações comerciais na área portuária, numa espécie de intercâmbio cultural, os moradores compravam produtos importados como calças jeans da marca Lee, perfumes franceses, biscoitos, cervejas, cigarros, uísque, tecidos, brinquedos, relógios, aparelhos de som, dentre outros. Ao ancorarem em Corcovado, Vanderlei Castro relembra as características dessas transações comerciais.

Era tipo esses navios, Bom Jesus, de ferro, eles paravam aqui pra deixar borracha, aí agente trocava com comida, eu levava limão galego e eles me davam pedaço de carne, era interessante, agente chamava navio Duloid, era da empresa loid brasileira, qualquer um era Duloid, aí eu levava a semente da seringa, eu passava o dia todo catando a semente, aí eu levava aquele saco enorme eu entregava pra eles e eles me davam alguma coisa lá no navio, levaram muito de Corcovado, que agente tinha muito seringal.¹²¹

Nas memórias de Vanderlei Lobato de Castro, também foi a partir de 1970 que as madeireiras dominaram a economia local, e as formas extrativistas de sustento familiar perderam a expressividade nessa década. Desde os finais da década de 1960, a madeira movimentava o porto da vila de Corcovado. “O pessoal dizia, na época, que a empresa instalada em Corcovado era a maior madeireira da América do Sul. Foi um movimento enorme com a exportação de madeira em tora, aí foi tempo que o Lourival Nascimento comprou esse terreno onde é hoje a Madenorte, e montou a serraria”, argumentou o entrevistado.

Segundo Ramos, dentre as principais firmas exportadoras de madeira instaladas em espaços rurais, mais especificamente na Vila São Miguel do rio Macacos, destacaram-se a Salma, Comig, Capeme, Xilo; na Vila Jaburuzinho, empresas como Alto Tapajós, Madeiras Gerais Sociedade Anônima (MAGESA), Equatorial, Madeira Itália Americana, Maime, no lugar conhecido como Vila de Antônio Lemos estavam a Madeiras da Amazônia S.A (MADASA), Vipasa, São Luís Madeira S.A (SALUMASA), Diana Pallucci, Empresa Tropical Indústria e Comércio e Madeireira Santa Mônica, esta última localizada na Vila de Corcovado, todas extintas. Até meados de 1980, existiam mais de 150 indústrias madeireiras na região,

¹²⁰ Trecho da entrevista realizada com Venâncio Pantoja do Amaral, 65 anos, no dia 05 de fevereiro de 2013.

¹²¹ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

exportando madeiras beneficiadas para a Inglaterra, Estados Unidos, Portugal, Irlanda, Venezuela, Dinamarca, Porto Rico, etc., das quais destacava-se a Madenorte S.A.¹²²

No ano de 1970, 89% do emprego industrial em Breves dependia da indústria madeireira; em 1980 caiu para 83%. No entanto, apesar de produzir efeitos de crescimento setorial no nível municipal, isso não estimulou a ampliação e diversificação da base produtiva nem a expansão do consumo local, como provam os custos salariais mensais, extremamente baixos no município.¹²³

A renda no município se formava pelo trabalho de muitos, mas se concentrava nas mãos de poucos. Despontou em Breves um pequeno grupo de empresários que esbanjava o dinheiro decorrente da exportação da madeira. Na maioria das vezes, os capitalistas deixavam suas famílias nas capitais onde os filhos estudavam nos melhores colégios, usavam as melhores roupas e sapatos, enquanto que os trabalhadores das diversas empresas instaladas na região sobreviviam em condições insalubres.

José Luiz Pena Pereira, que trabalhou na área portuária, na indústria de palmito, acrescentou nuances do cotidiano portuário.

O comércio de madeira era intenso, sempre chegando jangada e saindo navio ou barcos com madeira. Também havia o desembarque de boi para o matadouro. O desembarque de palmito no porto da Caiçara e depois o embarque de palmitos enlatados. Quando o palmito chegava ficava empilhado no próprio trapiche, ali os descascadores trabalhavam com seus facões superafiados. A casca não era aproveitada e sim jogada atrás da fábrica.¹²⁴

Todas as formas destacadas de sobrevivência encontradas nas fontes de pesquisas sobre o município de Breves revelam que, até meados de 1970, não tinha ocorrido uma ruptura definitiva com muitas formas de produzir. Mesmo tendo um produto que se destacava na pauta das exportações e deslocava muitos trabalhadores das formas de produção familiar, havia a alternância de culturas agrícolas. A economia transformava-se, mas sem extinguir antigas formas de produção.

Esse quadro foi totalmente alterado quando a madeira passou a ser o produto mais comercializado na pauta das exportações. Centenas de pessoas deixaram a zona rural e migraram para cidade, abandonando antigas formas de sobrevivência. Nesse

¹²² RAMOS, Ruth Martins. *O poder da guilhotina: Relações de trabalho & cotidiano das operárias da Madenorte*. Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela UFPA, Campus Universitário do Marajó, Núcleo de Breves, 1996, p. 14.

¹²³ SCHOLZ, Imme, op. cit., 74.

¹²⁴ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira, realizada no dia 24 de março de 2013.

sentido, destaco o trecho da entrevista com seu Augusto Barros, ex-morador de Breves, o qual menciona seu ponto de vista sobre os impactos do negócio madeireiro na região.

O extrativismo de madeira se por um lado trouxe desenvolvimento a nossa terra, temos que ser consciente em dizer que também trouxe malefícios a nossa Breves, desenvolvimento pela implantação em nossa zona urbana de nossa saudosa Breves Industrial S.A (BISA), primeira das muitas indústrias madeireiras que foram chegando a nosso município. O principal ponto negativo do extrativismo de madeira, depois, claro, da devastação de nossas florestas,foi o afastamento de nossos irmãos ribeirinhos da agricultura e da extração do látex, pois nós, seres humanos somos imediatistas. Enquanto a agricultura demorava no mínimo seis meses para propiciar algum retorno financeiro, a madeira quase que mensalmente proporcionava esse ganho ao ribeirinho. Esse afastamento causou a diminuição de nossa produção agrícola a patamares medíocres; esse efeito é sentido até os dias de hoje. Outro ponto negativo foi o êxodo rural, propiciando com isso o inchaço de nossa população urbana, proporcionandocom isso o crescimento desordenado de nossa cidade.¹²⁵

As transformações na estrutura da área portuária e da cidade se fizeram notar na literatura sobre a região a partir dos anos de 1920, quando se instalaram na cidade as primeiras madeireiras que se tem notícia. Desde então, a indústria madeireira imprimiu um novo ritmo de trabalho e de vida, alterou as relações sociais na cidade e nos espaços rurais, transformou a paisagem com a construção de prédios de alvenaria, portos adequados aos padrões de exportação e construiu vilas de casa para atender a demanda de funcionários migrantes de espaços ribeirinhos e de outros locais do país. D. Suzane Joubert referiu-se em sua narrativa ao caso da Vila Operária, construída na área patrimonial da empresa BISA, atualmente a Rua 1º de Maio, onde morou juntamente com o pai que prestava serviço para a mencionada empresa.

A vila operária era só para os funcionários da Breves Industrial. Àquela área toda ali por trás do banco do Branco, da 1º de Maio, pertencia tudo à empresa. Tinha um chalé grande, era uma casa alta, cheia de quartos, é aquela casa grande lá no canto do hospital, onde tem uma escolinha, pertence ao seu Lino, ainda é a mesma construção.¹²⁶

A migração ribeirinha ganhou destaque neste trabalho, pois grande parte dos entrevistados era originária dos espaços rurais, embora nos finais da década de 1940

¹²⁵ Trecho da entrevista com Augusto Barros, 55 anos, realizada no dia 20 de março de 2013.

¹²⁶ Trecho da entrevista com D. Suzane Joubert realizada em 10 de agosto de 2009, pertencente aos arquivos do “Projeto Revivendo nossa história”.

exista uma referência através das memórias do seu Eneias Pinheiro a um grupo de migrantes cearenses instalado numa área produtora de borracha no Rio Mapuá. Mas essa questão não foi possível adentrar.

1.5. Formas de trabalho e conflitos na área portuária e na cidade.



Imagem 16 – Trapiche de madeira na área portuária, década de 1970, fotografia cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

A área portuária de Breves é um espaço onde a vida da cidade se revela em diversas relações sociais e muitas formas de trabalho, desde trabalhadores da estiva, vendedores de produtos diversos, operários da indústria madeireira a prostitutas. Nesses locais as memórias socialmente produzidas reverberam latejantes recontando as transformações processadas no cotidiano da cidade através das experiências de seus trabalhadores e moradores. O mundo do trabalho nos portos constituiu-se, ainda, por meio de conflituosas teias de relacionamentos sociais: discussões, brigas, roubos e assassinatos são componentes possíveis de serem registrados na rotina da área portuária e da cidade.¹²⁷

Pretendo trazer à baila a diversidade e a complexidade de como homens, mulheres e crianças experienciaram o viver em sociedade, em tempos de transgressões, resistência e lutas, nos espaços portuários. Para isso, ancorei-me nos depoimentos daqueles que vivenciaram essas histórias, como fonte privilegiada.

¹²⁷ Inspiramo-nos e baseamo-nos em PACHECO, Agenor Sarraf. *Portos de memórias: cotidiano, trabalho e história no Marajó das florestas*. In: Revista Movendo ideias, vol. 15, nº 1, janeiro a junho de 2010.

Seguindo nos caminhos abertos por Pinheiro, procuro, desta forma, visibilizar as experiências dos trabalhadores, recuperando a sua relação com a cidade, partindo da ideia de que o espaço urbano é instituído a partir da experiência de seus próprios habitantes, sendo importante perceber que existe uma relação de interação entre o fazer-se dos trabalhadores e o fazer-se da própria cidade.¹²⁸

O momento histórico em que essas relações e formas de trabalho se destacaram em Breves é o período de 1940 a 1980, quando a cidade passava por transformações na paisagem e formas de viver, conforme vimos no item anterior, devido ao negócio da madeira na região, que movimentava a área portuária, atraindo centenas de pessoas para o município com a expectativa de melhoria nas condições de vida.

Então, estudar a cidade, focalizando conflitos e violência, é uma maneira de entender também, a partir de atos individuais dos trabalhadores, as experiências sociais da cidade e seus desdobramentos.¹²⁹ Esses conflitos violentos servem como um filtro que permite esclarecer certos aspectos do mundo social e as estruturas de poder existentes, não somente na área portuária, mas na cidade de modo geral. É ainda uma forma de recuperar as dimensões populares de um processo rico em tensões e possibilidades que ficaram perdidas numa memória histórica excludente e uniformizadora.¹³⁰

Assim, o primeiro grupo de trabalhadoras aqui apresentadas são as prostitutas, que circulavam pela área portuária e Rua Curica, nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, mais bem detalhados na segunda parte do trabalho. O que analiso aqui são as relações de poder e conflito que envolvia essa categoria social, nos finais da década de 1970 e 1980.

Nesses anos, o relacionamento das prostitutas com muitos clientes apresentava-se de forma tensa, tanto pelo fato desses relacionamentos serem regados ao consumo de bebidas alcólicas e outras drogas nos bares e nas festas realizadas nesses locais por onde estas circulavam, como pela quebra de contrato, ou seja, muitos homens, depois de receberem o serviço, se negavam a pagá-las, desencadeando discussões que, em alguns casos, acabavam de forma trágica. Outro tipo de conflito

¹²⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2003, p. 26.

¹²⁹ LACERDA, Franciane, Gama; SARGES, Maria de Nazaré. *De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX*. In: Projeto História, São Paulo, n.38, jun. 2009 p. 177.

¹³⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, op. cit., 54.

muito comum na área portuária e na Rua Curica envolvendo prostituição relacionava-se às disputas por pontos de trabalho e clientes. Nas lembranças de A. M. G.¹³¹, que atuou como prostituta por mais de quinze anos nesses espaços, as confusões e as brigas eram componentes diários de sua rotina de trabalho. A narradora afirmou que sua beleza e fama em tempos de juventude, despertavam a atenção das outras, que constantemente arrumavam confusões com ela.

Muita mulher brigava comigo por causa de cliente, naquele tempo eu era mais nova, e as mulherada ficava com raiva de mim, mas nunca me cortaram e nem eu nunca cortei ninguém. Uma vez, três meninas brigaram comigo lá na boate do Cabeludo, porque eu cheguei na boate tinha só um homem numa banca, elas todas estavam lá mas o cara não quis nenhuma delas e ele me chamou pra beber, eu tava muito doidona; se não fosse o Cabeludo dono da boate, elas tinham me matado. Eu mesma não gostava de brigar, eu dizia “se você quiser ficar com ele fique”, e saía, tinha muito homem que me queriam nessa época, os homens chegavam e perguntavam por mim nas boates, eu era famosa na Curica.¹³²

Na opinião da entrevistada, foi a partir da segunda metade da década de 1980, que a Rua Curica e a área portuária tornaram-se mais violentas, devido à inserção de uma nova geração de prostitutas, muitas recém-chegadas de municípios vizinhos, que não aceitavam as normas impostas pelas veteranas na rua. Um caso marcante foi o de uma prostituta conhecida como Sandra, advinda da cidade de Portel, que matou outra, deferindo-lhe um golpe de gargalo de garrafa no pescoço. O crime foi motivado por disputa de cliente. A narradora destacou outros crimes ocorridos nessas áreas da cidade.

Eu vi o caso do cara que matou o outro por causa de briga dentro do bar, era o Tabaqueiro, ele vendia tabaco aqui na beirada, nessa área aqui do porto, foi a primeira vez que eu vi. Aqui na beirada, um rapaz de uma geleira matou uma menina que eu conhecia, uma moça, ela era mulher solteira, mas muito bagunceira, chamava nome, aconteceu assim duas irmãs estavam discutindo nessa rua daí do porto, muito porre elas estavam. Então o cara falou pra elas: “Ei seu bando de puta deixa de bagunça!” Aí começou a xingar as duas, então uma delas disse pro cara: “seu fresco! Se tu és homem, vem aqui!” Aí ele puxou a cartucheira e deu um tiro nela, foi de cartucheira, ficou na parede daquela farmácia lá perto do mercado o lugar da bala. Me lembro de outro caso, de uma dessas meninas daqui da Curica, que matou o Garrafeiro, foi na Magalhães Barata, perto da Curica, matou com o gargalo de garrafa, dizendo o pessoal

¹³¹ Conforme, solicitado pela entrevistada utilizarei apenas as iniciais quando tratar da sua narrativa.

¹³² Trecho da entrevista realizada com A. M. G. realizada no dia 13 de abril de 2013.

que ela pegava o dinheiro dele, mas não queria nada com ele, ela era nova e ele, já maduro.¹³³

Nesses espaços existiam algumas pessoas que ganharam fama pelo perfil violento. A entrevistada explicou que dentre seus maiores medos nesse mundo em que vivia regado pelas falsas amizades, estava o de ser ferida no rosto, ou de ter seu cabelo cortado pelas outras. Era prática comum de marcarem a cara da outra a golpes de giletes, cicatrizes que duravam o resto da vida. Em seu depoimento, apontou as astúcias usadas para se defender no mundo da prostituição.

A finada Sorita, ela era muito braba, com ela era só na faca, eu não apresentava medo dela nem um pouco; eu dizia:“olha se vocês quiserem fazer alguma coisa comigo, se tem raiva de mim, vocês me mate, mas não cortem meu rosto”. Eu sempre avisava, por isso nenhuma nunca tirou graça comigo. A Sorita era respeitada na Curica, aqui, quando uma mulher se metia com o marido da outra, elas gostavam de cortar a cara da mulher, ela marcava a cara, era mais com gilete, era um golpe muito feio, nunca sumia, nunca some. A Ana Grande uma amiga minha tem uma marca na cara, foi uma mulher de Portel que cortou ela no rosto. Eu não fui mulher da vida, fui da hora, mas graças a Deus, mas mulher nenhuma nunca me cortou, eu brigava muito, até o meu cabelo era comprido, porque eu não deixava a mulher pegar, a maioria tinha tudo o cabelo curto, mas o meu era comprido, mulher não pegava no meu cabelo que eu não deixava, quando eu tava doidona eu pegava e amarrava um rabão de cavalo, eu enrolava e pronto, eu tinha todo um cuidado, eu tinha muito medo de ficar marcada no rosto, eu acho que eu matava uma mulher se ela me cortasse no rosto.¹³⁴

Depois que A. M. G. parou de fazer programa na Curica, no final da década de 1980, trabalhou na área portuária como vendedora de café e churrasco. Desse período, recorda-se do movimento dos barcos nos portos e que sua clientela era, principalmente, de visitantes ribeirinhos. Brigas e conflitos não marcaram essa nova fase da vida. Mesmo não atuando mais na Curica como prostituta, vez por outra apareciam no seu novo trabalho clientes antigos e ela cedia, em função do dinheiro. A narradora mencionou ter ganhado muito dinheiro na época do auge da madeira e do palmito na região. Seus clientes eram, na maioria, moradores da zona rural, que produziam palmito e vinham entregar o produto aos palmiteiros da cidade. O negócio da venda de café e churrasco lhe rendia muito pouco, se comparado àquela época.

¹³³ Trecho da entrevista realizada com A. M. G. realizada no dia 13 de abril de 2013.

¹³⁴ Idem.

Outra categoria de trabalhadores bastante numerosa na área portuária era a dos operários da indústria da madeira, que empregou grande parcela da população nos momentos de auge do beneficiamento e exportação do produto. Dentro dessas indústrias existiam muitas formas de trabalho. Seu Venâncio Pantoja do Amaral foi empregado da BISA na década de 1950, já apresentada em momento anterior. Sua função era na estância da serraria, entesourando a madeira viva até secar, para depois transportá-la até o galpão. Outros grupos cuidavam do resto do processo como empacotamento, classificação e embarque nos navios que esperavam no porto da empresa.



Imagem 17 - Madeireira local na década de 1970, fotografia cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

Ao focalizarmos nossa atenção para essa imagem, podemos perceber as condições de trabalho reservadas aos trabalhadores dessas empresas. A prevenção de acidentes parecia não ser a maior preocupação do empregador, pelo perfil dos funcionários trabalhando descalços, alguns sem camisa, expostos a todos os tipos de riscos. Pelas memórias de seu Venâncio Amaral, o retorno financeiro também era mínimo, somente tinham uma remuneração maior quando chegavam os grandes navios e faziam hora extra.

Enquanto percebíamos no item anterior que o ritmo em espaços rurais nos finais da década de 1940 era fortemente marcado pelo tempo da natureza, na cidade, a entrada da indústria madeireira delimitou novas relações com o tempo. O ritmo de vida dos trabalhadores da BISA era ditado pela lógica capitalista da empresa. Os operários e todos os moradores despertavam ao som de um apito estridente, que se fazia ouvir por todos os cantos da cidade, o ritmo de trabalho e de vida dos funcionários seguia o relógio da empresa.

Apitava seis e meia, dez pras sete, sete horas, dez pras nove, nove e dez pra ti pegar de novo, tinha dez minutos de merenda, aí a gente largava onze horas pra pegar uma hora da tarde, pra largar às cinco, depois do almoço, tu chegava e dormia, quando dava meia hora, ela apitava, dez pra uma hora tu já ia andando. O número da pessoa era tipo uma medalha, chegava ao painel, tu pegava o teu número e ela arriava lá, aí o cara tirava o ponto e suspendia.¹³⁵

Nas palavras de E. P. Thompson, essa questão incorpora uma relação, aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.¹³⁶

No entanto, esses trabalhadores arrumavam formas de repor as antigas relações com a natureza diminuídas pela disciplina de trabalho; volta e meia traziam seus instrumentos de caça e pesca em pequenas canoas e deixavam embaixo do trapiche da empresa, longe das vistas dos gerentes. Ao final de uma jornada de trabalho, juntavam-se em pequenos grupos e atravessavam para o outro lado do rio, onde havia abundância de animais silvestres e peixes para caça e pesca, de onde retornavam de madrugada.

Segundo Pacheco, “a cultura também engloba diferentes maneiras como variados sujeitos sociais experimentam a dominação, a transgressão, a resistência, forjando negociações e alternativas a partir de suas necessidades, impregnadas de significações culturais.”¹³⁷

¹³⁵ Trecho da entrevista com Venâncio Pantoja do Amaral, realizada dia 05 de fevereiro de 2013.

¹³⁶ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 272.

¹³⁷ PACHECO, Agenor Sarraf. *Portos de memórias: Cotidiano, Trabalho e História no Marajó das Florestas*. In Revista Movendo ideias, vol. 15, nº 1, janeiro a junho de 2010, p. 8.

Em tempos de crise, escassez e empobrecimento generalizado, desemprego, instabilidade no emprego ou eventuais atividades concomitantes ao esgotamento de práticas extrativistas e expulsão de trabalhadores da floresta para a cidade, focalizar interesse para territórios de trabalhos silenciados, permite perceber como moradores urbanos nascidos ou migrantes para esse espaço, em suas próprias formas de lutar pela vida, elaboram nas contradições sociais, artimanhas para reconstruir e reinventar sua cultura, fazendo explodir na composição e visibilidade do viver na cidade, outras formas de reivindicar uma vida melhor, mesmo que a pobreza, a exclusão e a informalidade assumam ao invés do trabalho/emprego a frente do cenário.¹³⁸

Nas narrativas os conflitos ocorridos nos espaços de trabalho das madeireiras foram praticamente invisibilizados em meio ao tom passivo e de elogios aos donos da fábrica, o que não significava que no interior dessas relações não existissem conflitos e movimentos de lutas.

As representações dos operários sobre seu patrões são bastante fugidias, mas é analisando a forma como eles trabalhavam, em condições precárias, tendo em vista que muitas funções no trabalho com a madeira exigia que se ficassem dentro da água o dia inteiro, ou respirassem o forte veneno colocado em algumas espécies para extinguir as pragas, o que geralmente afetava a saúde, ou ainda como se referiam as formas de transporte a que estavam submetidos que percebemos as contradições sociais.

Seu Venâncio Amaral se deslocava de canoa por dentro de uma vala, muito cedo do dia, para chegar ao seu destino, a fábrica denominada Nascimento, o que também recupera indícios de que, entrecortada nos discursos de admiração e gratidão aos patrões, estava insatisfação à exploração nas formas de trabalho das fábricas.

A gente ganhava muito dinheiro, mas também às vezes, a gente trabalhava a semana inteirinha, eles tinham muito dinheiro, os filhos deles também, mas acabaram sem nada. Agora, eram dois homens muito gente fina eles, tu chegava com eles, principalmente o seu Joaquim, a gente chegava com ele e dizia: “seu Joaquim tô sem dinheiro”, ele ia pra lá, e dizia: “ não ti preocupa” e vinha com aquele monte pra ti; a relação sempre foi muito boa, nunca me senti explorado, nem na Bisa. Sabe que no dia que eu completei dezoito anos tavam tirando título e carteira lá na Dona Filó, pedi licença e fui lá tirar, quando eu cheguei, entreguei a carteira pro seu Márcio Furtado e no outro dia eles assinaram logo.¹³⁹

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Trecho da entrevista com Venâncio Pantoja do Amaral, realizada dia 05 de fevereiro de 2013.

Olha, Corcovado, eu lembro nos meus doze anos, desde criança eu já ajudava o meu pai, porque não tinha mão de obra, aí eles iam buscar a gente em casa, chegavam os barcos, negócio de vinte toneladas, trinta toneladas, era mão de obra infantil, como se pode dizer hoje, eu pulava naquele porão, o amoníaco era muito forte, a gente enchia rápido o paneiro e pulava, pegava o fôlego, pra depois pegar de novo outro. Eles não pagavam em dinheiro, eles davam pro meu pai manta de pirarucu, jabuti, comida, o rancho. Eu fico pensando assim, como era a nossa vida em Corcovado, hoje em dia; eu nasci e me criei num paraíso, a miséria chegou pra nós depois que chegou a madeira em Corcovado.¹⁴⁰

Além dos conflitos em torno das relações de trabalho, como observado na narrativa acima, os motivos políticos também impulsionaram outros casos de conflitos famosos na cidade, envolvendo outros sujeitos sociais. Pelos relatos dos entrevistados foi possível perceber que entre as décadas de 1940 a 1980, a política em Breves era muito intensa e podia resvalar em situações de violência física. Havia disputas entre os partidos que podiam influenciar as relações sociais dos seus correligionários.

Em frente ao Trapiche Municipal, existe uma pequena praça denominada de Benedito Cunha, jovem assassinato no local na década de 1960. Embora não se conheça as versões da família, nas memórias de um entrevistado, apontou-se como pano de fundo as motivações políticas para o desfecho final do conflito que ceifou a vida do jovem.

O caso que acabou em morte nesse perímetro foi político. Naquela época a política era cruel, o soldado matou o filho do finado Cunha, lá no Trapiche Municipal. Na época, o pessoal comentou muito que foi briga política, mas não sei mesmo se foi, sei que foi numa época de eleição, os candidatos do lado da família do rapaz era o Klautau, o outro era o Aurélio do Carmo, era eleição pra governador. A política naquele tempo era cruel. O pai dele participava de política, aí eu não sei a confusão que houve pra lá, o policial atirou nele e matou. Foi uma onda, porque a família do rapaz era muito grande, ele atirou nele lá mesmo no trapiche e ele caiu ali próximo, esse caso foi muito triste em Breves.¹⁴¹

Outro caso envolvendo relações de poder traz a cena um personagem que virou nome de rua, o Interventor Lourenço Borges, político de destaque, que governou a cidade por três mandatos consecutivos e conhecido por histórias que enfatizam todo

¹⁴⁰ Trechos da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, 59 anos, realizada no dia 09 de março de 2013.

¹⁴¹ Trecho da entrevista com A.P.V., realizada no dia 05 de fevereiro de 2013.

o autoritarismo do período de interventoria da década de 1930, como contou seu Antônio Soares.

Dizem que tinha dois homens que ficaram lá no trapiche municipal, eram de outro lugar, não sei, aí quando foi de manhã, ele soube e foi lá no trapiche e começou a conversar com esses homens. Ele perguntou o destino deles, eles disseram: nós vamos pra Belém, estamos esperando o navio, se o navio passar hoje, amanhã se Deus quiser uma hora dessa nós já estamos lá em Belém, eles falaram, aí ele se calou, depois foi embora; aí um tempo depois os soldados bateram lá e levaram todos dois pro xadrez e prenderam, e os homens sem entender nada, né? Bom, depois que o navio passou, ele mandou soltar e aí chamou os dois e disse: vocês sabem por que vocês foram preso? Não senhor, porque vocês disseram se Deus quiser amanhã a gente já tá lá em Belém, e aqui quem manda sou eu, não é Deus não, sou eu.¹⁴²

Entre outras questões, a narrativa oral de seu Antônio Soares levanta a possibilidade de pensarmos que a área portuária é lugar de demarcar os poderes. Durante essas décadas, muitos homens se destacaram como os poderosos desses espaços. Na maioria comerciantes, proprietários de embarcações, fábricas e imóveis ali instalados. Dentre os mais citados estavam os senhores Lino Alves Rebelo, comerciante, migrante ribeirinho, que juntamente com Raimundo Tupinambá, compraram várias propriedades da área central e detinham grande número de imóveis e portos particulares entre as décadas de 1960 e 1970, na Rua Presidente Getúlio Vargas, e o empresário Adilson Machado de Almeida na década de 1980.

Nas representações dos interlocutores, esses empresários eram constantemente associados à imagem de idoneidade, não havendo nenhum deles narrado casos de abuso de poder ou tensão, nas relações patrão e empregado.

No caso de Adilson Machado de Almeida, as experiências sociais do empresário na área portuária foram lembradas por sua filha Tereza Almeida. Por meio de suas narrativas notamos que para além das relações de patronato ou hierarquia social, presentes entre trabalhadores e os donos dos portos, estavam também momentos de intensa sociabilidade, visibilizadas através de jogos e conversas na área portuária.

Quando ele começou a ficar doente, o médico começou a falar que ele tinha de diminuir o estresse, que ele tinha que caminhar, então ele começou a caminhar de madrugada e a caminhada dele ele vinha

¹⁴² Trecho da entrevista com Antônio Soares, 82 anos, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

por aqui pela frente do mercado, e ele sempre gostou muito de conversar com as pessoas e aí ele contava uma história, escutava uma história por lá e fez amizade com os estivadores todinho, e ele tinha essa turma que jogava dominó até a morte dele. Chegava umas cinco, seis da tarde, que ele já estava bem estressado, ele descia e ia embora pra lá, ficava até umas seis e meia, sete horas, que era o horário dele, às vezes tava tão divertido que ele passava do horário tudo, inclusive eu tenho até uma foto dele lá jogando, que tava só eu e ele em casa, a Rose tinha viajado, ela já tinha o Boticário, em Portel, e aí tava dando nove horas e ele nada de vim jantar, e eu já tinha chamado umas duas vezes e nada, aí eu peguei uma máquina, pra registrar isso, que era uma coisa que ele gostava muito. Tinha outra coisa que ele fazia também, ele ia pro barco cedo, pra bater papo, ele chegava em Belém e aqui mais cedo, ele ficava lá no trapiche, vinha o pessoal, ele ia bater papo, comprava uma paçoca, ficava conversando e tinha muita história de barco assim, que ele me contava de pessoas que ele conhecia no barco, que ele tava lá na frente e aí perguntavam quem ele era e ele dizia e aí começava a conversar com quem se aproximasse, toda vez que ele chegava de uma viagem ele contava uma história de uma conversa de barco.¹⁴³

As relações entre os empresários e trabalhadores dos portos, como os estivadores, em outros momentos apareceram em movimentos de tensões e lutas pelos seus direitos. Por volta de 1980, uma situação ocorrida no porto alfandegado da empresa Madenorte S.A, chamou a atenção da imprensa nacional e foi motivo de matéria na rede globo, diferenciando-se das demais.

A gente tira a roupa pra ter mais agilidade, porque de bermuda, macacão, camisa e sapato, a gente tem menos agilidade. Aí a gente só de cueca, tinha mais agilidade. Nós não sentimos que nós tava sendo filmado e, naquele tempo, quem ia pensar que tinha filmador, e tinha um cara da Globo lá a bordo, filmando nós. Em Breves não tinha televisão, a única pessoa que tinha televisão foi quem nos avisou que nós tinha estampado em rede nacional, trabalhando só de cueca, quase nu, em porão de navio, foi o Jessé Fernandes que nos avisou que ele tinha uma antena de televisão lá, que era vinte metros de altura, um tubo de ferro galvanizado, ele mandou montar uma de dezoito metros de altura, ele pegava televisão direto de Belém; ele, apreciando o jornal nacional, e passou: “*estivadores de Breves, totalmente nu em porão de navio fazendo trabalho, sem segurança nenhuma, sem nada*” e ele contou pra nós.¹⁴⁴

Nas lembranças de seu Benedito Carvalho, um dos estivadores envolvidos no episódio, a denúncia repercutiu negativamente para a empresa, mas para os

¹⁴³ Trecho da entrevista com Tereza Almeida, 40 anos, realizada no dia 27 de fevereiro de 2013.

¹⁴⁴ Trecho da entrevista com Benedito Carvalho, 58 anos, realizada no dia 06 de março de 2013.

estivadores, os resultados apareceriam um ano depois de forma positiva, servindo como marco histórico para o fortalecimento da classe dos estivadores e da criação do seu sindicato.

Em setembro de 1981, seu Bendito e os companheiros estivadores estavam em seu ponto de trabalho, quando receberam a visita do inspetor da Capitania dos Portos do Pará que os convidou para uma reunião na Câmara Municipal com o prefeito, vereadores e os empresários do ramo da madeira. No mesmo dia, pela parte da tarde, tomando a frente da conversa, seu Bendito se encarregou de avisar o restante da categoria e no horário estipulado, encaminharam-se em direção ao local da reunião.

Ao todo nós éramos quarenta carregadores, mas sódeu trinta, os empresários tudo lá,era uma reunião para a fundação do sindicato dos estivadores em Breves, aí o inspetor da capitania disse: eu vim aqui mandado pelo capitão Caracas, que era o capitão dos portos pra fundar o sindicato do estivadores daqui, por aqui esses homens estão trabalhando só de cueca em navio, sem direito nenhum, de repente um homem desse morre lá no trabalho, quem é vai dar o que beber e comer pra família dele? Seu Carvalho levantou, era o gerente da Tropical Madeiras e disse: esses homens trabalham dessa maneira aí porque eles querem, por que todo mês nós chama lá cem, duzentos trabalhador, lá na nossa empresa e ninguém quer. Acontecia que eles pagavam muito pouco pro estivador, não dá nem pra gente comer, quem é que se sustenta aqui com salário mínimo, então o que acontecia com nós, atrás de nós temos uma família, esta família precisa de comer, beber e vestir, aí eu disse: nós vamos trabalhar lá na sua serraria, temos desgraçado na sua mão, que é só você que ganha, nós se lasca, aí ele calou a boca, sabe. O inspetor da capitania levou o pau pra frente e ele disse, quando terminou a reunião, os empresários do ramo da madeira falaram, era só madeira nessa época, aí foi quando o seu Florianolevantou e disse que não queria estivadores no porto dele por que iam escangalhar a carga dele, aí o inspetor disse que não, lá era com ele, ele que ia dizer se a gente ia se firmar em Breves ou não, empresário nenhum tinha o direito de dizer que a estiva não ia vigorar em Breves, não era eles que iam determinar.¹⁴⁵

Para seu Benedito Carvalho, a categoria dos estivadores do porão forçou a formar a outra categoria de terra, o sindicato dos portuários: os arrumadores, cuja associação foi fundada dois meses depois. Quando não havia navios para embarcarmos madeira, os trabalhadores da estiva faziam “carretos” na cidade.

¹⁴⁵ Idem.

Dentre os conflitos mais marcantes na trajetória do narrador está uma greve nacional dos estivadores, deflagrada no ano de 1987, envolvendo a orla portuária de modo geral, comandantes, marinheiros, cozinheiros, etc. Em Breves, a notícia não foi vista com bons olhos por um empresário local, dando início a um conflito com os estivadores. O episódio da greve movimentou o porto. O empresário, que não pretendia recuar, pois sua carga estava no navio e precisava ser retirada para a venda, contratou um advogado para pressionar a classe, anunciou que pretendia contratar carregadores particulares e pediu o auxílio da polícia. Seu Bendito Carvalho também recorreu aos advogados em Belém, e, depois de longas horas de negociação, a polícia resolveu se retirar e deixar a greve prosseguir.

Recuperar momentos de queixas, reivindicações e manifestações coletivas, como os marcados nas reminiscências do trabalhador portuário Benedito Carvalho, é, como assinalou a historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, uma forma de recusar a visão tradicional da escrita da história que por muito tempo entendeu a política como um ato das elites. Os estivadores de Breves, assim como os sujeitos de sua pesquisa na Manaus da Belle Époque, embora em recortes diferentes, participaram do ato político na defesa de seus interesses trabalhistas e, apesar da pressão dos empresários souberam, se posicionar diante da recusa de reconhecimento de direitos e em favor da luta pela autonomia da categoria, algo inédito no contexto de trabalho portuário do período.¹⁴⁶

É evidente que quando analisamos os episódios narrados por seu Benedito devemos considerar que se trata da composição de suas memórias conforme as necessidades e percepções do momento presente, portanto temos que ter o cuidado para não homogeneizar as suas ideias e encobrir as tensões internas que porventura ocorriam dentro do grupo de estivadores.

A área portuária era lugar para muitas formas de trabalho, além das já mencionadas. Pelas narrativas dos entrevistados, podemos perceber que a Rua Presidente Getúlio Vargas, era bastante movimentada. Dezenas de vendedores ambulantes deslocavam-se durante todo o dia, embaixo de sol ou chuva, para negociarem seus produtos e a oferta era bem variada: picolé, sorvete, docinhos, bombons, salgados, refeições, materiais plásticos, produtos dos espaços rurais, dentre outros. As pessoas que viviam na cidade, pela manhã, principalmente na década de

¹⁴⁶ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, op.cit., pp. 140-41.

1970, deslocavam-se para a rampa, espécie de feira improvisada, como vimos anteriormente, e lá tinham acesso aos produtos vindos da floresta como frutas e animais silvestres. Esse comércio era muito movimentado e importante para a cidade, em tempos de escassez de alimentos, os produtores se aproveitavam e elevavam os preços dos produtos, o que provocava descontentamento na população, que reclamava, mas não via outra saída a não ser comprá-los.

João Aildo Sena Melo trabalhou grande parte da sua infância e adolescência nesses ambientes, tanto como vendedor, como nos supermercados ou, ainda, ajudando o pai, que era estivador durante a década de 1980. Em seu depoimento, pode-se identificar, conforme Pacheco: “a construção de uma cidade do trabalho, não do trabalho assalariado, mas de formas de trabalhar que mesmo classificadas como anônimas e autônomas, modificaram a paisagem e o curso da história brevese, aquecendo o setor de serviços, produtivo e consumidor, assim como influência na reconfiguração do modo de viver dos moradores que segue tensionado pelo jeito florestal e urbano de ser.”¹⁴⁷

Era muito o movimento o dia todo, começava de manhã até umas seis horas da tarde terminava;o pessoal iam embora pra suas casas e os da embarcação pra dentro dos seus barcos; a partir das seis e meia já ficava só o pessoal das embarcação e esse meio ficava silêncio, aí o movimento ficava pra dentro da cidade, mas durante o dia, das seis da manhã até seis, seis meia da tarde, o movimento era todo aí na beirada. O trabalho que existia era principalmente dos carregadores, o entra e sai de mercadoria, o pessoal vindo trazer do interior e comprando aqui mantimento pra levar pra se manterem pra lá também. Eles traziam as fruta, banana, as frutas regionais, traziam, vendiam, pegavam aquele dinheiro e já comprava feijão, arroz, bolacha, pão, o peixe do gelo, frango do gelo, o mantimento deles. Eu vendi muito nessa beirada, em 87, por aí, vendia aquelas vasilhas de plástico, alumínio, balde de plástico, bacia de alumínio pra lavar roupa, perfume, ia de barco em barco oferecendo pros aposentados, via a época que eles recebiam aqui em Breves, eles deixavam tudo aqui, pois compravam tudo o que precisavam roupa, remédio, mantimento, tudo.¹⁴⁸

Além de mostrar o cotidiano do porto durante o dia e as formas de trabalho existentes nesses espaços, o entrevistado destaca as astúcias utilizadas pelos trabalhadores para aumentarem seus lucros nos negócios de venda nos portos.

¹⁴⁷ PACHECO, Agenor Sarraf. *Portos de memórias: cotidiano, trabalho e história no Marajó das florestas*. In Revista Movendo ideias, vol. 15, nº 1, janeiro a junho de 2010, p. 9.

¹⁴⁸ Trecho da entrevista com João Aildo Sena Melo, 39 anos, realizada no dia 02 de fevereiro de 2013.

Os barcos grande que levavam passageiro pra Belém, a rotina deles era essa, levar essespassageiros; na volta, já traziam, já vinha cheio de carga pra abastecer aqui a cidade de frango, charque, mortadela, tudo. Trigo, cachaça. Eu vendia nesses que passa de Manaus, Macapá, aqueles navios da Enasa, grande, que vinha de Manaus, tipo aqueles catamarã da Enasa que tinha, o Rondônia, tinha o Roraima. Isso é na década de 80, eles vinham e a gente vendia, o que tinha pra vender nessa época, aí a gente vendia lá, por exemplo, um pão custava um cruzeiro, no barco a gente vendia dois cruzeiros, dobrava o lucro da gente, aí esse dinheiro extra que a gente cobrava a mais era da gente, não prestava conta com o patrão, era lucro nosso mesmo, era a gente entrava dentro dos barcos pra vender, tinha vez que o barco saía, a gente tava lá dentro, tinha que pular n'agua, com bandeja, que o barco saía né? E o padeiro tava lá dentro; eu nunca fiz isso, mas vários amigos meus fizeram, jogava a bandeja e pulava n'agua, ê, ê, ê o pessoal gritava. Quem vendia muito, muito nesses barcos eram os sorveteiros, eles tinham um negócio que eles botavam os sorvetes, e levantavam com uma vara assim, aí deixava lá em cima o sorvete, aí vinha baixando a vara, já vinha o dinheiro lá dentro, cabia quatro sorvetes, era uma invenção pra não entrar lá dentro pra vender do trapiche mesmo, uma vara assim com quatro metros de altura, até no último andar do navio, quatro sorvetes e levantava na vara, aí o cara pegava lá a vara, ficava o buraco, naquele buraco já vinha o dinheiro. Vendia tudo de lanche nesses navios, então era a melhor época da semana pra vender, era quando chegavam esses navios, era dinheiro seguro, lucro seguro mesmo, acabava cedo a venda, quando o navio passava cedo a gente acabava cedo.¹⁴⁹

Nesse movimento na área portuária, diariamente aconteciam muitos conflitos, dentre os casos mais corriqueiros, João Ailto Sena Melo explica:

Tinha roubo, a maioria das brigas era isso de negócio de roubo, aquele monte que estão jogando baralho, jogando alguma coisa no paga dinheiro, aí um rouba o outro, aí sai briga, briga de vendedor de chopp que um compra e não quer pagar, aí sai briga, briga de vendedor de pão, que um compra o pão, compra mais, não quer pagar e há uma discussão, briga por causa de carreto, um ir na frente pra pegar a mala do outro e o outro achar que aquele é cliente dele, aí sai briga por causa disso. Dava muito ladrão nessa beirada, sempre foi um lugar de muita artimanha, não é lugar pra gente besta essa beirada, o cara besta não se cria aí, é só cara esperto mesmo, aí é o lugar dos caras mais esperto, o que é besta fica pra trás.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Trecho da entrevista com João Ailto Sena Melo, 39 anos, realizada no dia 02 de fevereiro de 2013.

Clodoaldo Souza também viveu intensamente o cotidiano da área portuária, desde a infância, vendendo cocada, cachorro quente, chopp, bolinho, dentre outros mencionados. Relatou que a sua entrada no mundo do trabalho tão precocemente não foi somente por necessidade econômica, mas por questões culturais. “Naquele tempo, tinha aquela imagem, o filho mais velho homem, com dez, onze anos, já tinha que trabalhar pra ajudar a família”. Suas memórias remetem a momentos dolorosos, incluindo mortes por afogamento e assassinatos, exploração, mas também a formas de sociabilidade prazerosas, como a prática de tomar banho de rio, nos diversos trapiches estendidos pela orla.

Eu vendi picolé pra sorveteria São João, a garotada vendia tudo com isopor e os homens mais velhos no carrinho; eu cansei de pegar sermão do dono da sorveteria e levar puxão de orelha. Ele era severo, porque aguava o picolé, a gente saía pra tomar banho e esquecia de fazer a venda, aí ficava aquele mingau no fundo do isopor de picolé de tapioca, de açaí, Jesus amado!, e aí por castigo, ele mandava a gente comer, chega doía a minha cabeça, na verdade a gente vendia pra garantir o pão do outro dia, se não a gente apanhava, era aquela cultura da família, é menino, filho homem, cresceu tem que ajudar os pais; achavam que se o menino não trabalhasse logo cedo viraria malandro, a menina tinha que ajudar em casa. Sabe quando era que nós nos divertíamos aqui na Rua Duque de Caxias, quando à noite, a gente tomava banho, jantava e vinha pra rua brincar bandeirinha, pira garrafa, era o momento que a gente se divertia, porque de manhã estudava e a tarde fazia venda ou vice-versa.¹⁵¹

Como notamos, a pobreza e a necessidade de complementação da renda familiar não eram os únicos motivos que levaram as famílias a introduzirem seus filhos, ainda crianças, no mundo do trabalho, mas a posição central que o trabalho exercia na sociedade, bem diferente da atualidade. Na década de 1980, atribuía-se ao trabalho poderes curativos e formadores na vida das crianças, situação que afastou João Ailton Sena Melo e Clodoaldo Vieira de Souza precocemente do ambiente escolar, colocando-os no mundo do trabalho portuário.

Dessa maneira, ao visibilizar os rostos e as formas de trabalho e ouvir as vozes de muitos trabalhadores e moradores da cidade, foi possível recuperar nuances históricos da constituição dos espaços urbanos e das relações sociais neles existentes em diferentes tempos, numa forte relação de interação entre o fazer-se dos trabalhadores e o fazer-se da cidade.

¹⁵¹ Trecho da entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, 41 anos, realizada no dia 10 de abril de 2013.

PARTE II

“ÁREA PORTUÁRIA DE BREVES: ESPAÇO DE DIVERSAS PRÁTICAS CULTURAIS”.



Imagem 18 - Fotografia da prainha, na década de 1980, localizada em um trecho da área portuária, retirada do facebook denominado “Cidade de Breves”. Acesso em 12 de julho de 2013.

Os detalhes da imagem que abre este momento do texto possuem especial valor como fonte histórica, ao nos apontar, através da lente do fotógrafo, para o cotidiano do lugar conhecido como prainha, espécie de praia artificial localizada em um trecho da orla portuária. A prainha formou-se ao longo de décadas com restos de areia e seixo deixados por negociantes de materiais de construção. Foi um espaço muito frequentado por banhistas e constituiu-se como uma das opções de divertimento nos finais de semana no período de 1980 e 1990. O estudo cuidadoso dessa imagem possibilita reconstruir a aparência de prédios antes de sua demolição e compreender a importância da área como local de práticas sociais de centenas de moradores de uma cidade do arquipélago do Marajó onde inexistia praia.

Impulsionada pela ideia de que a área portuária foi palco importante de manifestações da vida cotidiana, de diversos sujeitos que viveram, ou vivem em Breves, tratarei neste capítulo das formas de sociabilidade, lazer, devoção a santos e crenças em seres fantásticos dos moradores do lugar. Através de suas narrativas, de imagens e notícias de jornais, discutirei as relações de trabalho, entremeada pelo entretenimento e os diferentes modos de imagem/imagens, mesmo que idealizadas, da

identidade ou da cultura de Breves. A partir de pessoas entrevistadas que frequentaram, trabalharam ou moraram na área portuária de Breves, preferencialmente entre as décadas de 1940 a 1980, discutirei a multiplicidade de olhares sobre Breves, sua paisagem, os espaços praticados através do lazer, da devoção, da crença nos encantados. Poderemos perceber as dissonâncias e as consonâncias de percepções que se constroem, mediadas pela experiência vivida no espaço urbano a partir de lugares específicos de pertença dos sujeitos entrevistados. Percepções e vivências em um espaço que guarda fronteiras muito próximas ao universo ribeirinho no trânsito de pessoas, mercadorias e práticas culturais. O que nos leva a diferentes construções da identidade do lugar e das práticas culturais.

Para tanto, tomo como objeto de análise os bares, jogatinas e cabarés existentes na Rua Presidente Getúlio Vargas e parte da antiga Curica, num universo onde trabalho, prazer, ludicidade e indisciplina caminhavam juntos. Em seguida, a ênfase é para as brincadeiras, conversas, cinema, teatro, praças e despedidas nos trapiches. Posteriormente ganham destaque as histórias fantásticas de seres míticos que fazem parte do imaginário de muitos moradores de Breves. Por último, mas não menos importante, as Festividades de Santana, no bairro Centro, e de São Pedro, na Cidade Nova, serão problematizadas como conteúdo da dinâmica sociocultural da sociedade, na busca de compreendê-las em seus múltiplos usos e significados.

2.1. Entre bares, cabarés e jogatinas.



Imagem 19 - Fotografia do bar Meu Cantinho, próximo ao Trapiche Municipal, década de 1970, cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

Dentre os bares mais frequentados pelo público da década de 1970, marcaram presença nas memórias de José Luiz Pena Pereira o bar Meu Cantinho, localizado nas proximidades do Trapiche Municipal, representado na fotografia; o Mururé, no Prédio onde funcionou a cantina da Bisa e o Sinuca Bar, na Avenida Rio Branco.

O principal bar da cidade era o Sinuca Bar, que hoje é o Hotel Avenida. Ali a gente se encontrava antes de ir para o baile no Santana ou no Atalaia. Isso já por volta do ano de 73, quando passei a frequentar festas e a dançar. O Sinuca Bar era mais frequentado pelas pessoas mais velhas, funcionários públicos, principalmente. Só nos sábados eu costumava ficar lá com os amigos. A gente bebia rum com Coca-Cola, ou seja, cubra libre, que era a bebida da moda. Lembro que ali sempre tocava Nelson Gonçalves. Parece que só tinha um disco, pois quando terminava de tocar a última música do LP começava de novo. A gente sabia todas as letras de cor. Hoje isso é engraçado, mas a época a gente achava aquelas músicas o máximo, e enchia a cara de rum. Nesse tempo eu tinha entre 15 e 17 anos. A gente bebia e fumava. Isso era normal em nossa geração. O público era morador do centro.¹⁵²

¹⁵²Trecho da entrevista com José Luiz P. Pereira, ex-morador de Breves, realizada no dia 24 de março de 2013.

Em muitos casos os bares foram considerados pelos entrevistados como espaços intermediários entre o rio, a rua e a casa, transcendendo a vida familiar, espécie de “pedaço”, na categoria criada por Magnani¹⁵³, para encontrar amigos, colegas, conhecidos. Nesses espaços os entrevistados se reconheciam e traziam em seus comportamentos os sinais exteriores de seus pertencimentos, como vimos no depoimento de José Luiz Pena Pereira.

Nos finais de semana tinha o bar do seu Pires, dali do Caramês pra lá era só ponte, a gente ia por cima da ponte, a ponte era em cima d’agua, o bar era em cima d’agua, era um barzão, a gente ficava lá, se distraíndo, tomando banho, saía da rotina.¹⁵⁴

Nas memórias de seu Venâncio Pantoja Amaral, entre as décadas de 1950 e 1960, existiam poucos bares na orla portuária e o narrador recordou-se de um que ficava no final da Rua Presidente Getúlio Vargas, afastado da parte comercial da cidade. O lugar era o ponto de encontro dos trabalhadores da indústria de madeira BISA (Breves Industrial Sociedade Anônima) nos finais de semana e espaço para relembrar suas origens ribeirinhas no rio Mapuá no contato com a água e a floresta.

O trecho da narrativa de seu Venâncio insere-se na realidade da segunda metade da década de 1940, após o final da Segunda Guerra Mundial, quando o município atravessou uma crise gerada pela desaceleração do negócio da borracha na região, forçando diversas famílias de trabalhadores a deixarem seus lugares de origem e a tentar novas oportunidades no ramo madeireiro em ascensão no município, como mencionado na primeira parte do trabalho.

Observamos a partir dos depoimentos dos entrevistados que, com a migração rural para o espaço urbano de Breves, existiu uma ruptura profunda no modo de vida dessas famílias ribeirinhas ao cruzarem os limites dos portos e adentrarem ao cotidiano da cidade. Muitos homens e mulheres passaram a utilizar o horário livre seguindo a lógica de tempo e disciplinas estabelecidas pelas madeireiras e outras formas de trabalho na cidade e não mais os ritmos da natureza, como estavam acostumados.

As formas de lazer e outras manifestações culturais estudadas foram tratadas em diferentes contextos, de acordo com os sentidos e os significados culturalmente

¹⁵³ Magnani cunhou a categoria “pedaço” para diferenciar suas ideias da reconhecida fórmula damattiana de oposição rua versus casa, espaço público e privado, o pedaço é o lugar de conhecidos, colegas, não necessariamente como é a casa onde o acesso está reservado aos parentes e amigos íntimos e a rua aos estranhos com posições e direitos demarcados. No pedaço, todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer. (MAGNANI, 2003, p.12).

¹⁵⁴ Trecho da entrevista com Venâncio Pantoja do Amaral, ex-trabalhador da BISA, realizada em 05 de fevereiro de 2013.

produzidos e reproduzidos pelos sujeitos em suas relações com o mundo. São partes integrantes da trama histórico-social que caracteriza a vida nessa sociedade em relações dialógicas com os desafios sociais, políticos, históricos, econômicos entre outros, presentes no contexto local.

Assim, utilizo como referência a proposta de Magnani, ao olhar as práticas de lazer não como uma atividade marginal ou distração para as dificuldades cotidianas, assentada em padrões burgueses capitalistas, mas para compreender o mundo e o modo de vida de dezenas de sujeitos históricos que frequentaram determinados espaços considerados de lazer na cidade.

Seguindo nessa linha, destaco que o hábito de frequentar festas nos finais de semana em uma das casas noturnas da cidade, o Papy Dance Clube, era parte da rotina de centenas de grupos de jovens que viveram os anos de 1980 e 1990. Clodoaldo Vieira de Souza explicou que os grupos eram conhecidos como “gerações” e, antes de partirem para as festas, tinham nos bares próximos a imagem de Santana, na frente da cidade, o ponto de encontro.

Com 19 anos, eu fui trabalhar no Júnior 'bar, na beira do rio, lá era o point da cidade nessa época. De dia era a garotada brincando lá, estudantes, tinha os banquinhos, as mesas, a juventude de Breves praticamente toda se reunia lá: Geração 2000, Geração Coca-Cola, Rip Hop, tocava os embalos da década de 80 que surgiram com força mesmo e foi até a década de 90, era uma espécie de concentração da juventude antes de ir pro Papy.¹⁵⁵

O Júnior'bar mencionado pelo entrevistado pode ser considerado nas décadas de 1980 e 1990 como espaço de lazer, sociabilidade, criação e recriação cultural, na medida em que seus frequentadores, na sua maioria jovem, em constantes diálogos com os meios de comunicação da época como o rádio, televisão, revistas, jornais e cinema, traziam para as rodadas de conversas às margens do rio Parauaú, na área portuária, as ideias que circulavam nas grandes capitais do Brasil e do exterior, influenciando os modos de pensar, agir e vestir dessas gerações.

Sena Filho demonstra em sua pesquisa sobre o cinema em Breves, nos anos de 1960 a 1990, - pelo depoimento de Waldir Pena Borges, traços da modernidade imprimida na cultura ribeirinha marajoara através da exibição de filmes do circuito nacional. “Alguns tentavam imitar a vestimenta dos filmes de artes marciais, aquela roupa usada pelos chineses, aquela calça um pouco mais curta, um sapato preto, uma

¹⁵⁵ Trecho da entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, ex-trabalhador de espaços portuário, realizada em 10 de abril de 2013.

meia branca. Alguns usavam uma fita na cabeça, outros usavam a roupa da moda, o jeans, calça mais larga, que chamávamos de boca de sino.”¹⁵⁶

Sarraf, referindo-se ao trabalho de Neves¹⁵⁷ revela, dentre outras informações, alguns princípios morais da mentalidade de frequentadores de outro bar muito referendado pelos entrevistados, o Bar Nazaré, localizado nas proximidades da empresa BISA, na década de 1960.

À noite, eram os músicos que alegravam a gente, tocando os “dobrados”. Nesse tempo, ainda não existia os aparelhos de som que tem hoje. Quem quisesse tomar um refrigerante ou uma cerveja gelada, era só ir lá ao Bar Nazaré, de propriedade do Henrique. O Bar Nazaré ficava cheio de gente depois da procissão. Nessa época, mulher não entrava em bares e se a gente convidasse uma mulher para tomar refrigerante, a gente tinha que entrar no bar, comprar e levar a ela lá fora. Elas não entravam em bares de jeito nenhum, pois ficariam “faladas”.¹⁵⁸

O discurso acima evidencia a permanência da figura feminina associada idealmente a casa, ao doméstico e à necessidade de afastamento dos espaços públicos, particularmente bares, que eram ligados ao mundo dos homens.

Depoimentos desvelando a participação da mulher nesses ambientes de lazerosamente aparecem nas narrativas relacionadas ao universo de prostituição, em outro extremo da área portuária, próximo ao Mercado Municipal e da Rua Capitão Assis ou Curica, afinal, a prostituta tem a imagem associada ao público, à rua como veremos mais adiante.¹⁵⁹No Bar do Lacerda, localizado no perímetro da Rua Presidente Getúlio Vargas, entre Castilhos França e Mário Curica, era conhecido nos anos de 1980 por atender outra clientela e outras perspectivas de retorno e troca. Esse trecho da orla aglutinava os espaços das casas de jogos, dos bares e da zona de meretrício.

¹⁵⁶ SILVA FILHO, José Sena da. *Cinema e modernidade na Amazônia Marajoara: vivências em códigos refratados na cidade de Breves*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – Universidade Federal do Pará/Campus de Bragança, 2013, p. 111.

¹⁵⁷ NEVES, Ademir Lopes das. **O cotidiano portuário de Breves em 1990**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História. Breves: UFPA, 1999, p. 03.

¹⁵⁸ PACHECO, Agenor Sarraf. *Portos de Memórias: Cotidiano, trabalho e história no Marajó das Florestas*. In Revista Movendo Ideias, vol. 15, nº 1 – janeiro a junho de 2010, p. 11.

¹⁵⁹ Margareth Rago, ao estudar a prostituição feminina em São Paulo nas últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, problematiza a imagem estereotipada criada para a prostituta baseada em códigos morais burgueses, - que tomavam como referência os modelos da família e da mulher das classes dominantes, como padrão para o restante da sociedade. Nas suas palavras, “a mulher fora do lar, sobretudo desacompanhada, precisava prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, “mulher pública” (RAGO, 2008, 44).

O Lacerda era encontro de prostituição lá não tinha quarto, lá eles se encontravam, eles levavam pros barcos, ou pros puteiros que tinha na Curica, lá alugavam os quartos. Quem frequentava mais eram o pessoal da geleira, muitas trocavam sexo com comida, com peixe, os caras davam aquelas sacoladas de peixes para as pessoas daí do outro lado do rio e daqui da cidade. Aqui tinha aquelas manjadas que todo mundo sabia, que se trocava com peixe, com carne.¹⁶⁰

Ao contrário do Júnior' bar, frequentado por jovens, os clientes dos bares dessa parte da cidade eram prostitutas, homens de mais idade, casados e viajantes. A conversa, o sexo, a bebida, os jogos, as drogas e a violência eram elementos que traziam uma representatividade negativa para os estabelecimentos localizados nesse perímetro da cidade.

Eu lembro que na copa de 82, quando o Brasil perdeu pra Itália, eu vinha lá da Mainardi¹⁶¹; nesse tempo eu tinha ido com umas mulheres pra lá, eu e um amigo fomos lá pro bar do Lacerda, aí tinha um cara biritado lá gritando “Itália, Itália”, aí ele chegou com o porre e disse:” ei rapá, tu não é brasileiro não?” Ele deu muita porrada no cara, olha, o cara foi no caminhão do finado Adilson Almeida pro hospital.¹⁶²

Dentre outros motivos, a sociabilidade presente nesses estabelecimentos geraram práticas de lazer, políticas e culturais desconsideradas pela maioria da população. Trazê-las para a discussão implica narrar “práticas comuns” em operações violentas, astuciosas e clandestinas.

Segundo o pensamento de Certeau, referidas astúcias do cotidiano compõem a rede de uma antidisciplina que mesmo escondidas, ou desprovidas de ideologias ou de instituições próprias, obedecem a regras estabelecidas em momentos de tensões, e muitas vezes de violência, oferecendo equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários, entre os sujeitos.¹⁶³

Seu Bendito Carvalho, estivador aposentado, vivenciou por vários anos o cotidiano de trabalho e lazer na área portuária; em suas palavras, diversão e trabalho caminhavam juntos para muitos de seus companheiros, embora ressalte em seu depoimento uma valorização de sua autoimagem, pois era um dos representantes do

¹⁶⁰ Trecho da entrevista com João Ailto S. Melo, ex-trabalhador da área portuária realizada no dia 02 de março de 2013.

¹⁶¹ Vila localizada na zona rural de Breves.

¹⁶² Trecho da entrevista com J. R. S. ex-cafetão na área portuária, realizada no dia 14 de abril de 2013.

¹⁶³ CERTEAU, Michael de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp. 39-48.

Sindicato dos Estivadores em Breves, por isso procurava disciplinar os horários e evitar desmoralização da categoria no ambiente de trabalho.

A bebida e o jogo de baralho nosso, por exemplo, quando nós não tava trabalhando, tinha uns que bebiam, mas isso já no fim do trabalho, quando vinham pra casa, vinham satisfeito, tinham terminado mais uma jornada de trabalho, aí aparecia uma garrafa de bebida e outra, e quem gostava bebia, mas ficava porre sem fazer desordem, se fizessem desordem ia sofrer punição e a parte do jogo de baralho, a gente sabe que em todo campo existe, dentro das empresas privadas que não deveria existir, existe. Então com nós existia, apostando cigarro.¹⁶⁴

Como vimos, inseridos nesses ambientes desde o amanhecer até o final da tarde, muitos trabalhadores da área portuária não faziam uma separação entre tempo do trabalho e do lazer. Entre um carreto e outro, parava-se para ingerir líquidos alcóolicos, jogar sinuca, baralho, dominó. Para eles, o tempo de trabalho e não trabalho eram compreendidos em dimensões complementares.

Para entender melhor esse universo e estudar as práticas de lazer no período da pesquisa, na área portuária, faz-se necessário visibilizar os modos de lazer, como o dos trabalhadores da estiva, não somente como tempo do ócio, como determinava os padrões burgueses das madeireiras e palmitadeiras locais, interessadas em separar esses mundos, mas considerar que muitas atividades desligadas do modo de produção em massa também faziam parte desse universo, com normas e compromissos que não seguiam as regras das fábricas e apontavam para táticas de burlar a exploração da mão-de-obra e o controle do tempo dos trabalhadores.

João Ailto Sena Melo, comerciante local e ex-trabalhador da área portuária, afirmou que nas proximidades do mercado municipal, na Rua Presidente Getúlio Vargas, existiam diversos bares que atraíam uma clientela de trabalhadores portuários, como carregadores e donos de geleiras. “Funcionava como se fosse um cassino, tinha o pessoal na mesa, que jogava valendo dinheiro, jogava baralho, sinuca, bilhar, isso vai até o fim da década de 80, no início da de 90.”¹⁶⁵

Essa forma de atrelamento de lazer e trabalho não é uma prática exclusiva do período estudado. Para entender melhor essa questão, Thompson explica que muitas sociedades antigas ou pré-industriais tinham seu ritmo de trabalho aliado à natureza,

¹⁶⁴ Trecho da entrevista de Benedito Carvalho, ex-estivador na área portuária, realizada no dia 06 de março de 2013.

¹⁶⁵ Trecho da entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 02 de março de 2013.

sem tanta rigidez de horários, ou separação entre a vida e o trabalho, haja vista que estes dois elementos se misturavam no cotidiano. Havia àquelas comunidades que pautavam a medição de tempo de acordo com as tarefas que sustentavam o grupo, com a necessidade de serem executadas nos horários certos, mas sempre obedecendo ao ritmo da natureza. Por exemplo, os pescadores trabalhavam de acordo com as marés ou, ainda, os agricultores durante o horário solar, dentre outros exemplos.¹⁶⁶

Além dos bares e jogatinas, outras formas de lazer faziam parte dos ambientes portuários, das quais destaco as boates e cabarés nas Ruas Presidente Getúlio Vargas ou Rua da Frente e Curica. Utilizarei a denominação Curica, pois era assim que os moradores e frequentadores se referiam a esta rua no período de pesquisa. Durante a sua trajetória, a rua recebeu três denominações: primeiramente Curica, em seguida, Capitão Assis e, atualmente, Mário Curica.

A Curica foi inúmeras vezes mencionada pelos entrevistados por estar diretamente ligada ao ambiente portuário. Era uma espécie de esquadro para muitos visitantes de espaços ribeirinhos e de cidades circunvizinhas que ancoravam nos diversos portos que constituíam a orla. Localizada em um perímetro considerado para a década de 1960 como periferia, esta era uma rua com diversas boates, bares e quartos para alugar para as prostitutas. A violência e as drogas marcavam o cotidiano do lugar.

Segundo as lembranças de seu Enéias Pinheiro e Antônio Soares, na década de 1940 o movimento de bares e casas de prostituição na área portuária era bastante tímido. Para os entrevistados, foi somente a partir da década de 1950, mas precisamente com o surgimento do lugar conhecido como Casa da Dominga Sena, localizado próximo à beira do rio, que esse perímetro da orla ganhou novos contornos.

A casa da Dominga Sena era uma espécie de ponto de encontro de ribeirinhos e visitantes da cidade interessados em diversão. Tratava-se de um local com vários quartos alugados para as “mulheres solteiras”, com salão de festas e bebidas. Venâncio Pantoja do Amaral, ao rememorar seus tempos de juventude e solteirice destacou que na Dominga Sena “tinha três mulheres, que eram as mais cobiçadas da galera”.

Seu Raimundo Castro, morador de espaços rurais, em visita a Breves tinha como parada obrigatória o estabelecimento.

¹⁶⁶ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.p. 270-71.

Quando a gente vinha, deixava as nossas coisas lá, deixava o casco e vinha se agasalhar, a gente dava o dinheiro pra ela, a Dominga Sena comprava o rango. No outro dia, a gente almoçava na casa dela, naquele tempo não era violento e a gente ficava a noite inteira por lá, quando terminava a festa, nós ia pra serenata e aí amanhecia.¹⁶⁷

Os entrevistados ressaltaram o papel desempenhado pelo estabelecimento de D. Dominga Sena, entre as décadas de 1950 a 1970, enquanto lugar de iniciação sexual dos jovens do município.

Grande parte da população masculina frequentava os bares e os bordéis desse ponto da cidade. Nesses locais, muitas mulheres casadas e “filhas de família” não tinham acesso. Isso ficou visível no momento das entrevistas, quando eu indagava das entrevistadas sobre suas lembranças do lugar, a resposta mais comum era “eu não sei, eu não andava por esses lugares”. Para elas, era necessário manter certo afastamento desses locais para não ficarem “faladas”, preferiam os bailes realizados pelos clubes Santana e Atalaia e outras festas consideradas mais familiares, onde as meretrizes não circulavam.

J. R. S., autodenominado ex-cafetão, em tempos de adolescência apaixonou-se por uma das meninas da Dominga Sena e em suas memórias, relembra nuances desse relacionamento:

Eu era novo e uma mulher solteira lá se engraçou de mim, a gente já morava junto, eu morava no quarto dela, que lá na Dominga Sena tinha quarto pra alugar pras mulher solteira, e eu já dormia pra lá, ela comprava o almoço pra mim, eu era moleque, chamego de puta. Então eu ia pra festa e ela ficava ganhando dinheiro dos homens, eu liberava ela pra fazer a viração, quando eu chegava ela tava com aquele monte de dinheiro “olha amor, isso aqui é nosso e tal, umbora gastar, umbora tomar”, e eu aceitava.¹⁶⁸

Entre as décadas de 1960 e 1970, com a expansão da cidade, a Curica começou a ser ocupada pela população. Muitas mulheres que viviam nos quartos da Dominga Sena construíram suas casas ali, a poucos minutos da área portuária. Seu Antônio Soares lembrou-se dos primeiros traçados dessa ocupação, expansão da cidade e das mudanças na paisagem do lugar.

A partir de 60 e 70, o velho Mário Curica era carpinteiro, então nesse tempo tinha muita mulher solteira, ele começou a roçar e fazer as casas delas na Curica. Antes, muitas delas moravam na casa da

¹⁶⁷ Trecho da entrevista com Raimundo Sarges de Castro, ex-trabalhador do ramo da borracha e madeira na região realizada no dia 12 de agosto de 2009.

¹⁶⁸ Trecho da entrevista com J. R. S., ex-cafetão na área portuária e Curica, realizada no dia 31 de julho de 2013.

Dominga Sena. Eu frequentava muito esse lugar, tinha um bocado de mulher solteira, tinha a dança, salão de festa. O Mário Curica começou a fazer os tapirizinho delas, foi aí que fundaram a rua. Em 1965 eu morei aqui em Breves, aluguei uma casa nessa rua, defronte da Escola Paulo Rodrigues, ali era um roçado de arroz, o pessoal começaram a fazer casa, fazer casa.¹⁶⁹

Segundo as memórias de A. M. G, a casa da Dominga Sena deixou de funcionar como local de meretrício nos finais da década de 1970.

Eu ainda conheci a Dominga Sena em 80, ela tava idosa, uma velhinha, já tinha mudado o itinerário, é uma geração antes da minha, quando eu cheguei, não funcionava mais; antes da Curica, o movimento era todo lá, eu até conheço umas mulheres que frequentava lá, que hoje têm marido mais eram de lá, elas tão bem idosas.¹⁷⁰

Nas décadas de 1970 e 1980 a Rua Curica foi se assentando também como espaço de moradia e não mais apenas de prostituição e bares. Esse momento coincidiu com o período em que a madeira e o palmito sustentavam a economia local, movimentando os portos, como vimos na primeira parte do trabalho. Com códigos, leis e práticas próprias, a Curica configurava-se em espaço de práticas culturais diferenciadas. Nesse período, muitas famílias residentes da rua aproveitavam o movimento comercial para venderem comidas, bebidas e doces em frente às boates e bares, no período noturno.

Para Rago, que estuda a temática da prostituição em São Paulo nos finais do século XIX e início do XX:

A prostituição era condenada e aceita ao mesmo tempo, cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser compreendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos por redes subterrâneas e de solidariedade, apresentava-se como um território que contrariava a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés da cidade os quais conformavam um espaço importante de interação social.¹⁷¹

Graças às memórias de dois colaboradores que vivenciaram experiências relacionadas à prostituição na área portuária e na Curica, entre as décadas de 1970 e 1980, um universo restrito e particular pode se abrir para nossa pesquisa. Muitas

¹⁶⁹ Trecho da entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

¹⁷⁰ Trecho da entrevista com A.M.G. ex-prostituta na área portuária e Curica realizada no dia 13 de abril de 2013.

¹⁷¹ RAGO, op.cit., 196.

pessoas somente conheciam o funcionamento dessa rua em círculos de conversas informais.

A.M.G chegou na cidade por volta de 1975. Migrante de outro Estado, deixou para trás dois filhos pequenos, veio acompanhada de duas amigas “mulheres solteiras” e a ideia era conhecer o movimento da cidade. Era época da Festa de São Sebastião. A entrevistada gostou tanto da cidade que decidiu ficar. Seu primeiro emprego foi no bar de uma boate na Rua Castilhos França, a boate da Dora, como era popularmente conhecida a proprietária do estabelecimento; do bar passou para a cozinha, de lá para a Rua Curica, primeiramente na venda de churrasco em frente às festas, depois no ramo da prostituição. Discorrendo sobre seu passado, detalhou em 51min suas vivências nessa rua.

Às vezes ela circulava pelo porto, sentava nos bares, arrumava clientes e os levava para as festas e prostíbulos espalhados na Curica, outras vezes, marcava ponto em frente às principais boates da rua e esperava pelos seus clientes, disse ser uma mulher bonita e vaidosa, que tinha a chance de escolher seus pretendentes, que preferia os mais velhos e casados, não somente pela questão econômica, mas para evitar relacionamentos sérios, se dizia profissional e não gostar de “xodó”. Podemos conhecer melhor sua história e da cidade, seguindo os rastros de suas memórias.

Quando eu cheguei em Breves, na Curica é que era o movimento, aquilo ali era bar noite e dia, era bar pra tudo quanto era lado, e era mulher bebendo, homem bebendo, eu gostava de receber meus clientes pra lá, tinha muita boate que alugava quartos, eu usava os quartos alugado, a boate era só pra beber, brincar. Saía de um bar e entrava no outro, era noite e dia no bar, não tinha hora e nem dia sabe, tu podia andar a qualquer hora que tinha esses velhinhos com dinheiro. Às vezes, eu pegava os clientes que tinha e ia pro meu quarto, muitas vezes eu ia pro bordel, sempre lá naquela rua, eles iam tudo daqui pra lá, chegavam de barco, eram tudo do interior, porque tinha fábrica de palmito naquela época, aposentado do interior, era mais palmito naquele tempo que corria e madeira, era mais palmiteiro do interior, ali naquela beirada era daqueles barquinhos mais velhos, menores, era de Anajás, era de Portel, vinham todos pra cá pra Breves. Aí vinham receber o dinheiro dos palmiteiros, eles vinham certo naquele bar, eles já me conheciam, não era só um não, era vários, era o mês inteiro, saía um vinha outros, era muita gente em Breves, era muito dinheiro naquele tempo, era final de 70 e 80. Agora, eu lembro que teve uma boate aqui que era a maloca na estrada, onde as mulheres eram trazidas de Belém, era mais frequentada pelos mais ricos da cidade, elas moravam lá mesmo, faziam strip-tease, se prostituíam, muitas

casaram e vivem bem na cidade, mas eu não frequentei por que era muito longe, fechou logo, o dono foi embora, a gente ia pra churrascaria, bar, beber com os amigos, conquistava os clientes e ia pra lá pra curica, mas não tinha nada com dono de boate.¹⁷²

Em meio às lembranças de A.M.G. relacionadas com lazer e trabalho na área portuária e na Curica, sobressaíram-se diversidade de espaços, classes sociais e tipos de mulheres de programa. A entrevistada tinha como clientela os ribeirinhos de classe mais baixa, definidos por ela como homens do “interior”, tanto no município quanto de cidades circunvizinhas, que se deslocavam em pequenos barcos para receberem os provimentos mensais de aposentadoria nos bancos de Breves, ou venderem a produção de palmito às empresas especializadas do ramo, localizadas na área portuária. A entrevistada fez poucas referências a estrangeiros.

Nas memórias de A.M.G. o movimento da prostituição na década de 1980 não incluía somente os espaços portuários e a Curica. Com o crescimento da cidade, surgiram outros locais do ramo, como a *Maloca do Antônio Branco*, localizada nos limites da cidade, na estrada Breves-Arapijó, e destinada aos homens mais abastados. A programação diferenciada da maloca e mulheres trazidas da capital Belém encarecia o programa e selecionava a clientela masculina.

J. R.S. também participou ativamente do cotidiano da orla e da Curica, como cafetão e por mais de duas décadas sobreviveu dessa ocupação. Suas memórias detalharam, dentre outros nuances, a prostituição nos navios pouco mencionada por A.M.G. nos anos de 1980 e 1990, por não fazer parte do seu cotidiano. “Eu tinha medo de ir para os navios e de subir naquelas escadas do lado, eu preferia ficar no lugar que eu já estava acostumada e ficar com os homens que vinham do interior”, foram as palavras da entrevistada ao mencionar os programas nos navios.

J.R.S retornou para Breves em 1982, depois de 10 anos morando em Belém. Logo no primeiro dia arrumou um trabalho em umas das inúmeras boates espalhadas pela Curica, onde teve contato com o mundo da prostituição e ficou conhecido como o “rei das meninas”, pois arrumava companhia para os homens em troca de vantagens como bebidas, cigarros e dinheiro.

No seu relato, desvelou o território da prostituição, enumerando as boates preferidas de seus clientes e as astúcias para sobreviver no ambiente. Ao contar sua trajetória, se considerou um sortudo por estar vivo até os dias atuais, já que em muitos

¹⁷² Idem.

momentos envolveu-se em brigas perigosas, como vimos na primeira parte deste trabalho. Seu depoimento foi importante para se entender o esquema da prostituição nos navios e na Rua Curica, conforme veremos no seu depoimento.

Eu me lembro como se fosse hoje, tinha aqui a sede do Guarani, tinha o Imperial, tinha o Veneza, tinha o Zezinho, tinha a Escolinha, tudo lá na Capitão Assis, isso tudo é área que a prostituição ficava, essas mulheres de lá que iam pro navio, tudo moravam por lá. Aí quando foi um dia, na quinta- feira eu cheguei, quando foi à noite eu fui pra essa Curica e lá era festa de segunda a segunda lá, isso aí eu me lembro bem, aí eu passei a fazer amizade com as meninas, essas meninas solteiras da Curica, essas meninas de lá que vinham pra cá pra área portuária, elas faziam ponto tudo por aqui.

Das mulheres eu não cobrava nada, eles perguntavam: Quanto é amigo?”Eles falavam em inglês. Eu nunca falei inglês, mas no sotaque deles eu entendia, no que ele falava eu olhava na boca dele, o que ele falava, com o tempo convivendo com eles eu fui aprendendo. A gente atravessava daqui, tinha os barquinhos aí na frente, eles cobravam, aí eu pegava as meninas, chegava o navio, as meninas vinham, “olha chegou o navio, e aí umbora lá? A gente só vai se tu for”, eu apadrinhava e, outra coisa, eu dava proteção, eu ficava assim tipo um segurança pra elas, os caras podia matar elas, assim não, eu chegava lá, “olha, essa fulana, fulana, fulana eu que trouxe e estou aqui”, e eu não vinha me embora, eu ficava lá.¹⁷³

Durante as décadas de 1980 e 1990, as mulheres de programa e J.R.S., mesmo com o porto controlado pela alfândega, sempre arrumavam um jeito para burlar as regras da fiscalização, esperavam os fiscais dormirem e subiam pelas escadas laterais dos navios e ali mantinham contato com os estrangeiros. Ao entrarem nos navios, misturavam-se a tripulação, cozinhavam, ouviam música, dançavam, namoravam, conversavam e em muitos casos permaneciam por dias a bordo até o navio partir. O navio passava a representar espaço momentâneo de sociabilidade com outro idioma e referências culturais, mesmo que de forma fugidia, pelos estrangeiros.

Como pagamento pelos seus serviços, recebiam produtos importados e dinheiro, afirmou J.R.S:

De lá eu trazia mais uísque, cigarro Marlboro, naquele tempo aqueles pacotão, eu ganhava de um ganhava de outro, aí eu botava tudo numa saca, depois vendia na cidade e, elas ganhavam, além de dinheiro, muitos presentes, relógios, essas coisas, também vendiam, traziam uísque, cigarro, o que davam pra mim davam pra elas

¹⁷³ Trecho da entrevista com J. R. S, ex-cafetão na área portuária e Curica, realizada no dia 14 de abril de 2013.

também. Era um negócio pra elas e pra mim quando chegavam esses navios.¹⁷⁴

Na década de 1990, uma ação conjunta dos poderes legislativo, executivo e judiciário mobilizou autoridades locais na tomada de decisão em fechar os bares e bordéis irregulares. O motivo principal alegado era o crescente número de assaltos e assassinatos nos finais de semana, tanto na Curica quanto na área portuária, questões já mencionadas na primeira parte do trabalho.

Segundo A.M.G, o então prefeito Mimo Rebelo baixou uma portaria fechando os bares e as boates daquele lugar. Durante meses a polícia evitou a reabertura dos locais de diversão e poucos foram os estabelecimentos que continuaram ativos, somente aqueles que tinham alvará de funcionamento expedido pela prefeitura. Muitos donos de boates e bares deixaram a cidade, outros mudaram de ramo.

Rago demonstra que na cidade de São Paulo, casos relacionados à prostituição, lenocínio, aumento da criminalidade, vagabundagem, jogo e infância abandonada, invasão de imigrantes, figuravam como as principais questões existentes nos discursos dos chefes de polícia e de outras autoridades públicas para a intervenção dos poderes públicos na organização da cidade.¹⁷⁵

Com a ação do poder público, as prostitutas dispersaram-se nos diversos bordéis espalhados pela cidade, descentralizando a prostituição da área portuária e Curica. Por muitos anos pairou sobre a Curica a visão de lugar violento, talvez por esse motivo não tenha ocorrido uma especulação imobiliária imediata no local. Recentemente, com investimentos em infraestrutura como asfalto e sistema de esgoto, lojas, supermercados, escolas e igrejas substituíram as antigas paisagens compostas, em grande parte, por bares, boates e quartos de aluguel.

Com relação à prostituição em navios, esta perdeu sua força também em meados de 1990. Com o declínio da madeira na região, os navios deixaram de fazer a rota de Breves, levando J. R.S., um dos mais conhecidos cafetões da cidade, a buscar novos horizontes no trabalho informal. Ele confidenciou não gostar de lembrar esses tempos, “eu era muito discriminado, só agora vejo isso”, foram suas palavras para interromper o assunto e remeter a outras lembranças, menos embaraçosas.

A postura do entrevistado nos remete aos escritos de Thomson sobre memória e história oral os quais demonstram que quando rememoramos um fato acontecido,

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 127.

sentimentos e impulsos reprimidos se manifestam, permitindo lembrar dolorosos episódios pessoais, e que constantemente historiadores orais ouvem esse tipo de narrativas, mas descuidam-se dos significados por trás de certas ações dos entrevistados. Muitas dessas reminiscências revelam a maneira específica como uma pessoa compôs seu passado. Esses significados ocultos podem revelar experiências e sentimentos que foram silenciados porque não se ajustam às normas usuais ou à própria identidade da pessoa naquele momento específico da sua trajetória de vida.¹⁷⁶

Já A.M.G., em tom melancólico, fechou sua entrevista dizendo: “Eu tenho saudade daquele tempo, era muito dinheiro que rolava na cidade, era muito bacana, se a Curica ainda funcionasse eu estava por lá ganhando dinheiro de outra maneira”.¹⁷⁷

Sobrevivendo de um salário mínimo da aposentadoria, não foi fácil para a entrevistada reviver tempos por ela considerados como de fartura econômica na “velha Curica”, e momentos de juventude e beleza, situação que provocou certa nostalgia, visível no tom de voz e expressões faciais, como se ela tivesse apagado os momentos difíceis de convivência nesse lugar e guardasse somente os bons.

O silêncio e a idealização do passado, presente nos testemunhos orais de J.R.S e A.M.G e outros entrevistados, indicam que em nossas lembranças, muitas vezes procuramos estabelecer coerências pessoais satisfatórias e necessárias entre as passagens não resolvidas, arriscadas e dolorosas do nosso passado e nossa vida presente. O que significa dizer que as histórias que relembramos não podem ser apontadas como representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado de forma modelada, ajustadas às nossas identidades e aspirações do presente.¹⁷⁸

¹⁷⁶ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In Revista Projeto História – Ética e história oral, nº 15, abril de 1997, p. 58.

¹⁷⁷ Trecho da entrevista com A. M. G, realizada no dia 13 de abril de 2013.

¹⁷⁸ Idem, p. 58.

2.2. Passeios, brincadeiras, conversas e despedidas nos trapiches.



Imagem 20 - Fotografia da família de João Brígido, ex-gerente do Banco do Brasil, em momentos de lazer nos rios de Breves no ano de 1970, pertencente aos arquivos do Projeto Revivendo nossa história.

A fotografia exibida recria momentos de diversão de uma família na década de 1970, nas águas dos Furos de Breves, realidade muito comum na Amazônia Marajoara, tendo em vista que os rios sempre desempenharam um papel fundamental na ecologia das florestas, não somente como meio de comunicação, comércio e subsistência, mas como fonte de lazer.¹⁷⁹ Durante muitas décadas, os banhos de rios foram a principal forma de lazer nas tardes de verão amazônico, ou durante os finais de semana.

Uma diversão que tinha em 1950 e 1960, era tomar banho no rio, não tinha pra onde ir, a cidade era muito pequena. O banho era no rio mesmo, depois do jogo de bola, a gente vinha pra frente da cidade e tomava banho no rio. Na frente da igreja, a gente descia

¹⁷⁹ Conceição Almeida discute em seus estudos sobre as águas e a cidade de Belém no século XIX e início do XX, as relações dos moradores com as águas através dos banhos. A autora explica que os moradores de Belém, por motivações diversas, buscavam regularmente estreitar contatos com as águas dos rios e igarapés por intermédio dessa prática. Muitos, sobretudo indígenas e mestiços, moviam-se nas águas com destreza, adentrando nas mesmas a partir da vegetação, saltando de árvores, embarcações, pontes e trapiches (ALMEIDA, 2010, p.39).

naquelas escadas, lá embaixo, ou então tomava banho lá no trapiche municipal.¹⁸⁰

Na interlocução entre as lembranças de seu Venâncio Pantoja do Amaral e a imagem submergem modos de viver de uma cidade em relações diretas com o rio e os portos. Era em momentos como esses, não mais possíveis nos dias atuais, que dezenas de famílias reuniam-se para tomar banho e tecerem opiniões sobre o fazer-se do cotidiano da cidade. Nesses espaços, atualizavam-se as informações em intrincadas teias de sociabilidades. Ali, questões de cunho íntimo eram publicizadas, para então espalharem-se para o restante da população.

A imagem a seguir também remete a uma prática de lazer comum dos habitantes da cidade até a atualidade: a de esperar a chegada dos barcos pela manhã e, à tarde, vê-los partir com amigos e parentes. Isso porque a área portuária é um território fértil para a análise das sensibilidades, como afirma Matos:

O porto é o lócus das partidas, das despedidas fazendo brotar a saudades, a dor da espera e das perdas, do finalizar algo ou buscar iniciar uma nova vida, uma vida melhor. Junto às imagens do porto emergem lembranças dos sinais de despedida, também os abraços de boas vindas, múltiplas referências de sensibilidades – tornando-se uma âncora de emoções.¹⁸¹



Imagem 21 - Fotografia de populares no trapiche Municipal de Breves, entre as décadas de 1960 a 1970, cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

¹⁸⁰ Trecho da entrevista com Venâncio Pantoja do Amaral, ex-trabalhador da BISA, realizada no dia 05 de fevereiro de 2013.

¹⁸¹ MATOS, Maria Izilda dos Santos. *Santos: o porto e a cidade – entradas e saídas*. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2007, p. 06.

George Simmel, ao construir seu conceito de sociabilidade, percebeu a importância dessas atividades em grupo, desses lugares onde as pessoas encontram-se para fazerem alguma coisa de modo mais ou menos gratuito e espontâneo. Para o autor, a sociedade existe quando os indivíduos entram em processo de interação, impulsionados por propósitos, pulsões, desejos ou interesses dos mais variados tipos, como religiosos, eróticos, pecuniários, lúdicos e outros mais que agregam os indivíduos em interesses transitórios ou permanentes.¹⁸²

José Luiz Pena Pereira lembrou, em seu depoimento, as habilidades e destrezas praticadas em momentos de lazer, por volta de 1960, nos igarapés mais próximos de sua residência e no rio Parauaú: “O banho de rio foi a principio, no igarapé Goiabal, onde primeiro moramos, depois, numa árvore que havia em frente onde hoje fica a loja do Adilson Almeida. Quando nos mudamos para a Paes de Carvalho, o banho passou a ser no Trapiche Municipal. A farra era pular de cima dos barcos.” Os hábitos se entrecruzaram com aqueles trazidos dos espaços ribeirinhos, de onde migrou com o intuito de dar seguimento aos estudos.

A orla portuária também era espaço para muitas crianças, como Clodoaldo Vieira de Souza, entre os anos de 1970 e 1980, praticarem saberes tradicionais como o de pescar e caçar. Em meio a uma pescaria e outra, aproveitava para brincar no rio.

Eu andava toda a orla e tinha mais uma, eu pegava e ia pescar com o meu pai de canoa, jogar tarrafa, então praticamente essa parte da orla de Breves eu conheço toda. A gente jogava tarrafa, eu conheço por terra e por rio. Essa prática de jogar tarrafa foi o meu pai que me ensinou, por ser caçador e pescador, ele era funcionário da antiga Caiçara e sempre que ele podia tá em Breves e como eu sou o filho mais velho e aí ele me ensinava e por que eu gostava também, eu aproveitava pra tomar banho de rio.¹⁸³

O hábito de pescar também fez parte da infância de Idevaldo Paes Filho, morador da orla portuária, o qual podia desempenhá-lo da janela de sua casa.

¹⁸² A esse processo interativo Simmel deu o nome de *sociação*, para escapar do conceito de sociedade cristalizado nos estudos anteriores, considerou interessante enfatizar os aspectos mais dinâmicos da vida social. Nesse sentido, o termo *sociação* se diferencia das noções de *associação* e *socialização*, por ser considerado um processo interativo desdobrado em *forma* e *conteúdo*. Simmel utilizou a ideia de forma para demonstrar o caráter especial da *sociação*, atribuindo a ela o estatuto de verdadeiro objeto da sociologia, reservando os “seus conteúdos” aos domínios de outras ciências sociais, tais como a economia, a antropologia, a ciência política e assim por diante. O autor defendia as formas que tomam os grupos de homens unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então ainda uns contra os outros. (SIMMEL, 2006, pp. 59-70).

¹⁸³ Trecho da entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, ex-trabalhador na área portuária, realizada no dia 10 de abril de 2013.

Passava muitos navios aqui, a nossa casa ficava na beira do rio, graças a Deus a pesca era muito boa aqui naquele tempo, a gente pegava peixe aqui, eu cheguei a pescar da janela de casa, porque a maré quando tava alta, principalmente numa época dessa de inverno a água crescia, a gente pescava, pegava peixe, naquele tempo a água vinha por debaixo da casa mesmo, alagado mesmo, não tinha nada, a gente só fazia jogar a linha e pegava uma cambada de peixe, eu gostava muito de pescar muito de caniço, eu ia lá pra debaixo do trapiche, lá onde tinha a fábrica de beneficiamento de arroz, dava muito peixe porque lá passava um igarapé, esse igarapé entrava por ali por onde é o Santa Cruz, o pessoal pegava muita pirarara aqui nessa beirada, colocava uma vara bacana aí e jogava e pegava mesmo.¹⁸⁴

Pela narrativa acima é possível observar as práticas de lazer dos espaços portuários (como já havia comentado anteriormente) em íntima relação com a natureza. Até meados de 1980, o alimento natural era uma alternativa viável e apreciada para suprir a carência de alimentos congelados. Pode-se dizer que a péssima qualidade dos serviços de distribuição da energia elétrica contribuía para estimular o hábito de pescar.

Naquele tempo só era comida natural, primeiro que não tínhamos energia aqui, eu me lembro que naquela época pra gente pegar um picolé naquele tempo da Gelar, de Belém, vinha pelo Bom Jesus de Portel, ou São João ou Bom Jesus de Portel, que faziam linha e passavam por aqui por Breves; a gente ficava esperando, às vezes chegava de noite o barco, ele demorava pra chegar aí a gente ia pra lá pro porto pro papai comprar pra nós; traziam picolé de lá porque aqui em Breves não tinha como fazer, a energia não tinha como conservar, só era uma luzinha muito ruim.¹⁸⁵

Nos anos de 1980, as crianças ainda valorizavam muito as brincadeiras no rio. Embora a intenção fosse o divertimento, os perigos de afogamento eram iminentes e, por muitas vezes, as mesmas águas que traziam a alegria e o divertimento provocaram tragédias marcantes na história de garotos como Clodoaldo Vieira de Souza, que praticava constantemente os saltos arriscados no rio, nos momentos em que desempenhava o trabalho de vendedor.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Trecho da entrevista com Idevaldo Santos Paes Filho, comerciante da área portuária, realizada no dia 23 de março de 2013.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Sobre afogamentos em área portuária, Conceição Almeida, ao referir-se a Belém do final do século XIX e início do XX, aponta que a forte movimentação das águas na ponte de pedras era causadora de danos diversos, dentre eles a morte por afogamentos e/ou naufrágios. Embora a ponte de pedras não tenha sido construída com o intuito do lazer, mas para a recepção de barcos, era comumente utilizada pelos moradores para esse fim (ALMEIDA, 2010, p.57).

Na época eu perdi alguns amigos por essa questão de estar tomando banho no rio; não tinha segurança, os meninos caíam, se machucavam e ninguém via, enfim, sempre isso acontecia; eu me lembro do finado Pamonha, que a gente chamava, era nosso amigo, da nossa idade e aí ele caiu, machucou a cabeça, ninguém percebeu, só no outro dia que a gente foi saber. Quando vinha aquelas Catamarã, a garotada, inclusive eu, a gente fazia um desafio, que hoje em dia eu fico pensando, a gente passava por debaixo do navio, de dois, era um risco terrível; às vezes, o barco já tinha saído ou então com ele parado. Era prática comum da garotada na época, eu não lembro de caso de morte com a embarcação, esse meu amigo ele foi pular no trapiche e acabou machucando a cabeça; às vezes, estavam acostumados a pular com a água cheia e ia pular com a maré seca e tinha aqueles tocos, que agente chama. Na verdade, era resto da antiga Bisa, das estacas que restaram ali perto da imagem de Santana.¹⁸⁷

João Ailto Sena Melo, que também exerceu na infância, nos anos de 1980 a ocupação de vendedor na área portuária, mencionou:

A gente terminava de fazer a venda e tomava banho. Dia de domingo fazia jangada de anhinga, um tipo de boia que tem, pra ficar brincando em cima e brincando de pira nos trapiches, ali do municipal. Era o pessoal da beirada tudinho, a gente não se conhecia muito assim, na hora da brincadeira, a gente se reunia, brincava e depois ia cada um pra sua casa, não tinha muita amizade assim, todo mundo brincava aqui, e jogo de peteca era aí onde é o Marajó Tecido. A gente se encontrava pra jogar peteca, o paga peteca, o paga dinheiro, tudo na hora do trabalho, arriava a bandeja de pão, o isopor de chope, às vezes tava no meio da venda e ia brincar.¹⁸⁸

As brincadeiras na orla portuária atualizavam contatos sociais entre meninos e meninas com vivências cotidianas parecidas. Nessa interação em momentos de lazer, elas tinham contato com valores, como a responsabilidade de prestarem conta com seus patrões no final da jornada diária de trabalho, que, no caso dos entrevistados, os patrões eram donos de sorveterias, padarias e familiares, além de apreenderem a importância da negociação, da conquista e de conviver com regras e resolver conflitos, ponto já abordado na primeira parte desse trabalho.

Até a década de 1970, a maioria das ruas do centro da cidade não eram asfaltadas, no período de verão ficavam cobertas por uma fina areia, facilitando muitas brincadeiras por toda a cidade. Nas ruas próximas a área portuária, brincava-se até o

¹⁸⁷ Trecho da entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 10 de abril de 2013.

¹⁸⁸ Trechos da entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária realizada no dia 02 de março de 2013.

início da noite na areia ou nas montanhas de serragem de madeira atrás da BISA. José Luiz Pena Pereira considerou em seu depoimento que nas décadas de 1960 e 1970, quando morou em Breves, toda a cidade era uma área de lazer, as ruas serviam, entre outras coisas, para o jogo de bola, pira, bandeirinha e outras brincadeiras.



Imagem 22 - Fotografia da área de secagem de madeira da BISA na década de 1960, cedida por Wilson Câmara Frazão e Cláudio Frazão.

Com a movimentação das madeireiras do município, dentre elas a BISA, a partir da década de 1960, houve várias transformações no espaço urbano da cidade. Contudo, os espaços de lazer não se perderam, mas foram recriados. A sede da BISA, por exemplo, localizada nas proximidades da área portuária e por várias vezes mencionadas nesse texto, devido a sua relevância para a região, servia para as crianças exprimirem sua ludicidade e criatividade, ao recriarem nas suas brincadeiras os cenários dos filmes de faroeste e aventura, exibidos na única sala de cinema existente na cidade, nas dependências do Salão Paroquial, de propriedade dos padres Agostinianos Recoletos.

Pelas memórias de José Luiz Pena Pereira e Augusto Barros suas infâncias foram revisitadas através dessas brincadeiras uma delas intitulada de banguê-banguê, no lugar denominado pelas crianças de montanha, que na verdade se tratava de um

monte de serragem de altura considerável nas dependências da BISA, onde atualmente localiza-se a SEFA e o Banco do Brasil. Em outro perímetro da referida empresa onde a madeira ficava “entesourada” para secar, nas proximidades do rio Parauaú, conforme sugere a imagem, os meninos brincavam de esconde-esconde e no rio Parauaú o personagem de destaque era o Tarzan. Segundo Silva Filho, naquelas infâncias, o cinema era um tempo de diversão, de aprendizado a partir de outra realidade, entrecruzando universos diferenciados e ligando Breves a outros espaços culturais.

Para o autor, as salas de cinema eram espaço de sociabilidades e amizades, namoros, trocas de informações e ponto de encontro para aqueles maiores de 18, antes de seguirem para as festas. A resposta daquela sociedade ao cinema se fazia cada vez mais explícita e iam, em certa medida, compondo junto à cultura local, padrões de gosto, modelos de comportamento. Os filmes em destaque seguiam o estilo Western, na década de 1960, e em 1970 e 1980, o sucesso eram os filmes de artes marciais do Bruce Lee e Van Damme e havia ainda os filmes religiosos, exibidos na sexta-feira santa, sobre a morte e paixão de Cristo, que atravessaram as três décadas, com relativo sucesso de bilheteria.¹⁸⁹

Os circos também, segundos os entrevistados, até os finais dos anos de 1980 eram espaços muito procurados pela população. Símbolos do entretenimento e da diversão foram elementos sempre presentes na vivência do lazer.

Quando vinha o circo pra cá, enchia. O circo era lá na frente mesmo. Era ali na entrada da Avenida Rio Branco. Lá era aberto, e era lá que eles montavam o circo. Circo era divertimento, diversão nossa aqui era o circo. Passava assim uns quinze dias, aí não tinha mais o que apresentar ai... vinha outro. Mas eram circos bons mesmo. Gostavam muito de assistir circo.¹⁹⁰

Através das memórias do entrevistado Raimundo Rosa, o autor Silva Filho destaca que o circo era um espaço que atendia um público mais diversificado, figuravam como lugares de convívio social que abrangiam toda cidade, espécie de intermediário entre os espaços das classes mais abastadas e das menos favorecidas. O autor destaca que para usufruírem dessas formas de lazer, muitos rapazes de classe baixa, como Jolenas Nascimento, um de seus entrevistados, desenvolviam durante o

¹⁸⁹ SILVA FILHO, José Sena. *Cinema e modernidade na Amazônia Marajoara: vivências em códigos refratados na cidade de Breves*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – UFPA, 2013, p. 93-112.

¹⁹⁰ Idem, p. 73.

dia trabalhos braçais como roçar os quintais das casas para, no final da tarde, reunir uns trocados e comprar os ingressos.¹⁹¹

Entre os anos de 1950 a 1970, outra forma de lazer na cidade que predominava entre a juventude era o teatro organizado pelos padres da ordem dos Agostinianos Recoletos, representantes da Igreja Católica na cidade. Os destaques nos espetáculos eram “Paixão e Morte de Cristo” e “As pastorinhas”, uma encenação de natal, onde as crianças apresentavam no salão paroquial a caminhada dos pastores em direção ao local do nascimento do menino Jesus, e havia ainda apresentações de cordão de pássaros e boi bumbá.¹⁹²

Um dos espaços, presentes na fotografia, usado para as apresentações teatrais era o auditório do Colégio Santo Agostinho de propriedade da Prelazia do Marajó. Nesse espaço aconteciam muitas dessas apresentações nos anos de 1960 e 1970, um indicativo de sua importância social para a cidade.



Imagem 23 - Fotografia de apresentação teatral no auditório do Colégio Santo Agostinho na década de 1970, cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Idem, p. 91

As diferenças e desigualdades sociais adentravam e se manifestavam por meio das práticas sociais de lazer e serviam para fortalecer a coesão dos interesses locais e demarcar as distinções entre parcelas da sociedade.¹⁹³ É o que se percebia nos grandes bailes ocorridos nos clubes Santana e Atalaia, espaço de encontro das pessoas abastadas da cidade. Estes eram os principais espaços de convívio deste grupo social nos anos de 1960 a 1980.

Os bailes de carnaval dos clubes eram acontecimentos aguardados durante todo o ano. Havia uma acirrada disputa entre os torcedores do Esporte Club Santana e do Atalaia Esporte Club pelo baile mais glamoroso. A.M.G., revelou se sentir constrangida pela sua condição social de mulher de programa em participar das festas nos referidos clubes, “eu tinha medo de ser expulsa dessas festas, lá só entrava as famílias de Breves, quando eles descobriam que uma moça não era virgem, era barrada na porta”, ressaltou.

Já para as mulheres que frequentavam as altas rodas da sociedade de Breves, como D. Suzane Joubert, esses eram momentos de intensa atividade social. Ao abrir seu álbum de fotografia em ocasião da execução do Projeto Revivendo nossa história, mostrou muitas das fotografias da sua participação nesses eventos, em momentos de entrevista destacou o valor que esses clubes desempenharam como locais de lazer para a sociedade brevense.

Os bailes eram muito bem frequentados, toda a sociedade se reunia nessas sedes pra beber, dançar se divertir. No tempo do carnaval tinha os concursos pra escolher as fantasias mais bonitas e tinha também os bailes de crianças, à tarde, com concurso de fantasia também.¹⁹⁴

Ainda compondo a paisagem da área portuária e das primeiras ruas do centro destacavam-se, ao longo dos anos de 1940 a 1980, inúmeras praças como espaços de intensas trocas culturais entre seus frequentadores. Dentre as mais frequentadas, citadas pelos entrevistados, estavam as Praças do Biscoito, localizada entre a Rua Wilson Frazão, antiga Dr. Assis e a Paes de Carvalho; a Praça em frente à Igreja Matriz; a em frente a Prefeitura e a Praça da Bandeira. Na imagem, momentos de interação social vividos na Praça em frente à Prefeitura, por ocasião do dia da independência do Brasil.

¹⁹³ COSTA, Maurício Dias da Costa. *Festa e espaço: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012, p.36.

¹⁹⁴ Trecho da entrevista com Suzane Joubert, por ocasião do Projeto Revivendo nossa história em 2009.



Imagem 24 - Fotografia da Praça da Bandeira na década de 1970, cedida por Wilson Câmara Frazão Neto e Cláudio Frazão.

José Luiz Pena Pereira relembrou momentos marcantes de sua trajetória vividos nesses locais.

A praça do biscoito era a que a gente frequentava praticamente toda noite, não havia TV ainda, quando eu estava no ginásio, ente 70 e 74. Geralmente os jovens encontravam-se com suas turmas à tardezinha e à noite, principalmente nos dias de novena (terça) e fim de semana, após a missa. Ali aconteciam os encontros de amigos pra bater papo e também os casais de namorados ficavam passeando ou sentados em algum banco. Nos dias em que havia cinema, a gente também ficava na praça, esperando a hora de entrar. Ali era o local de encontro da "galera". Os casais de namorados gostavam de ir para a Praça da Bandeira, pois lá era mais sossegado e ficavam mais à vontade.

Eu conheci a Auxiliadora na praça do biscoito. Ela ia passear com as primas e eu sempre a via. Foi ali que nossos olhares se encontraram pela primeira vez. E hoje já fizemos 30 anos de casados. Um dia a gente se encontrou numa quermesse de São João, no Santo Agostinho. Só então a gente conversou pela primeira vez e começamos a namorar. Depois a gente se desencontrou, pois tomamos rumos diferentes na vida, para estudar, e só voltamos a namorar de novo em 1981. Casamos em 1983.¹⁹⁵

¹⁹⁵ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira realizada no dia 11 de janeiro de 2014.

O lugar conhecido como poço, localizado na esquina da atual Rua Wilson Frazão com a Avenida Rio Branco, era um local muito popular para os jovens da década de 1960 e 1970 e também funcionava como espaço de encontro, conversas e brincadeiras, como explicou José Luiz Pena Pereira em momentos de entrevista.

Bem na esquina da Dr. Assis com a Rio Branco tinha um poço. Era um antigo poço que serviu para fornecer água quando Breves era bem pequena. Era uma estrutura de cimento redondo, com calçada pelos lados e, evidentemente, bem tampado. Virou um local de encontro, porque era uma referência. "Agente se encontra lá no poço", pronto, todo mundo sabia onde era. E dali a gente também podia observar o movimento. Quem ia pra Igreja ou voltava passava por ali.¹⁹⁶

Um serviço de alto-falantes instalado na Rua Presidente Getúlio Vargas, desde 1951¹⁹⁷, também animava o cotidiano de trabalhadores, moradores e frequentadores da área portuária. Essa forma de entretenimento parece ter atravessado gerações, no entanto não foi possível através das memórias ou de outras fontes de pesquisa, localizar o período em que o negócio dos alto-falantes se desvinculou da alçada municipal e passou para as mãos de particulares.

Pelas memórias dos entrevistados, o serviço de alto-falantes surgiu como um importante meio de publicidade popular nas áreas comerciais da cidade e, ao intercalar na propaganda uma programação musical, despertava o interesse dos moradores e trabalhadores da área portuária, que tinham como prática ouvir esse meio de comunicação, como demonstrou João Ailton Sena Melo no contexto dos anos de 1980.

Eu trabalhava vendendo pão na beirada, então a gente ouvia música, eu lembro bem das músicas que tocava e dos anúncios comerciais, às vezes eu ia acompanhar meu pai no trabalho e ajudar no carro, ou então quando vendia pão na beirada ouvindo essas músicas. Era muito bacana, animava nosso trabalho, me lembro da música "Bem-te-vi", do Renato Terra e as da banda Kid Abelha, Guilherme Arantes.¹⁹⁸

Na capital Belém, desde a década de 1930, os alto-falantes eram utilizados como propaganda radiofônica para definir novos rumos para a manutenção e expansão do rádio. Segundo Oliveira, o primeiro passo dado nessa direção foi a inauguração do chamado *public speaker*, irradiando por meio de um alto-falante programas

¹⁹⁶ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira realizada no dia 11 de janeiro de 2014.

¹⁹⁷ A instalação do serviço de alto falantes foi autorizado pelo Prefeito Municipal de Breves Antônio Bernardo de Souza Filho, segundo a lei nº 26 de 08 de agosto de 1951.

¹⁹⁸ Trecho da entrevista com João Ailton Sena Melo, ex-trabalhador na área portuária realizada no dia 02 de março de 2013.

radiofônicos para um público ampliado de frequentadores da Praça da República e do seu entorno. Iniciava-se naquele momento uma massa radiofônica gradativa que passou a atingir alguns dos espaços públicos de maior trânsito de pessoas como as praças públicas da capital paraense.¹⁹⁹

Costa afirma que os alto-falantes eram bastante populares também durante a década de 1950, como veículos de propaganda.

Os sonoros comerciais eram identificados pela distribuição de alto-falantes em postes, numa rede ligada a uma espécie de estúdio central instalado no interior da área de comércio. Muitos radialistas trabalharam como locutores de sonoros antes de ingressar na emissora. Acostumados a interagir com o público das ruas na atividade de propaganda comercial, os radialistas/DJs poderiam manter o mesmo estilo comunicador em seus programas de rádio.²⁰⁰

Em Breves, realidade semelhante parece ter ocorrido na década de 1970 com o locutor Emiliano Cardoso, que começou suas funções nos alto-falantes para depois tornar-se radialista e apresentador na televisão local, como recordou José Luiz Pena Pereira.

À tarde, entrava no ar o alto falante do Esporte Clube Santana. O Emiliano era o locutor. Por ele se mandava os "torpedos", que eram os recados e oferecimento de músicas. Tocava muito "jovem guarda", Reginaldo Rossi, mas também músicas internacionais, em inglês. Lembro-me muito de uma que se chama "Reflections of my life".²⁰¹

Adilson Almeida, que figurou como grande empresário de comunicações em Breves, em meados dos anos de 1970 e 1980 começou suas atividades no ramo de alto-falantes, o qual denominou de "Mocambo". As memórias de sua filha Tereza Almeida destacaram, além do Mocambo, outros empreendimentos do empresário como a Tv Marajó e a Rádio Marajó, localizadas nas proximidades da área portuária.

O papai montou o Mocambo, ele sempre foi muito ligado com produtos eletrônicos, sempre gostou muito disso e ele montou o Mocambo. O mocambo era só uma casinha micro com aparelho de som que distribuía som pra alguns postes só daqui da frente, eu não lembro se chegava até o mercado municipal, mas ele pegava aqui a rua da frente e a Capitão Assis, o Mocambo era na Capitão Assis, isso eu acho no final da década de 70, mais ou menos. E aí depois do

¹⁹⁹ OLIVEIRA, Erito Vânio Bastos de. *Modernidade e integração na Amazônia: intelligentsia e broadcasting no entre guerras, 1923-1937*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA, 2011, p. 123.

²⁰⁰ COSTA, Antônio Maurício Dias da. *Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950*. In Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 384.

²⁰¹ Trecho da entrevista com José Luiz Pena Pereira, realizada no dia 11 de janeiro de 2014.

mocambo ele montou a Tv Marajó, eu achava assim extraordinária pra aquela época, tinha o jornal local, era o Emiliano que fazia, e outra coisa, além de toda a programação, de tudo que eu vivi, o Chacrinha e muitas coisas, a primeira Tv foi em casa, né? E quando a gente ia assistir, na sala, tinha uma janela, quando a gente ligava a Tv, era o vídeo cassete, a gente ligava a Tv e enchia de criança na janela de casa, e a gente assistia assim, por dentro cheio de gente e por fora também, eu lembro que eu me reunia com a minha prima pra assistir o Chacrinha. Passou um pouco de tempo e ele resolveu montar a rádio, se eu não me engano essa rádio fechou depois de dezessete anos de funcionamento, e aí ele fundou a Rádio Marajó, com sócios, era o seu Carlos Estácio, o seu Hermógenes, meu padrinho Lino, e o papai.²⁰²

Dessa maneira, as análises das formas de lazer em Breves procurou fugir da ideia de lazer como válvula de escape ou registro cumulativo de eventos. O lazer foi pensado como práticas cotidianas entrecruzadas com experiências de trabalho, saberes e representações que envolveram experiências individuais e coletivas, nas quais, no período em estudo, trabalhadores, moradores e frequentadores dos ambientes portuários estavam inseridos. Experiências marcadas pela sociabilidade nos espaços próximos à orla ou nas praças da cidade, alguns de mais prestígios, outros com prestígio contaminado por ideias de ordem, modernidade e costumes regulamentados. Espaços marcados por práticas associadas e entrecruzadas ao trabalho, à prostituição, ao banho de rio, às brincadeiras, à música, ao teatro, ao cinema e ao circo. É nessa totalidade de experiências e vivências que o lazer foi pensado, menos do que compartimentar, pensamos o lazer como algo que se constrói e é construído na multiplicidade da experiência dos sujeitos.

²⁰² Trecho da entrevista com Tereza Almeida, empresária, moradora da área portuária, realizada no dia 27 de fevereiro de 2013.

2.3. As narrativas de seres fantásticos.



Imagem 25 - Tela intitulada “Mística Marajoara”, técnica acrílico sobre tela, de autoria e propriedade do artista local J. Tadeu, 2007.

Como podemos observar na imagem, o artista local J. Tadeu procurou sintetizar em sua obra as lendas que compõem o mundo amazônico, tendo como palco para essas manifestações culturais o mundo das águas. Nos escritos de Pacheco sobre o arquipélago marajoara, os mares, baías, rios, furos, estreitos, lagos, igarapés, igapós, campos inundados, imensos aguaçais são lugares amazônicos onde se inscrevem e são captadas diferentes histórias, saberes de mulheres e homens de matrizes multiétnicas que aqui viviam desde os tempos mais longínquos, foi por meio dos regimes das águas que criaram saídas para sustentar vidas, alinhar identidades, saberes e crenças na insularidade de seus modos de ser, trabalhar, festejar e morrer.²⁰³

Seguindo esse parâmetro, podemos compreender melhor as relações de extrema dependência entre seres humanos e meio ambiente, reveladas nas paisagens aqui configuradas. A água é a grande metáfora da vida, pois dela, nela ou por ela emanam, correm e podem ser concretizadas todas as necessidades humanas,

²⁰³ PACHECO. Agenor Sarraf. *História e Literatura no regime das águas: Práticas Culturais Afroindígena na Amazônia Marajoara. Amazônica*. In: Revista Amazônica, mês janeiro, v. 2, 2009, p. 410.

intelectuais e espirituais. Somente populações inseridas num sistema de símbolos e crenças são capazes de assegurar suas difíceis formas de vida e criar explicações para a existência de encantados, visagens, assombrações e seres míticos, tão fortemente desclassificados pelo letramento ocidental como objeto folclórico.²⁰⁴

As aparições de seres mitológicos, fantásticos que aparecem na imagem, como o boto, a cobra grande, iara, vitória régia e outras surgidas das lembranças dos sujeitos históricos que compõe esse trabalho, como a loira do cemitério, sereias, matintas, bichos visagentos, dentre outros, atravessaram os rios, igarapés e florestas e adentraram ao imaginário da população pelos limites da área portuária, em momentos de intensas trocas culturais e foram recriadas conforme a realidade vivida nos diferentes espaços da cidade.²⁰⁵

Nesses termos, convém salientar que em Breves, assim como em outros espaços urbanos da Amazônia, no período de estudo de 1940 a 1980, embora existisse aquisição de novos conhecimentos através do ensino institucionalizado e das mudanças socioculturais, os saberes dos espaços de rios e florestas ainda se faziam presentes. Atualizados em sua maioria pela tradição oral, por trás das narrativas sobre os seres fantásticos que habitavam as águas do rio Parauaú e as ruas do bairro centro e periferias recém-criadas nos finais dos anos de 1970 e 1980, Breves caracterizava-se como uma cidade-floresta, como foi explicado na introdução deste trabalho.

Dentre essas narrativas está a da cobra grande bastante conhecida entre a população local. Nas reminiscências de José Luiz Pena Pereira o ser lendário vive embaixo da Igreja Matriz da cidade.

Logo quando eu cheguei em Breves, teve um caso de uma senhora que contava que a terra partiu até onde é o hospital, quando tiraram a santa do altar pra levar para Antônio Lemos, que trocaram a padroeira e Santana ia pra lá; outra coisa que contam é a respeito de uma cobra que apareceu debaixo da igreja matriz, ela vive lá em baixo, se ela se mexer a terra racha e pode desabar a igreja.²⁰⁶

²⁰⁴ Idem, p. 411.

²⁰⁵ A importância do rio no desenvolvimento de povoados é uma realidade observada em toda a Amazônia. O historiador Raimundo Franciel Paz trata da dinâmica de ocupação da comunidade de Caraparu, no período de 1912 a 1950, localizado ao sul do atual município de Santa Isabel do Pará, na Amazônia Oriental, relacionando a produção agro- extrativa e o comércio no rio Caraparu ao imaginário de crenças em seres do fundo e do âmago da mata, às práticas de pajelança cabocla e ao catolicismo de devoção a santos (PAZ, 2012, p. 09).

²⁰⁶ Trecho da narrativa de José Luiz Pena Pereira, ex-morador de Breves, realizada no dia 24 de março de 2013.

Essa cobra gigantesca que habita o fundo dos grandes rios e vez por outra submerge das profundezas para interagir com os homens, conforme veremos nos relatos dos entrevistados emitem sons singulares, o gigantismo de suas aparições chega a alterar as margens de rios, deixando marcas nos relevos das florestas.

Galvão, que estudou a vida religiosa de Itá, nome fictício para a cidade de Gurupá, no Baixo Amazonas, afirma que a aparição da Cobra Grande variava conforme a localidade, às vezes no fim da tarde ou à noite, tendenciando a aparecer com maior frequência em dias de tempestades, pois essas espécies são frequentes na época mais chuvosa do ano. Na escuridão seus olhos brilham com a mesma intensidade de um farol de barco. Habitam a parte mais funda do rio, aparecendo vez por outra na superfície.²⁰⁷

Eu ouvi falar de bicho que cercava o caboco no rio, alagavam as canoas. Eu conheci um camarada que contava que ele vinha abeirando o capinal grande, era luar e ele vinha subindo o rio, água seca, quando ele olhou pra trás, que ele prestou atenção e viu o mondrongo da cabeça da bicha, que vinha seguindo ele, aí ela passou dele e cercou no que ela cercou, ele meteu a canoa na canarana e saiu puxando o casco dele, ela deu um balão assim e voltou, passou de onde ele tava deu uma volta e voltou de novo, ele foi puxando o casco no meio da canarana, aventurando a vida né? Aí ela deu com rastro do casco dele de novo, ela montou em cima dele, com a boca aberta, a sorte que ele levou uma espingarda cartucheira e boom, dentro da boca dela, ela afrouxou e sentou, foi uma catinga que ela soltou, esse cara quase que morria, ficou assombrado, só não morreu porque não matou ela.

No depoimento de seu Antônio Soares, momentos de terror e suspense vividos no cenário amazônico de rios e florestas, alertam para os perigos constantes que cercavam os moradores de áreas ribeirinhas no período de estudo. O apetite voraz da cobra grande e as habilidades de virar os meios de transportes como canoas e barcos menores chamam a atenção para naufrágios e a presença de animais do fundo que devoram o corpo de homens e animais. Seu Antônio também reforça a crença de que matar esse animal atrai desgraça e ruína. Aliverti ressalta que, segundo o folclore popular, quem vê a cobra fica cego, quem a ouve fica surdo e quem a segue fica louco. Muitos que a viram voltaram mudos, com febre e assombrados. Não existe nela nada de sensualidade de tantos outros mitos. Não se transforma em homem ou mulher, não

²⁰⁷GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, p. 71 - 2.

seduz, não ajuda, ataca sempre para matar. Nas águas, parece um imenso tronco de árvore a boiar na superfície.²⁰⁸

Um dia, meu cunhado se sumiu, ele morava num riozinho. Nesse dia eles foram colher arroz, era dia de São Tomé, eles foram pro roçado, mas o Raimundo foi pescar no igarapé, nessa hora arriou um temporal, aí as pequenas entraram tudo pro quarto, quando o Mané Paulino com a Antônia chegaram, já era noite, a chuva já tinha passado e ele não tava mais no roçado, trabalhava o Haroldo e ele, quando perguntaram pelo Raimundo, não sabia nada, quando foi de manhã tiveram procurando, acharam o casco dele no outro lado, lá na beira, o remo, o chapéu, tava tudo, só não tava ele, até o cachimbo tava, nunca acharam ele, chamaram a polícia, o pensamento era esse na ocasião, dizem que quando dá esse temporal grande é que a cobra vem, a cobra deve ter buiado na ilharga dele e ele remou, remou, quando ele saiu pra terra ela pegou ele, só sei que ele nunca apareceu vivo. Depois de uns oito dias acharam um cadáver, dizem que era esse rapaz. Ele sumiu do lado daqui do Caruaca e foram achar do outro lado da baía, a cobra vomitou, porque ela não come, ela engole e vomita longe.²⁰⁹

Para além do suspense e do medo comuns na região atribuídos a estes seres, os depoimentos de seu Antônio Soares trazem outros traços da cosmologia marajoara ao narrar os episódios envolvendo a cobra grande; de suas memórias emergem modos de vida do caboclo ribeirinho, costumes, como andar de canoa, fumar cachimbo, pescar, colher e implicitamente está a crença de guardar dias de santo como forma de evitar castigo. Podemos ainda observar o conhecimento do entrevistado sobre os perigos naturais relacionados ao regime das águas, animais e fenômenos climáticos.

No período estudado, narrativas parecidas circulavam por todo o Brasil e sofriam adaptações conforme os contextos históricos, econômicos e sociais de cada localidade. No rio São Francisco, por exemplo, a cobra-grande é conhecida pelo nome de Minhocão, locomove-se tanto na terra como na água, cava túneis debaixo da terra, que formam as galerias subterrâneas, as cavernas e os desbarrancamentos. Em toda a extensão do pantanal, o Minhocão costuma perseguir e, às vezes, devorar os pescadores e banhistas, sua aparição é quase exclusivamente à noite.²¹⁰

No sul do Brasil, o Boitatá liga-se à cobra-grande. Muitos animais morreram de uma enchente e a cobra grande só comia os olhos desses animais mortos, assim ficou empanturrada e se transformou em ser luminoso, e seus olhos passaram a se

²⁰⁸ ALIVERTI, Márcia Jorge. *Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique*. In: Revista de Estudos Avançados 19 (54), 2005, págs. 288/289.

²⁰⁹ Trecho da entrevista com Antônio Soares, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

²¹⁰ Idem

constituir em fontes de luz e de fogo. Esse mito está ligado também ao fogo-fátuo, resultado da combustão dos gases que se desprendem dos cadáveres que entram em contato com o ar.²¹¹

Para Silveira, essas narrativas emergem como forma ricamente elaborada de contar as experiências vividas num contexto sócio histórico, possuidor de densa memória individual e coletiva. Ou seja, as narrativas desses personagens revelam as transformações ocorridas nos lugares de pertença. Por meio da memória o narrador é capaz de evocar em sua fala as imagens relativas às dinâmicas das paisagens, suas modificações e modelagens ao longo do tempo.²¹²

Em muitos casos as histórias dos seres fantásticos apareceram nos depoimentos envoltas de nebulosas lembranças. No centro dessas narrativas estava uma mistura de acontecimentos fantásticos com aqueles tidos como reais e históricos, pois descreviam pessoas, lugares e fatos que existiram com acontecimentos misteriosos, inexplicáveis àquele contexto,²¹³ conforme veremos na narrativa a seguir de seu Antônio Soares.

Aqui na frente já se sumiu muita gente, tem aquele caso que nunca acharam, do rapaz que o casco se alagou, um sobreviveu, mas o outro sumiu, nunca encontraram, dizem que ele se encantou, a mãe dele foi atrás de benzedor pra vê se descobria alguma pista e eles disseram: ele não morreu, mas se encantou, mora no fundo do rio agora. Outra vez, dois nordestinos estavam no trapiche e lá tinha duas balsas e os dois estavam brincando, bebendo cerveja e brincando, se alagaram e também nunca acharam o corpo deles. Teve também outro caso, o de uma mulher que a gente chamava de Maria Doida, um dia ela encontrou com o Medonho que chamavam, sabe, que ele tinha cara tudo assim (imita o homem, torcendo o rosto), ele era deficiente, mas era trabalhador. Aí eles saíram bebendo cachaça no rio. Acabava a cachaça e compravam outra garrafa, o casco se alagava e eles desalagavam e assim eles ficavam,

²¹¹ PINTO, Marilina C. Oliveira Bessa Serra. *A Amazônia e o imaginário das águas*. Trabalho apresentado na mesa-redonda Populações Amazônicas do 1º Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM, 2008, pp. 07 - 08.

²¹² SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. *O barroco gauchesco-missioneiro: reflexões a partir da memória coletiva dos contadores de causas e paisagens fantásticas missioneiras*. In Revista Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011 p. 138.

²¹³ Segundo Le Goff a crítica da noção de fato histórico, tem provocado o reconhecimento de realidades históricas negligenciadas por muitos tempos pelos historiadores. Junto à história política, a história econômica e social, à história cultural nasceu uma história das representações que assumiu formas diversas ligadas as ideologias, mentalidades e ao imaginário permitindo tratar os documentos literário e artístico como plenamente históricos, sob condição de ser respeitada sua especificidade; histórias das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do simbólico, que talvez um dia conduza a uma história psicanalítica, cujas provas do estatuto científico não parecem ainda reunidas (LE GOFF, 2012, p. 13).

e teve um dia que sumiu todos dois, ninguém sabe se morreram ou se o satanáas levou os dois, ou se o bicho pegou no rio, aqui na frente da cidade.²¹⁴

O trecho do depoimento serve para mostrar como os diferentes moradores que viviam em espaço urbano no período de pesquisa encaravam a situação de morte por afogamento em cidades ribeirinhas, onde o rio desempenha diferentes funções. Não foram poucos os casos que tiveram final trágico, envolvendo pessoas de todas as faixas etárias em rios e igarapés da cidade, que em momentos de diversão perdiam a vida e os corpos desapareciam, alimentando na população a crença nos encantados, benzedores e curadores.

Segundo Le Goff, o imaginário mantém uma relação dinâmica e recíproca com as sociedades as quais pertence e muda de acordo com os ritmos da história. Através dessas mudanças é possível ler e apreender o funcionamento mais vasto de uma sociedade. Ou seja, o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.²¹⁵

Nesse sentido, referências a encantados, bichos do fundo, caruanas, cobras grandes, botos, mães do rio, dos igarapés, flechadas de bichos, mau-olhado, mundiação, desencantamentos e muitos outros convergiam com o vivido das populações em teia com os rios e as florestas.²¹⁶ Para o contexto da época estudada, encantados eram espécies de seres fantásticos que habitavam o mundo submerso no caso o fundo dos rios e dos igarapés, uma vez transformado em encantado, um sujeito jamais retornava ao reino dos vivos. O trecho do depoimento apresenta algumas das características aqui relacionadas.

Há alguns anos, eu acolhi atrás do meu bar um velhinho abandonado por seus familiares, ele estava com graves problemas de saúde. Em nossas conversas, ele me confidenciou que todo dia, às 14 h mais ou menos, um pretinho vinha chamar ele pra ir ao encontro de uma sereia embaixo do Trapiche Municipal, era uma mulher de cabelos longos, nua da cintura pra cima e seios pequenos, eles conversavam dentro da água, ela oferecia um líquido para ele tomar. Ele ficou com medo e então foi atrás de um benzedor, que disse pra ele não tomar esse líquido, se não ele ia vê o que ia acontecer com ele, ela ia levar ele pro fundo. Ela sempre pedia pra ele não contar nada pra

²¹⁴ Trecho da entrevista de Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

²¹⁵ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 11-2.

²¹⁶ MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance*. In Revista Antropológicas, ano 11, volume 18, 2007, pp. 153-182.

ninguém a respeito da sua aparição. O velhinho acha que devido ele ter me contado tudo, ela parou de mandar o pretinho chamar ele. Eu nunca fui atrás pra vê se a história era real, mas estranhava o fato dele sumir de repente e voltar todo molhado.²¹⁷

Na categoria de encantados, as serpentes e as sereias são figuras muito mencionadas, estão presentes no repertório literário ocidental há séculos de duração. Os relatos mais remotos apontam para o Velho Testamento, quando Eva comeu o pomo proibido oferecido pela serpente, a partir daí a Igreja não deixou de considerar a mulher e a serpente como as maiores representações do mal. Durante a Idade Média, essas figuras podiam simbolizar forças naturais vinculadas com a fertilidade dos campos. No período barroco, essas criaturas misteriosas apareciam sob a forma de donzelas formosas, com cabelos soltos, na cabeça coroa de ouro e da cintura para baixo serpentes escamosas, eram as mouras encantadas que guardavam tesouros encantados que a imaginação popular acredita existirem no centro da terra, sempre ligadas ao elemento água, próximo a poços e fontes.²¹⁸

Apesar dos diversos casos de mortes por afogamento na orla portuária, pela narrativa é possível perceber que raramente o encantamento se efetivava, levantando a possibilidade que nem todos os desaparecidos nos rios e igarapés se tornavam encantados. A advertência feita pelo benzedor na narrativa sobre a sereia do trapiche municipal aponta para essa versão, somente era levado para o fundo por um encantado aquele que fosse o escolhido para tal fim. Para evitar ser encantada, a pessoa não poderia comer as coisas que lhes eram oferecidas no reino dos encantados, caso contrário não voltaria a viver na superfície, como os demais seres humanos.

Outra criatura que povoava o imaginário da população local era o boto. Durante todo o dia era possível observá-los, saltando no rio Parauaú ou acompanhando as canoas. Idevaldo Paes Filho e Clodoaldo Souza se referiram a este ser como fazendo parte da sua infância.

O que dava era muito boto aqui, a gente tinha mais medo do boto vermelho, que falavam que era isso que era aquilo, boto tinha muito aqui nessa beirada, demais, por que aqui dava muito peixe. O pessoal contava muita história do boto vermelho, a gente era mais

²¹⁷ Pesquisa feita pelos alunos do PARFOR pelo Instituto Federal do Pará, curso de Pedagogia 2011, como quesito avaliativo para a disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da História, ministrada em janeiro de 2013.

²¹⁸ DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. *Melusinas, sereias e mulheres – serpentes na literatura sacra do século XVII*. In cadernos pagu (4) 1995, pp. 49-74.

cismado com o vermelho, que é o rosa que falam, tinha essa história que o que era mal era o vermelho.²¹⁹

Agente tinha aquelas crendices de boto. Quando a gente ia pescar, ficava com receio, ainda mais quando aparecia um boto, aí a pescaria não prestava mais, ficava com medo, vai que ainda ele ia querer me levar pro fundo.²²⁰

Como foi citado acima, existem duas espécies de botos, o vermelho considerado perigoso, e o pequeno, o “tucuxi” de cor preta. As pessoas acreditam que o menor é protetor, afugenta o vermelho de perto de canoas e socorre os afogados, empurrando-os para as margens dos rios. No caso dos depoimentos de Clodoaldo e Idevaldo, ambos provocavam medo, sendo melhor evitá-los, devido aos relatos envolvendo esses animais com seres do fundo dos rios e encantados.

Galvão explica que na mentalidade amazônica esses animais se transformam em seres humanos para adentrarem aos pequenos povoados e vilarejos em busca de mulheres. Assumiam características físicas europeias, pele branca, olhos azuis, deixando suas vítimas encantadas.²²¹

²¹⁹ Trecho da entrevista com Idevaldo Santos Paes Filho, comerciante na área portuária, realizada no dia 23 de março de 2013.

²²⁰ Trecho da entrevista com Clodoaldo Vieira de Souza, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 10 de abril de 2013.

²²¹ GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, p. 67.

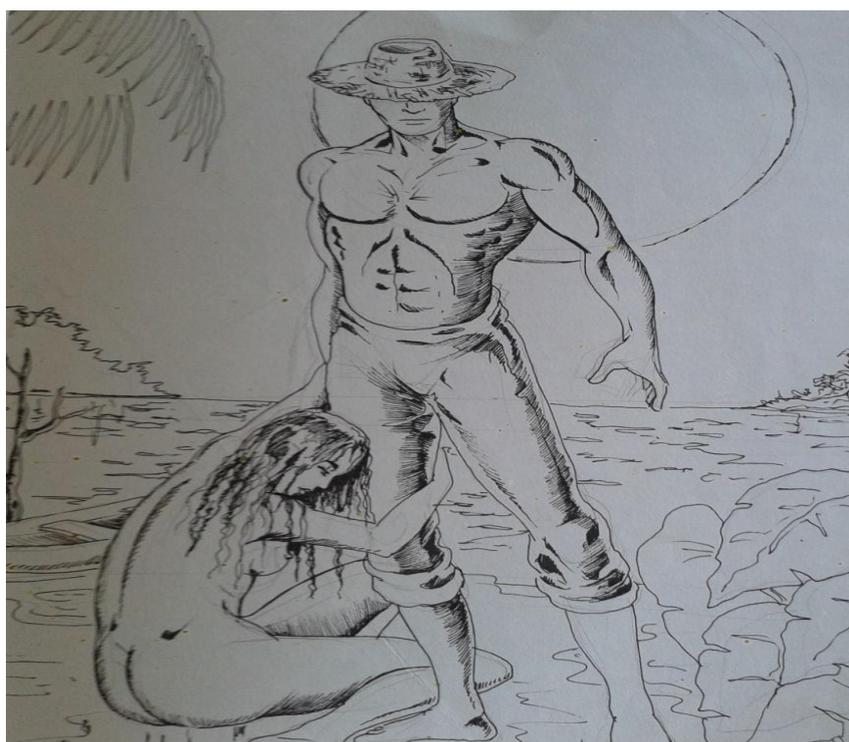


Imagem 26 - Representação do boto no desenho de J. Tadeu, pertencente aos arquivos do artista.

Muitas são as versões para as narrativas envolvendo o boto, em muitos casos acredita-se que o referido era a saída social para as moças que engravidavam sem casar. Uma espécie de desculpa que desviava a jovem do papel de transgressora para a de vítima. O mito também serviria ao rapaz que engravidou uma jovem, uma vez que não será procurado, nem identificado, nem responsabilizado. Como resolve tantos “desconfortos”, o boto apresenta-se como um mito socialmente interessante. Contudo, como nos lembra Todorov, o importante não é se o fato ocorreu, ou não, se é verdadeiro ou não, e sim, por que caminhos as pessoas tornaram ele possível de ser transformado em verdade. O que faz com que uma ideia, um acontecimento torne-se verdadeiro para as pessoas de uma época, de um lugar e seja percebido como tal?²²² Os encantados são constantemente atualizados na memória local, sendo (re)significados nas narrativas.

Quando eu era criança e a gente morava no interior, meu pai viajou e ficou eu, minha mãe e meus três irmãos. Uma noite, a gente estava dormindo e a mamãe assustada acordou a gente, pois ela sentia que tinha alguém dentro da casa, no corredor. Quando ela fez o barulho, a coisa correu pela cozinha, desceu ao redor da casa e pulou na água.

²²² TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins fontes, 1982, pp. 3-17.

No outro dia, minha mãe amanheceu com muita dor de cabeça, febre, vômito e, em frente acasa um monte de botos boiando. Foi preciso bater um monte de dente de alho dentro de uma cuia e meu irmão mais velho foi jogar lá no meio do rio pra espantar os bichos e, nós fomos pra casa da vovó pra ela cuidar da minha mãe.²²³

Conforme as tradições amazônicas, para livrarem-se da visita indesejada dos botos, os ribeirinhos realizavam uma mistura de crenças bem típicas da região, envolvendo práticas mágicas como amassar alho para jogar no rio, colocar cruzeiros nas portas, jogar água benta no rio, dentre outras técnicas, além do tratamento com benzedores.

No contexto dos anos de 1970 e 1980, as aparições de seres míticos ocorridos no contexto da cidade nos ajudam a pensar o espaço urbano e a paisagem, bem como as condições desse espaço, pois muitas vezes as narrativas nos remetem não apenas aos acontecimentos, mas também às condições da infraestrutura física, apontando ruas esburacadas, esvaziadas e mal iluminadas. Os elementos fantásticos do mundo mítico faziam parte do cotidiano e das experiências dos sujeitos entrevistados, entrecruzando visões de mundo atuais à época, com aquelas herdadas dos espaços rurais nas redes nada lineares da memória.

Entre os Bichos Visagentos, o caso mais famoso refere-se a um bode que aparecia na Rua Castilho França, nas proximidades da casa de show Papy Dance Club, por esse motivo o lugar ficou conhecido como alto do bode. “Era um bode preto, só aparecia à noite, ele corria atrás das pessoas, até saírem da rua, ou entrarem nas suas casas, era visagente, sumia de repente, aparecia de novo, todo mundo que morava por ali falava desse animal misterioso”, complementou Benedita Leão do Amaral, por muitos anos moradora da rua mencionada.

Segundo as memórias de Augusto Barros, entre as décadas de 1960 e 1970, essas aparições aconteciam principalmente porque “só tinha luz até às 22h”.

Havia muitos comentários sobre visagens e pessoas que se transformavam em visagem como, por exemplo, o bode da Castilhos França, que transformou a rua em alto do bode, a dona Loba, que morava na esquina da Dr. Assis com a Castilhos França, que tinha a fama de se transformar em uma porca, o velho Pitilique, que também tinha a fama de se transformar em animal em noites de lua cheia.²²⁴

²²³ Trecho da entrevista com João Aílto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 02 de março de 2013.

²²⁴ Trecho da entrevista com Augusto Cesar Leite Barros, ex-morador da cidade realizada no dia 20 de março de 2013.

Galvão que denominou esses seres de fadistas, dizia tratar-se de pessoas que tinham um fado (destino ou sina) de transformarem-se em animais todas as noites. Os fadistas eram vistos como pessoas que fizeram um pacto com Satanás, em troca de algum tipo de vantagem, dinheiro ou poderes excepcionais e, por isso, além de terem entregado sua alma, ainda eram punidos pelo fado, isto é, o destino de terem de transformar-se em animais durante a noite.²²⁵

Eu lembro quando eu cheguei para morar em Breves, nos finais de 1970, era no meio do mato a casa, tinha muitas histórias, não tinha energia nessa parte da cidade, falavam que tinha Matinta Perera por ali, aí a gente ouvia aqueles assovio feio de pássaro ou outro bicho, era estridente (imita o som), não era humano. Não tinha vizinho perto de casa, dava muito medo. Mais acima então morava uma velha, ela fumava muito, morava numa casinha, o pessoal dizia que ela era a Matinta que assoviava de noite.²²⁶

As narrativas sobre a Matinta Perera reconhecidas no universo amazônico e recriadas nas memórias de João Ailto Sena Melo, referem-se às mulheres, mas precisamente senhoras idosas que viviam no isolamento e o no retraimento social ainda vigente no período. Os fadistas eram geralmente pessoas excluídas, por não seguirem determinadas regras sociais comuns à época em que viveram. No entanto, apesar da visão pejorativa que recaía sobre essas pessoas, notamos nos estudos de Maués e Villacorta aparecem certos poderes agregados às suas imagens.

Nesse universo de crenças e práticas da pajelança cabocla na região do Salgado, mais especificamente Itapuá, Colares e Vigia, os autores destacaram o seguinte:

A Matinta Perera transformava-se em vários tipos de animais, como porcos, morcegos e aves, sendo capaz de voar, sendo vista como a mais perigosa feiticeira que existia. No momento da pesquisa em Itapuá, falava-se abertamente na existência de três matintas no lugar: uma delas era a mulher pajé, cujos poderes como curadora não eram muito considerados pela população, e o marido não trabalhava; outra era uma mulher que traía o marido; e uma terceira era de cor morena, quase negra, mas com alguns traços que lembravam uma índia, como o cabelo bastante liso, a hostilidade estava na sua cor considerada preta, por ser casada com um homem branco e morar na

²²⁵ GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, p. 21.

²²⁶ Trecho da entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária realizada no dia 02 de março de 2013.

povoação de Itapuá, longe do lugar habitado por descendentes de escravos.²²⁷

Outra história contada em Breves, também tem como personagem principal uma mulher, conhecida na década de 1980 como *A Loira do Cemitério*. Trata-se de uma lenda urbana contada em diversos lugares do Brasil. Foi narrada pelos entrevistados em vários tempos e contextos, vale a pena conhecer essas versões. A primeira, por volta da década de 1950, quando seu Antônio Soares estava a passeio em Breves (pois vivia na área rural) e gostava de ficar reunido em frente a uma pensão na área portuária da cidade.

Ali onde é o mercado, no lado daqui, hoje em dia é do Gringo, nesse tempo era do finado Osorino e tinha uma casa de hóspede bem no lado assim, e tinha um coletor que morava lá com a turma da coletoria, o coletor era o seu Osmar, e uma noite eles vinham pra pensão da tia Ló, como agente chamava, ele vinha jantar, aí a loira vinha subindo a cidade, ela se transformou numa mulher solteira, parecida com a mulher que o coletor namorava, ele a enxergou e parou na lharga dela, mas ela não falou nada, ele disse então: “Olha dá um balão por aí, que eu vou jantar aqui e me espera lá na frente de casa” e foi embora, aí acabaram de jantar e ele disse pro outro parceiro dele: “Me dá a chave, hoje tô meio baquiado, vou dormir”, ele respondeu, pegou a chave eu tava lá na frente com eles conversando. Mas antes dele chegar na casa se ouviu um quebra, quebra na casa dele, jogavam banca, jogavam cadeira, aí a Neri, filha do Osorino disse: “Isso é visagem, não tem ninguém aí, saíam tudinho”. Aí quando o coletor veio e chegou na casa ele meteu a chave, abriu a porta, empurrou, e a loira tava sentada de costa na rede dele, e ele pulou pra lá com ela, ele pensava que era essa namorada dele, mas não pegou ninguém, era a loira do cemitério, ela sumiu de repente. Ele tinha marcado com ela lá, né? Aí esse coletor saiu de costas gritando: “Tinha uma mulher na minha rede e sumiu”, nós ainda fomo espiar, mas não tinha era nada. É por isso que eu digo, que tinha essa mulher que andava na rua, tinha, muita gente via ela na avenida, baixando pra cá pro rumo da beira do rio, mas eu acho que a lenda deve ser isso, a loira de Breves existia, porque era muita gente que via na avenida, muita gente que via, dessa vez eu ouvi essa zoada.²²⁸

Embora o narrador se defina como católico, ao justificar o episódio da aparição da loira em uma frase: “isso é coisa do tempo e se acabou, é essas gente que

²²⁷ MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. *Pajelança e encantaria amazônica*. In PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. 2004, p. 31.

²²⁸ Trecho da entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

morre e não tem sarvação, anda, anda até quando muitas vez se salva ou às vezes não fica por aí”. Demonstra o conflito de visões de mundo diferentes entre o catolicismo oficial e o saber popular, resultante de um sincretismo religioso comum em muitos lugares da Amazônia, percebido na presença de crenças católicas associadas às religiões de matrizes africanas, à pajelança cabocla e indígena.²²⁹

Tem outra história que contam, essa foi verdade, do pai do finado Idevaldo Paes, chamava-se Teófilo Paes. A mulher dele tinha morrido, ele se juntou com uma mulher, que morava pra li pro outro lado do Miguel Bitar, que nesse tempo era um campo de futebol, já faziam casa lá pro outro lado e essa mulher, que era companheira dele, morava pra lá e ele trabalhava pra lá com o filho. Quando terminava de tudo pras banda das nove, dez horas, ele vinha embora aí pra casa da mulher da Zuleide Ferreira e um dia ele vinha andando, tinha dado uma chuvinha, aí apareceu uma mulher pra ir de companha com ele, aí ele disse: “Passe na minha frente”, ele tinha uma lanterna de pilha, aí ela disse: “Pois é, escute a cidade escura, não se sabe quando vai ter um prefeito que venha botar luz na cidade”, aí eles foram, ela na frente, ele atrás, iluminando o caminho pra ela, vieram embora, não conversaram mais, de repente ela parou e disse: “É aqui que eu moro”, agradeceu a companhia, aí o barulho do portão, que ele olhou, era o portão do cemitério, era uma visagem, assombração, aí ele deu uma desguinada pra trás, ele mesmo contava essa história pra gente, aí ele correu atravessou o campo de futebol e chegou gritando pra mulher que ele vivia, se jogando em cima do assoalho e desmaiando, até que ele se acordou e foi contar a história do cemitério.²³⁰

Nessa segunda versão, as aparições da loira levam a outros perímetros da cidade, identificando um alargamento das fronteiras e novas periferias, o cemitério Santa Rita ficava no meio da mata, chegava-se lá por um caminho conhecido como Passagem da Saudade. Notamos ainda o tom contestador entremeado na narrativa, apontando a necessidade de políticas públicas adequadas àquela realidade, como a implantação de um sistema de iluminação pública para tirar das escuras a população.

A terceira narrativa é uma versão ribeirinha para a famosa lenda da loira do taxi, recriada para o cotidiano de centenas de pessoas que se utilizavam das embarcações como meio de locomoção entre a cidade e outras regiões. Conhecemos

²²⁹ CAVALCANTE, Mayra Cristina Faro. *A cura vem do fundo: mulher e pajelança em Soure (Ilha do Marajó/PA)*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – UFPA, 2012, p. 41.

²³⁰ Trecho da entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

essa readaptação através das memórias do entrevistado Augusto César Leite Barros, nos anos de 1970.

O Sr. Pedro dos Reis Vaz, certa vez, estava no empurrador Sandro, aguardando o momento de realizar uma viagem, quando chegou uma moça no porto e perguntou se ele ia viajar e se sua viagem tinha como passagem a vila Corcovado. Ele respondeu que sim, ela então pediu uma passagem para uma localidade que ficava em frente à vila, seu Pedro convidou a moça para adentrar a embarcação e ficaram os dois proseando. Quando já estava bem próximo de Corcovado o comandante solicitou que a passageira indicasse o local exato onde ela ia ficar. Eis que começou a chover e já estava anoitecendo. Ele fez o encosto e Pedro Vaz ficou preocupado com a jovem devido à chuva que caía e a distância que a residência ficava da cabeça do trapiche, mas ela disse que ele não tinha com o que se preocupar e inclusive convidou seu Pedro para desembarcar, para tomar um café, seu Pedro agradeceu e disse que em seu retorno daria uma parada para tomar o café oferecido e, assim aconteceu. No seu retorno, Pedro Vaz se lembrou da passageira e do café, pediu então que o comandante encostasse no porto onde a moça havia descido. Para surpresa de seu Pedro, um senhor idoso veio recepcioná-lo no trapiche, seu Pedro desembarcou e foi convidado para ir até a residência e começou a conversar com o dono da casa. Seu Pedro, então, resolveu tocar no assunto da passageira que ali ele havia deixado, o velhinho então retrucou: “Meu amigo não me lembro de o senhor ter parado aqui em meu porto nos últimos tempos”, Pedro então sentiu um calafrio, mas insistiu: “Meu amigo, encostei sim, inclusive estava chovendo muito forte e a moça inclusive me convidou para descer para tomar um café. O velhinho então falou: “Mas seu Pedro, aqui só mora eu e minha mulher”, foi então que Pedro viu um quadro com a fotografia da moça na parede e apontou falando: “Meu amigo foi àquela moça do quadro que eu deixei aqui”. O velhinho então sorrindo disse: “Essa moça é minha filha seu Pedro, só tem um porém ela faleceu fazem dois anos.”²³¹

Muitos moradores afirmam que nos anos de 1980 as aparições da loira do Cemitério em Breves aumentaram significativamente, sempre seguindo as características das narrativas acima, uma mulher bonita que se encantava por algum rapaz. Como vimos, os anos de 1970 e 1980, marcaram o ápice das boates espalhadas pela Curica. Na Castilhos existia ainda a Danceteria Guanabara e na Passagem da Saudade a sede do Salão Azul, que movimentavam a cidade. Pelos relatos a loira esperava os rapazes na frente desses locais e os conduzia ao cemitério. Somente pela manhã se davam conta que tinham passado a noite com uma visagem. A história

²³¹ Trecho da entrevista com Augusto César Leite Barros, ex-morador da cidade, realizada no dia 20 de março de 2013.

provocava pavor aos moradores, principalmente nas crianças. Vez por outra surgiam burburinhos das supostas aparições da loira pelos quatro cantos da cidade.

Desta maneira, por meio das vozes de diferentes sujeitos, em diferentes épocas, foi possível notar nesta parte do trabalho diferentes manifestações culturais em diálogos com as dinâmicas das transformações e as práticas sociais ocorridas na cidade de Breves em um determinado período. No exercício de rememoração sobre si mesmos, seus ofícios e a cidade os entrevistados narraram as formas de lazer, crenças e mitos de modo indissociável do processo de expansão urbana e mudança no espaço da cidade.

2.4. A orla portuária em festa



Imagem 27 - Tela “Memórias da Festa de Santana”, acrílica sobre tela de autoria de José Tadeu 2013. Pertencente ao acervo de Dione Leão.

A partir das Festas de Santana e de São Pedro, procuro mostrar alguns elementos que compõem seus imaginários, atrelando festa, lazer, cultura, identidade e memória, articuladas aos modos de vida e saberes locais dos moradores de Breves.

A começar pela Festa de Santana que acontece entre os dias 16 a 26 de julho, na área central da cidade, nos arredores da Igreja Matriz, em total consonância com os portos e o rio Parauaú que margeia a cidade. Sua origem e devoção remontam a ocupação oficial europeia na região no século XVIII pela família portuguesa dos Breves.²³² Esse fato não é isolado e ocorreu também em outros lugares do Brasil, isso porque na dinâmica colonizadora, no momento da instalação dos povoados, fossem arraiais, vilas, roças, sítios ou fortificações, construía-se igrejas e capelas,

²³² Existem duas linhagens nessa família a primeira dos Condes de Breves que vivem num lugarejo francês e, a segunda que se espalhou por diversos países dentre eles, Portugal e Brasil. Em 1738, os fundadores de Breves ganharam um lote de terra do capitão geral do Pará, José de Nápoles Teles, e em 1740 a família Breves chegou ao local fixando-se no lugar. (LEÃO & PACHECO, 2012, p.157).

colocando-os sob invocação de um santo ou santa, que desempenharam um significativo papel na vida desses grupos colonizadores, servindo-lhes de protetores, por meio das potencialidades que cada um trazia consigo, fosse proteção contra doenças ou contra males provocados por fenômenos naturais.²³³

Eu me lembro de quando nós vinha de canoa, no remo, de lá da boca do Mapuá, dois dias pra chegar aqui em Breves. A gente vinha em época de festa, a festa de Santana sempre faziam a procissão, o arraial, mas não era assim como é hoje, era muito simples, não tinha tanta coisa não. Mas era o tempo que agente vinha aqui, saía do interior, do trabalho na roça e vinha pra cidade, agente se encontrava, conversava, brincava com outras pessoas. Só que nessa época era muito difícil, não tinha embarcação, não tinha nada, era a pior coisa, vinha todo mundo no remo, não tinha nem energia elétrica aqui, mas a gente não deixava de frequentar.²³⁴

A narrativa de seu Enéias Pinheiro aponta para uma prática muito comum até os dias atuais, a participação de populações de espaços rurais de Breves na Festa de Santana. Suas lembranças remontam os anos de 1940, quando a cidade “não tinha energia” e o transporte se fazia nas canoas, conduzidas a remos. Para abrandar a rotina diária do “trabalho na roça”, muitas dificuldades deveriam ser superadas, como os trajetos longos e os perigos dos alagamentos. Esse era o maior pavor de dona Maria de Souza, em meados de 1960.

Pra gente vir pra Breves na época da festa o papai fazia aquelas canoas grande e cobria de palha; a gente saía de casa de madrugada, a gente ficava debaixo da cobertura e só ele vinha remando, a gente vinha chegar pra cá à tarde já, era o dia inteiro viajando, dava maresia, eu tinha medo, na beira do rio dava muita maresia, até aqui na boca de Breves, o papai vinha bem pela beira do rio pra não alagar. Quando chegava aqui, encostava a canoa na frente da cidade e ia pra casa dos nossos parentes e deixava a canoa lá.²³⁵

Embora o pai de D. Maria de Souza utilizasse de seus saberes e táticas para proteger a família dos ventos e da chuva, cobrindo as embarcações com palha de ubussú, ou projetando canoas mais resistentes para minimizar o perigo dos alagamentos, incidentes desse tipo eram constantes àqueles contextos.

²³³ BRANDÃO, Alex Sandro da C. *Santos reis: Festa, Poder e Memória (Governador Mangabeira-BA 1970-2000)*. In X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2010, p. 61.

²³⁴ Trecho da entrevista com Enéias Pinheiro Farias, ex-trabalhador do ramo da madeira, realizada no dia 18 de março de 2013.

²³⁵ Trecho da entrevista com Maria de Souza Leão, moradora da cidade, realizada no dia 24 de março de 2013.

Em contraponto com a realidade atual, apontada por seus contornos violentos, seu Antônio Soares também deixa claro em suas memórias as diferenças do passado e do presente.

O momento da festa era pra gente era a chance de ganhar um dinheirinho extra; a gente trazia frutas, como a banana e animais: porco, galinha, caça para vender pro pessoal daqui, com o dinheiro das vendas agente comprava as coisas no arraial, mas eu me lembro de uma vez que a gente veio, eu e a Margarida de canoa, vinha com a canoa cheia, aí veio um barco grande e fez muita maresia e virou a canoa, perdemos as coisas, os pessoal que estavam lá no trapiche ainda pegaram as nossas bagagens, mas as galinha morreram tudo afogada. A gente chegava, deixava a canoa e saía pra terra, ninguém mexia nada, não se via ladrão em Breves nessa época.²³⁶

Com o pretexto de festejar, os visitantes adentravam ao cotidiano da cidade, numa ampla teia de comunicação onde, patrões, parentes, vizinhos, amigos, padrinhos e afilhados podiam se encontrar em torno de variados interesses, conforme assinalou seu Antônio Soares, migrante ribeirinho que vivenciou significativas vezes o deslocamento de áreas ribeirinhas para a cidade, em tempos de festa, na década de 1960 e 1970. Suas lembranças demonstram a rede de solidariedade existente nos espaços portuários nesse período e as relações econômicas, religiosas e de encontros e desencontros que a festa potencializava.

Durante o período da Festa de Santana, a área portuária ganhava maior movimentação, transformando-se em paradeiros para dezenas de famílias advindas de muitas localidades e regiões, em diferentes embarcações. A propósito, a partir das embarcações podia-se inferir a posição social e econômica do município, sendo símbolo de recurso, ou ausência dele, conforme o tipo de transporte utilizado. Fato destacado no depoimento de Milton Galúcio, por volta dos anos de 1970.

Eu queria que tu visses como era de gente nessa beirada, de barcos e de canoas, porque aqueles que tinham dinheiro, tinham seus barcos, o resto era tudo casquinho, eles deixavam tudo aí nessa beirada. Isso por volta de 1970. Aquele povão do interior vinha pra festa de Santana, que é a padroeira, o caboco achava que era uma obrigação vir e participar de tudo, vinha na Igreja, no arraial.²³⁷

O universo festivo de Santana envolvia uma série de rituais em um processo que implicava a encarnação de imagens e imaginários, mediante gestos e ações, dando

²³⁶ Trecho da entrevista com Antônio Soares, ex-trabalhador da área portuária realizada no dia 24 de fevereiro de 2013.

²³⁷ Trecho da entrevista com Milton Galúcio, morador da cidade, realizada no dia 30 de agosto de 2009, para a execução do Projeto Revivendo nossa história.

sentido especial para quem os praticava. Podemos dizer que uma paisagem complexa e profundamente simbólica desenhava no tempo da cultura dimensões da vida em sociabilidades no tempo em que a festa acontecia.²³⁸

O arraial se constituía como um dos espaços mais atrativos da festa de Santana, utilizados por toda a sociedade, empresários, comerciantes, funcionários públicos, trabalhadores rurais, operários das fábricas de madeira e palmito, enfim, era um espaço de interação social. Ao seu redor o movimento era intenso, congregando elementos profanos, muitas vezes proibidos pela Igreja, como os jogos de azar, os bares, as barracas de comidas e os parques de diversões.

No entanto é válido ressaltar que esse não é um traço da contemporaneidade. Por volta do século XVIII, apesar das tentativas de separar os rituais sagrados e profanos dentro das festas, eles pareciam caminhar juntos. É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e outra sagrada e vice-versa; demonstravam também uma mistura social de estilos, sons e corpos; nobres, bispos, embaixadores, militares e populares, conviviam nesses espaços.²³⁹

Nas memórias de homens e mulheres, o arraial era um dos momentos do ano para entrar em contato com as novidades em voga no mercado nacional, como acompanharemos nos depoimentos de D. Maria de Souza, 61 anos que demonstra os sentidos da festa em sua vida em tempos de infância nos anos de 1960. Era nesses momentos que tinha a chance de comprar bonecas, roupas, sapatos e ver a banda de música.

O arraial era ali na frente da Igreja Matriz, ali tinha um coreto, eu me lembro bem; naquele lado esquerdo da Igreja, encostado nela, lá funcionava a barraca da santa; encostado na BISA, naquele pedacinho, enchia de gente à noite, era uma barraca. Os marreteiros ficavam ali descendo as escadarias da Igreja, no coreto, eu lembro, sempre vinha uma banda da polícia pra tocar ali. No arraial é que tinha os marreteiros, tinha muito brinquedo, só que não era gente daqui, era tudo de fora, era quando o papai comprava brinquedo pra gente, bonecas, só tinha isso no tempo da Festa de Santana. Em São Sebastião era mais difícil chovia muito, agente quase não vinha

²³⁸ Simmel resalta que quando os homens se reúnem em grupos, estão em jogo necessidades e interesses específicos. Mas, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socição são acompanhadas por sentimento e satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal. E as formas que resultam desses processos ganham vida própria, libertas dos conteúdos e existindo por si mesmas, constituindo a sociabilidade (SIMMEL, 2006, pp. 64-5).

²³⁹ DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 19.

nessa época de janeiro, era mais em julho, lá pela beira ali na perto rio era cheio de barraquinhas vendendo esses produtos.²⁴⁰

Milton Galúcio também compartilhou suas lembranças do arraial na década de 1970.

O arraial da festividade era ali onde é o Banco do Brasil, pegando a área da Esplanada e do outro lado, a Praça Frei Dolsé, lá funcionava o arraial, onde é a Kit Lar e as propriedades; daquele lado, ficavam as barraquinhas feitas pela paróquia, não era igual como é hoje, que cada um vem e faz sua barraca, isso em 70. As barracas eram feitas pela paróquia e por trás ali onde é o Custódio, a Delegacia da Fazenda, era uma montanha grande, de moinha da Bisa. Onde é a Praça Frei Dolsé, era o largo, ou seja, onde as pessoas ficavam. Foi só depois que os padres começaram a liberar para os marreteiros fazerem essas construções; aí tinha pescaria, uns bingos, vinha muita gente de fora pra montar alguma coisa no arraial pra vender, porque o nosso comércio não oferecia muita novidade.²⁴¹

Na década seguinte, o arraial parece ter sofrido algumas modificações, mas não perdia o caráter pontuado acima. A cada ano esperava-se pelas inovações, principalmente em termos de diversão. Na década de 1980 foi permitido a montagem dos parques de diversões, sinônimo de modernidade para a população. Os principais foram os brinquedos como a roda gigante e o chapéu mexicano, que até aquele momento não faziam parte desse universo; os fogos de artifícios também geravam um espetáculo à parte, ressaltando outros usos para o rio Parauaú, onde a estrutura era montada, conforme observado no depoimento de João Ailto Sena Melo.

Quando eu era moleque nos anos 80, eu gostava de ir no arraial de Santana porque tinha muita loja de roupa, loja de brinquedo, jogos, e o parque de diversão com todos aqueles brinquedos, antes não tinha essas novidades. A gente vinha pra cá brincar e pra olhar as lojas, a animação do pessoal, tudo. Era o tempo que tinha um movimento diferente, gente de outro lugar, a cidade ficava cheia durante aquela semana. No último dia do arraial já bem tarde, tinha os fogos, que caía àquelas cascatas e depois aparecia a imagem da santa, todos aplaudiam nesse momento, todo mundo olhando para o rio, na beira do trapiche municipal, porque eles armavam a estrutura dos fogos em cima de uma balsa de ferro lá no meio do rio.²⁴²

Outro ritual mencionado foi a procissão, ocorrida no último dia da festa 26 de julho. Considero importante para entendê-la identificar alguns elementos que

²⁴⁰ Trecho da entrevista com Maria de Souza, moradora da cidade realizada no dia 24 de março de 2013.

²⁴¹ Trecho da entrevista com Milton Galúcio, morador da cidade realizada no dia 30 de agosto de 2009 para execução do Projeto Revivendo nossa história.

²⁴² Trecho da entrevista com João Ailto Sena Melo, ex-trabalhador da área portuária, realizada no dia 02 de março de 2013.

permeavam essa trama social no período de 1950 a 1980. Na procissão estavam congregados variados interesses e percepções de modos de viver. O dia da procissão constituía-se em uma pausa na rotina de trabalho, o prefeito decretava feriado municipal²⁴³ e por esse motivo o comércio e os órgãos públicos fechavam suas portas. Participar da procissão constituía-se em uma obrigação para as famílias católicas da cidade e do entorno. D. Maria de Souza relembra a importância desse ritual na sua infância, por volta da década de 1960. Conforme seu depoimento, a festa representava para aquele momento de sua vida um tempo de tradição e renovação.

As pessoas na procissão estavam sempre bem vestidos, sempre foi assim, quando a gente vinha pra cá era mais quem fazia roupa nova pro dia da procissão, era na procissão que tinha que ter a roupa bonita, à tarde todo mundo bem arrumado, tipo quando a gente ia pra uma festa, bem chique, isso eu me lembro bem, até hoje eu ainda sou assim, eu gosto de comprar uma roupa boa para o dia da procissão e depois andar no arraial. Nesse tempo toda a sociedade participava da procissão, a gente via tanto aqueles mais humildes como aqueles mais destacados na cidade.²⁴⁴

O depoimento de D. Maria também levanta a possibilidade de que a festa de santo operava como um poderoso aglutinador, em torno de uma idealizada imagem de identidade regional, constituía-se em “um campo ritual de cruzamento de várias dimensões da vida social”, conforme assinalou Isidoro Alves. E identidade poderia ser uma identidade local, na medida em que tais festas não só “identificam” uma localidade, como os que vivenciaram se sentiam identificados com aquele santo. Para o autor, o tempo da festa era então um tempo especial, onde as diferenças, ainda que percebidas eram minimizadas, e os mais ricos e poderosos poderiam contribuir com a paróquia doando dinheiro, prêmios para bingos e leilões, móveis, dentre outros, segundo uma lógica do compromisso, mais visível do que nos dias normais.²⁴⁵

²⁴³ Conforme o decreto nº 19 de 20 de julho de 1960, o dia 26 de julho era considerado feriado municipal em homenagem à Santana, data máxima da família católica de Breves.

²⁴⁴ Trecho da entrevista com Maria de Souza, moradora da cidade realizada no dia 24 de março de 2013.

²⁴⁵ ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida... Valor, Tempo e Intercâmbio Ritual em Sistemas Tradicionais na Amazônia*. Tese PhD Museu Nacional/UFRJ. R.J., 1993, (Mimeo), p. 05.



Imagem 28 - Fotografia da Festa de Santana em meados dos anos de 1960, pertencente ao arquivo pessoal de Cláudio Frazão.

A fotografia retrata em primeiro plano uma procissão. Ao mostrá-la aos nossos interlocutores, a fim de provocar lembranças e saber um pouco mais das percepções deles sobre as festas, ouvimos de Vanderlei Lobato de Castro o seguinte:

É por dentro da BISA, quando a gente saía da igreja. A empresa ainda estava funcionando. É início da década de 60, eu tenho certeza, isso é ali onde têm a Praça do Operário, lá ficava a indústria, esse pessoal que vinha era tudo do interior, a gente fazia aporfia, pegava as canoas quem remava mais, chegava primeiro, o papai vinha numa canoa pra pegar doze pessoas, aí a gente vinha embora, tinha Santana, tinha finados, eu vinha nessas datas aqui.²⁴⁶

Inspirada em Pacheco, procurei compreender as fotografias na interface com a oralidade e ao mostrar aos entrevistados um álbum com imagens da cidade e ouvir lembranças do passado dos narradores, surgiram muitas informações tanto das fotografias expostas, quanto dos fatos que estavam além dessas imagens.²⁴⁷

Nesse sentido, ao visualizar a fotografia, Vanderlei Lobato de Castro tocou em um ponto crucial para entendermos a ligação entre a elite madeireira e a Igreja Católica na cidade, pois “o percurso da procissão passava por dentro dos galpões da BISA”, que como já foi dito era uma importante indústria madeireira da região que perdurou até os anos de 1970.

²⁴⁶ Trecho da entrevista com Vanderlei Lobato de Castro, morador da cidade realizada no dia 09 de março de 2013.

²⁴⁷ PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos “Marajós”: cotidiano, memórias e Imagens da “cidade-floresta” – Melgaço-Pa.* Belém: Paka-Tatu, 2006, p. 116.

Essa relação fica mais clara quando entramos em contato com o trabalho de Pacheco. O autor explica que desconstruir as famílias influentes econômica e politicamente da cidade poderia provocar certo distanciamento e baixa nas doações à Igreja, vitais para o prosseguimento de obras sociais na cidade. O Livro de Coisas Notáveis da Paróquia de Breves do ano de 1949 revelou que os altares laterais da Igreja de Santana foram ofertados pelos sócios da Breves Indústria de Madeira, a BISA, através dos nomes dos Srs. Mourão e Otávio Malheiros. Em 1950, a Pia Batismal foi doada por outro sócio da Breves Indústria S/A, Sr. Marcelino e o segundo confessor da Igreja foi doação de sua esposa Sra. Noemia Pinto Acioli, assim como as portas do vaivém, na frente da Igreja, que serviam de para-vento, também estavam no rol daquelas doações da indústria de madeira. Em 1951, a mesma construiu 22 bancos para a Igreja.²⁴⁸

Ao que tudo indica, em Breves as festas de santo adquiriram tanta notoriedade que em vários momentos notamos investimentos públicos e privados para sua realização, o que provavelmente não é uma característica somente da Festa de Santana ou São Pedro. Em Breves como veremos mais adiante e tão-somente do período estudado, a participação e a colaboração de empresários e pessoas influentes da sociedade é um traço a muitos séculos presentes no Brasil, conforme assinalou Alves, anteriormente.²⁴⁹

Del Priore também acrescentou em seus estudos sobre festas no período colonial que durante as comemorações festivas de santos era muito comum uma colaboração e sentimentos de boas intenções contaminarem as classes abastadas, incitando-as a uma participação simbolicamente filantrópica. Esse traço é visível na Festa de Santana. Durante muitos anos, empresários e políticos da região, em vários momentos, apareciam como parceiros da Igreja. É o caso de Adilson Machado de Almeida, empresário da cidade, já falecido. Sua participação ativa na festa em meados da década de 1980 foi idealmente composta nas memórias da filha Terezinha Almeida, ao falar de seu pai.

Lembro era o dia da associação comercial, o dia do comércio, aqui na Igreja Matriz, era muito divertido, como o papai falava, os padres adoravam porque no dia do comércio o papai fazia uma revolução

²⁴⁸ PACHECO, Agenor Sarraf. *Em El Corazón de La Amazonia: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas Marajoaras*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, 2000, pp. 201-202.

²⁴⁹ ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida... Valor, Tempo e Intercâmbio Ritual em Sistemas Tradicionais na Amazônia*. Tese PhD Museu Nacional/UFRJ. R.J., 1993, (Mimeo), p. 05.

enorme, e era o dia que mais arrecadava, assim de todo o ano, o que era que o meu pai fazia? ele ia nas casas dos comerciantes, até um dia eu estava conversando com uma amiga, e ela falou: “Terezinha teu pai era incrível, né? Ele ia pegar esses prêmios com os comerciantes e ele sabia que valor cada comerciante podia dar, e ele chegava e pedia e não tinha jeito a gente tinha que dar aquele prêmio e levar pra barraca e tinha aquele bingo!” Então ele fazia isso com todos os empresários daqui, ele ia, pedia prêmio, quem podia dar um prêmio melhor dava, então era um dia de bingo que lotava mesmo, a rua tudo, então ele botava eu e meus irmãos pra vender o bingo, a gente vendia o bingo, a gente só podia sair pra dar a nossa voltinha lá na frente depois que a gente vendesse todo o bingo que ele colocava lá, então era o dia que mais arrecadava dinheiro ali e aquilo era certo, assim, todo ano era aquela mesma história, ia todo mundo pra lá jogar o bingo.²⁵⁰

Com relação à Festa de São Pedro da Cidade Nova, esta acontecia na última semana do mês de junho, pertence ao ciclo das festas joaninas²⁵¹. Seus festejos têm origem europeia e estão presentes no Brasil desde o século XVI, quando foi trazida pelos portugueses.²⁵² A Festa de São Pedro é, portanto, fruto de um hibridismo cultural, suas características originais misturaram-se aos aspectos culturais dos brasileiros composto por indígenas, afro-brasileiros, imigrantes europeus e, no nosso caso afroindígena²⁵³. O resultado era uma festa com rituais ressignificados, de conotação laica e popular, longe dos olhares da Igreja Católica. Em Breves a festa era organizada pelos trabalhadores da estiva do município. Surgiu na década de 1980 e perdurou até 2009 com o encerramento da participação do Sindicato dos Estivadores na cidade.

A trajetória histórica da Festa de São Pedro em Breves foi possível ser reconstruída seguindo os rastros das memórias de seu Benedito Carvalho, ou Caruara, estivador aposentado, muito popular no bairro Cidade Nova. É conhecido por toda a vizinhança, não foram poucas as vezes que tivemos que interromper a entrevista e esperar ele cumprimentar seus amigos, parentes e vizinhos. Este esteve presente desde

²⁵⁰ Trecho da entrevista com Tereza Almeida, empresária nas proximidades da área portuária realizada no dia 27 de fevereiro de 2013.

²⁵¹ Segundo o Prof. Dr. Maurício Costa, esta é a denominação dada ao conjunto de festividades juninas em que são celebrados os quatro santos católicos: São João, São Pedro, Santo Antônio e São Marçal, durante as quatro semanas do mês de junho. Nos jornais belenses dos anos de 1950 a quadra festiva era chamada de “joanina”, “joanense” ou “joanesca”, como homenagem direta ao santo mais celebrado do período: São João (COSTA & GOMES, 2011, p. 196).

²⁵² CHIANCA, Luciana. *Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas de santos*. In Revista Antropológicas, ano 11, volume 18, 2007, pp. 49 – 74.

²⁵³ PACHECO, op., cit. 215.

a origem da festa, no local onde esta se popularizou, conforme vamos acompanhar no transcorrer da sua narrativa.

Essa festa do São Pedro começou lá em frente a COSANPA, na casa do Seu Arlindo Barros, uma casa que tem do lado daqui da rua, do lado da casa do seu Martinho, lá, era aquela casa, era com nossa sede do sindicato, nós fizemos uma grande foguetaria e foi a primeira festa, ele é o padroeiro dos marinheiros, já aqui o pessoal confunde com o padroeiro dos estivadores, aí nós fazia essa festa. Começou soltando fogos de vista, fogos de rabo e pistolas, a nossa aparelhagem foi uma eletrola abc, a primeira música que foi colocada lá nessa festa foi a “Camélia que caiu do galho”, porque nós pra fazer graça bebido, perguntava têm Camélia que caiu do galho aí Orlando? Que era do Orlando Cunafunda, a eletrola, porque nós não tinha pra alugar aparelho chamar um Guanabara ou o aparelho do Luxento que fazia festa, aí fomos buscar na casa do Orlando, ele disse: “eu tenho uma eletrola lá em casa” e nós fomos lá buscar a eletrola dele.²⁵⁴

Nas memórias de seu Benedito, o santo assumiu a história do lugar e apesar de não ser oficialmente o padroeiro dos estivadores, foi tomado pelo grupo de trabalhadores como tal. Sua trajetória de vida está intrinsecamente ligada ao mundo do trabalho nos portos e à formação do Sindicato dos Estivadores em Breves na década de 1980, período em que o santo começou a ser festejado. Simbolicamente, São Pedro representava para esse grupo de trabalhadores um padroeiro, apesar de não serem marinheiros, como o próprio justifica. Contudo, o fato de estarem em contato constante com as águas e o porto os fazia sentirem-se dentro desse universo, onde os navios e os marinheiros eram parte daquela rotina. Para entendermos melhor este festejo, vamos continuar seguindo a narrativa de suas memórias.

Na primeira vez só teve ladainha, não teve procissão, aí a partir do segundo ano, nós já queríamos projetar a procissão, mas ainda não deu a colaboração nossa não deu, aí quando foi no quarto ano já, no quinto ano, a festa estava na casa do Benedito Santos, na Rua Interventor Malcher; aí nós já fizemos a procissão dele, colocamos o santo da rua, procissão muito bonita, muito fogueteada. Nesse tempo não se falava em cidade nova, não dava pra andar, nós pegava aí pelo centro, pegava lá a Curica, pela beira do rio, ia pra igreja matriz, de lá agente voltava pra sede, dava bem gente, os estivadores, os familiares, portuários também tudo infiltrado com nós.²⁵⁵

²⁵⁴ CHIANCA, op. Cit., pp. 49 – 74.

²⁵⁵ Trecho da entrevista com Benedito Carvalho, ex-estivador, realizada no dia 06 de março de 2013.

Conforme a narrativa, até os anos de 1970 existia apenas um bairro na cidade, o Centro, onde surgiu a festa. O bairro Cidade Nova foi o segundo criado na cidade, no início dos anos de 1980²⁵⁶, para onde a festa foi transferida, em consequência da sede do sindicato dos estivadores ter sido construída nesse bairro. Com relação ao percurso da procissão de São Pedro, notamos semelhanças com a Festa de Santana relacionadas ao seu trajeto ao perpassar pela orla portuária ou “beira do rio” e a área central, espaços de trabalho e lazer dos devotos do santo, os estivadores.

Mas diferentemente de Santana, São Pedro não tinha uma Igreja edificada. Seu culto era doméstico e itinerante nos seus primeiros anos de formação, apenas com a construção da sede do sindicato nos finais dos anos de 1980, a imagem e a festa tiveram um lugar fixo. Com essas mudanças, a procissão ganhou outro percurso adequado a sua nova realidade. O novo trajeto e os rituais da festa foram destaque nessa parte do depoimento do entrevistado.

A procissão saía aqui do sindicato, daqui da 30 de Novembro, ela vinha aqui pela Avenida Currálinho, baixava a Lourenço Borges, ia até a Curica, baixava a Curica e passava no Mercado Municipal e subia a igreja, aí tinha a missa; quando saía de lá vinha pela Presidente Getúlio, até pegar a 30 de Novembro, pra vim pro sindicato, fechava lá pela rua da frente a festa do santo. Tinha mastro, tinha bandeira, tinha os fogos, a distribuição de mingau, distribuição de bolo pros convidados, todos que iam à procissão eram nossos convidados, convidados do santo, tomavam mingau. Depois já das oito e meia em diante comia o forrozão, que era a festa, fazia a festa direitinho e essa festa ela ia até o outro dia, ela se estendia, isso no começo, depois ela ia ganhando proporção.²⁵⁷

Além da procissão, o entrevistado destacou outros rituais que ganharam destaque na Festa de São Pedro, a começar pela bandeira do santo que acompanhava a procissão, cuja função era valorizar a imagem dos santos e da entidade social que prestava homenagens, no caso os estivadores e aquele que a empunhava geralmente gozava de grande prestígio na comunidade.

O mastro era um sinal de devoção, sinalizava que naquele local havia orações até a véspera do dia do santo, quando as preces davam lugar à festa, anunciava a visita

²⁵⁶ O bairro Cidade Nova é bastante populoso, localizado em área periférica, entrecorta a área portuária. A composição social original advém na sua maioria de migrantes ribeirinhos chegados ao município nos finais dos anos de 1970, época de grande expansão territorial. As terras pertenciam a particulares que venderam para a prefeitura, o então prefeito Carlos Estácio, loteou a área e vendeu para a população. O bairro é limitado pelo rio Parauaú que margeia a cidade, nele se encontram várias escolas, creches, órgãos municipais, igrejas evangélicas e a Igreja de São Benedito padroeiro do bairro.

²⁵⁷ Trecho da entrevista com Benedito Carvalho, ex-estivador, realizada no dia 06 de março de 2013.

transitória do sagrado, invertia a função da rua, tradicionalmente profana e pública. O mastro era fixo e marcava o local onde a cerimônia se desenrolava. Tratava-se de um tronco de árvore retirado da mata, subtraído de galhos e ramificações e fixado ao solo, no seu cume eram suspensas frutas como melão, coco, flores e a bandeira com a imagem do santo homenageado.²⁵⁸

Esses rituais marcavam hábitos festivos herdados dos espaços rurais, principalmente o de servir comidas gratuitamente, citado no depoimento. No entanto, aqui há uma particularidade, pois, diferentemente do nordeste, quando a colheita do milho realiza-se no mês de junho, em Breves a mesma acontece em janeiro, o que significa que em junho esse produto está em falta nas feiras da cidade e a saída então é utilizar o milho industrializado para fazer o mingau, o bolo, a canjica e a pamonha, comidas típicas desse mês, não interferindo na boa aceitação da população.

Ao longo dos anos esses rituais se modificaram, recusando-se a serem encurraladas dentro de certas fronteiras, transgredindo os limites políticos e econômicos do lugar, indicando que as tradições promoviam variados intercâmbios, agregando velhas práticas a novos elementos trazidos por visitantes e migrantes, atravessando os rios e portos, mesclando-se as populações locais. Nesse sentido, é importante assinalar os estudos de Stuart Hall para a compreensão destas transmigrações, componente fundamental para a formação de um discurso sobre a identidade brevesense, criando a noção de uma comunidade imaginária:

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto o mesmo em mutação e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos como novos tipos de sujeitos. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.²⁵⁹

Notadamente essa era uma festa coletiva na qual a comunidade do bairro Cidade Nova estreitava seus laços através de rituais e práticas que reafirmavam esse pertencimento aquele lugar. Os alimentos gratuitos aliados às músicas, danças e bebidas serviam de pretexto para reunir a família, parentes e amigos em torno do santo.

²⁵⁸ CHIANCA, op.cit., p.66.

²⁵⁹ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp.42 - 3.

Através dos ritos comemorativos da Festa de São Pedro, comentados pelo seu Benedito Carvalho os indivíduos sentiam-se revigorados, pois a festa atualizava identidades, provocava sociabilidades, encontros e desencontros em sua natureza de seres sociais.

Sobre essa questão, Guarinello discorre que o momento da festa pode gerar a concretização dos sentidos de uma determinada identidade dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e se inscreve na memória coletiva como junção das expectativas de cada pessoa envolvida direta ou indiretamente no momento festivo.²⁶⁰

Del Priore afirma que ao longo da história da humanidade o tempo da festa tem sido celebrado como um tempo de utopias, de fantasias e liberdades, de ações vivazes, frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos. Os jogos, as danças, as músicas e outros elementos culturais que fazem parte da programação das festas não somente significam descanso, prazer, alegria, mas também possuem uma função social, pois permitem a seus participantes de diferentes idades adentrarem a um universo com valores e normas coletivas.²⁶¹

As ruas do bairro eram espaços de sociabilidade pública, já que a festa acontecia primordialmente fora de casa. Nessa época do ano cercavam-se os arredores do sindicato nas proximidades do rio Parauaú para a apresentação de quadrilhas e o desenrolar da festa dançante. O calendário festivo de São Pedro desde o surgimento foi marcado por momentos de devoção e diversão, embora em várias passagens do depoimento de seu Benedito Carvalho haja alguma referência à Igreja Católica, esta era acionada apenas em contextos específicos, o que não descartava seu papel no seio da dinâmica sociocultural do bairro.

A festa de São Pedro era uma produção do cotidiano de grande parte dos moradores do bairro Cidade Nova, uma ação coletiva, que se dava num tempo e lugar definido e especial, implicava a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que era celebrado e comemorado e cujo produto principal era a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Era um ponto de confluência das ações sociais com o fim de reunir ativamente seus participantes, inscrevia-se na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção das

²⁶⁰ GUARINELLO, N. L. *Festa, trabalho e cotidiano*. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 972.

²⁶¹ DEL PRIORE, op. cit., p. 10.

expectativas individuais, como um ponto em comum que definia a unidade dos participantes. “A festa era, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social.”²⁶²

Ao longo deste item analisei as festas como conteúdo cultural de lazer, apontando para as dinâmicas que permeavam essas manifestações, numa teia que envolve valores e interesses múltiplos de seus frequentadores, fossem eles moradores da cidade, visitantes ribeirinhos e de outros centros urbanos. “A festa na sua ambiguidade se revelou como tempo e espaço para expressar sentimentos diferenciados como devoção, solidariedade, alegria, desigualdade, rompendo o cotidiano e criando outras regras sociais para o lugar. Nesse contexto, foi uma zona de encontro e mediação, reconstruindo rotinas, o mundo da liberdade e do essencialmente humano.”²⁶³

Desta maneira, as formas de lazer, crenças, sociabilidade e outras manifestações culturais do período estudado que integraram a área portuária e alguns outros lugares da cidade, foram pensadas em diferentes contextos neste momento do trabalho. Levei em consideração os sentidos e significados que os próprios sujeitos atribuíram às suas experiências no local para compreendermos a cidade. Foi possível notar nas formas de viver e sentir a cidade a articulação entre o global e local, o tradicional e o moderno, o urbano e o rural²⁶⁴, o que resultou na construção e reconstrução da identidade da população de Breves. A maioria das formas de lazer, por exemplo, misturou um conjunto de influências que envolvia as tendências da época trazidas pelo cinema, televisão, rádio, navios, dentre outros com o modo de viver local de raízes fincadas nas florestas e nos rios.

²⁶² GUARINELLO, op. cit., p. 97

²⁶³ ROSA, Maria Cristina. *Festar na Cultura*. In Festa Lazer e Cultura, org. ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano G. de Assis; QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel. Campinas, SP: Papirus, 2002, pp. 25-26.

²⁶⁴ RODRIGUES, Carmem Isabel. *Vem do Jurunas: Sociabilidades e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008, pp.19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo procurei trazer experiências sociais de diferentes sujeitos que tiveram contatos com a história da área portuária no intuito de apontar sinais para o entendimento da história regional e perceber formas de identificação dos moradores da cidade de Breves. Nesse processo, as muitas histórias contidas em variadas narrativas, permitiram visibilizar novos horizontes de investigação procurando ultrapassar a visão contida na historiografia clássica da região, relacionadas somente à questão econômica da borracha e da madeira, sem levar em conta as relações sociais, fruto das astúcias, conflitos, negociações que se estabeleceram em seus portos e espalhavam-se pela cidade em intrincadas redes de sociabilidades.

Vimos que no período de 1940 a 1980 a cidade passou por intensas transformações na sua paisagem e modos de viver, e que nesse período dezenas de migrantes chegaram à cidade, como indicaram os dados populacionais do IBGE. Pelas narrativas dos entrevistados, eram pessoas vindas principalmente de espaços rurais. A cidade que emergiu da pesquisa é resultado das movimentações de idas e vindas da mata para cidade.

Muitos migrantes, ao se instalarem nos lugares de destino, em áreas periféricas, na sua maioria, misturaram práticas e saberes ribeirinhos com novas práticas aprendidas no mundo urbano, reconstruíram redes de parentesco, compadrio e conterraneidade, que articularam com novas relações de vizinhança e amizade, permitindo-lhes produzir formas de sociabilidade, padrões de consumo, trabalho, lazer e convivência adequada, na medida do possível, ao novo projeto de vida.²⁶⁵

Da interligação entre as experiências dos moradores da cidade e os migrantes dos espaços rurais, a cidade cresceu e ganhou novas formas. Segundo Rodrigues é através da ideia de mudança, da migração para a cidade e no contato com a modernidade que o migrante transforma-se em *outro* de si mesmo, com novos desejos, ambições, mas sem deixar desaparecer suas identificações anteriores.

Entre margens e movimentos, entre pontes e trapiches, entre os rios e a cidade e entre as cidades através dos rios, as viagens e travessias, chegadas e saídas, paradas e retomadas são os espaços e tempos

²⁶⁵ RODRIGUES, Isabel Carmem. *Migrantes Ribeirinhos em Belém: modos de sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Trabalho apresentado durante a VIII reunião da Abanne, realizada em junho de 2003, em São Luis-Ma.

através dos quais os sujeitos circulam, marcam suas especificidades e constroem suas identidades no mundo moderno.²⁶⁶

Na primeira parte desse trabalho foi possível perceber as especificidades do processo de transformação e expansão urbana, atrelados a características ribeirinhas, na relação com o mundo das águas e das florestas. Até os anos de 1940, a população do município dependia do negócio da borracha, embora em menor intensidade se comparada a sua primeira fase (1850-1920). Nas diferentes narrativas que compõe esse estudo, a atividade extrativista de produtos como o látex e da madeira, juntamente com a coleta de sementes, a comercialização de peles de animais silvestres, a caça, a pesca e a agricultura familiar, eram responsáveis pela renda mensal, das pessoas das florestas e da cidade.

Extraídos nas florestas, os diferentes produtos eram comercializados na cidade, pela área portuária por onde circulava todo um conjunto de influências que marcou a construção de identidades cruzadas dos moradores, trabalhadores e frequentadores da área portuária de Breves e das formas de significar e vivenciar esse espaço praticado. Ali os sujeitos desembarcavam e comercializavam seus produtos vindos da floresta entravam na cidade para socializar espaços de lazer, buscar os serviços prestados na cidade, visitar familiares, ou em busca de sonhos de uma vida melhor.

Nessa direção, estudar experiências de trabalhadores, moradores e frequentadores da cidade foi lidar com situações que envolveram diversas formas de trabalho e conflitos nos portos e na cidade. Dentre as formas de trabalho encontradas nas narrativas orais destacaram-se os trabalhadores das fábricas de beneficiamento da madeira, as mulheres prostitutas, os negociantes ribeirinhos, os vendedores de diversos produtos e um agenciador de mulheres. E dentre os conflitos mais comuns estavam: brigas e discussões envolvendo disputa por espaço de trabalho, lutas pelos direitos trabalhistas, roubos e, em alguns casos, os homicídios.

O trabalho infantil apareceu nas memórias específicas de dois entrevistados que atuaram como vendedores na área portuária, suas experiências de trabalho foram aqui marcadas tanto pelas alegrias das brincadeiras nos rios e nas ruas do centro, como por violência e tragédias.

²⁶⁶ RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008, p. 284.

Não foi possível identificar uma variedade de trabalho feminino nos portos no período de estudo, encontramos tímidas referências a vendedoras de churrasco, café e cozinheira. Sobressaíram-se nas entrevistas como forma de trabalho feminino na área portuária as mulheres prostitutas, adquirindo grande valor para entendermos as relações estabelecidas na cidade principalmente no período noturno.

Segundo Pacheco, no momento que passamos a dialogar com os sujeitos entrevistados, percebemos que nos infiltramos em seus habitares cotidianos para dialogar com suas histórias de vida por meio da composição de experiências passadas. Percebemos que a cultura desses sujeitos sociais, também se movimenta dada as novas relações que estabeleciam na cidade do presente inserida em permanente processo de hibridismos, interações, mediações e transformações.

Para o autor, enquanto os entrevistados lembravam o vivido, estes tiveram a possibilidade de redescobrir práticas sociais encobertas pelo tempo, através da seleção daquilo que foi significativo para refazer trajetos, percursos e reencontrar-se com si mesmo na cidade em que vivem, pois é neste momento que esses agentes sociais criam representações sobre a cidade e seus modos agir.²⁶⁷

Este trabalho representa uma das muitas versões que podem ser escritas a partir dos fragmentos de experiências vividas e que nos chegaram através de diversos tipos de documentos escritos, visuais, materiais e do relacional jogo lembrar/esquecer, presentes em narrativas de moradores que estão a nos contar muitas memórias de suas trajetórias de vida.

A área portuária foi vista em diferentes momentos do dia, pela manhã, quando os moradores ribeirinhos chegavam em embarcações de diferentes modelos e tamanhos para negociarem seus produtos, despejarem cargas e passageiros, os trabalhadores movimentavam-se em diferentes tarefas e astúcias de sobrevivência e formas de lazer. Lazer e trabalho foram vistos como ações complementares e não antagônicas como é observada pela visão mais tradicional que analisa o lazer. Nesse universo imergiram diferentes formas de lazer: bares, praças, boates, cabarés, cinema, teatro, o circo, festas de santos, as brincadeiras nas ruas e rios, os passeios na orla.

À tarde, quando o ritmo diminuía, e em meio às tarefas diárias de trabalho, aproveitava-se para tomar banho no rio e tecer outras redes de sociabilidade. Era também a hora das despedidas entre amigos e familiares nos portos. As praças

²⁶⁷ PACHECO. Agenor Sarraf. *À margem dos "Marajós": Cotidiano, Memórias e Imagens da "Cidade-Floresta"*. Belém: Paka-Tatu, 2009, p. 279.

próximas à orla recebiam dezenas de visitantes com o objetivo de distraírem-se em animadas conversas.

No período noturno, os espaços eram ressignificados. Outras formas de trabalho e lazer apareciam mais fortemente com o por do sol. A prostituta desempenhava seus ofícios na área portuária e na sua extensão, a Rua Curica, a partir da década de 1970.

Quando não existia fornecimento regular de energia na cidade, relatos de aparições de seres fantásticos, como a loira do cemitério, bichos visagentos davam um tom misterioso para o lugar. O que não impedia o movimento, pois quando as embarcações chegavam, nesse período, em meio aos focos de luzes de lanterna e lampiões, populares seguiam para o trapiche municipal da cidade.

Desta forma, procurei entender as manifestações do cotidiano dos moradores de Breves em sintonia com saberes e experiências trazidos dos espaços rurais. Em meios às transformações culturais que resultavam desse encontro, a cidade foi despontando em um processo de entrecruzamento das fontes de pesquisa. A começar pelos escritos de Theodoro Braga, nos anos de 1920, e dos dados do IBGE sobre as primeiras madeireiras e estudos locais dispersos em monografias e dissertações, perpassando pelas memórias, fotografias, reportagens de jornais, obras e crônicas sobre o lugar que retravam a cidade e o porto a partir da década de 1940 até 1980.

A cidade ia lentamente sendo moldada pela ação dos diferentes sujeitos migrantes e moradores, mas também por meio das reformas urbanas iniciadas pelos políticos a partir dos anos de 1940 e intensificadas nas décadas de 1970 e 1980. Breves foi gestada pela ação de diferentes homens e mulheres, oriundos de matas e das margens dos rios, em um encontro que resultou na cidade do presente.

FONTES UTILIZADAS:

Entrevistas

1. **Antônio Soares**, 83 anos, migrante de espaços ribeirinhos (rio Caruaca), reside na cidade desde o ano de 1973. Carpinteiro aposentado trabalhou grande parte de sua vida nas madeiras da região.
2. **Augusto Cesar Leite Barros**, 56 anos, natural da cidade de Breves, morou próximo à área portuária até o final da década de 1990, atualmente mora em Soure. Durante as décadas de 1980 e 1990, esteve vinculado à Secretaria de Cultura do município.
3. **A. M. G.** migrante do Estado de Goiás, reside no município desde 1975, trabalhou como prostituta na antiga Curica e área portuária até os anos de 1980.
4. **Benedito Carvalho**, 59 anos, migrante ribeirinho de Abaetetuba (rio Jenipaúba), chegou a Breves em 1972, estivador aposentado, teve papel fundamental na criação do Sindicato dos Estivadores de Breves e na Festa de São Pedro do bairro Cidade Nova.
5. **Benedita Leão do Amaral**, 74 anos migrante do rio Mapuá, mora em Breves desde 1951, funcionária pública aposentada, trabalhou na residência dos donos da Breves Industrial Sociedade Anônima (BISA), pioneira no ramo da exportação de madeira na cidade.
6. **Clodoaldo Vieira de Souza**, 41 anos, morador de Breves, funcionário público municipal, durante as décadas de 1980 e 1990, desempenhou diversas funções na área portuária, dentre elas a de vendedor e garçom.
7. **Enéias Pinheiro Farias**, 74 anos, morador de Breves, migrante de espaços rurais (rio Jaburuzinho), trabalhou em diversas madeiras da cidade.
8. **Idevaldo Santos Paes Filho**, 51 anos, natural do município, comerciante e ex-morador da área portuária, acompanhou de perto muitas transformações nesses espaços desde os finais dos anos de 1960 até a atualidade.
9. **João Aildo Sena Melo**, 40 anos, comerciante do ramo de confecções é migrante do rio Aramã, chegou ao município em meados de 1970, durante as décadas de 1980 e 1990, atuou como vendedor de diversos produtos na área portuária.
10. **João Félix Medeiros**, 91 anos, migrante ribeirinho, chegou à cidade na década de 1960, trabalhou com a extração da borracha nos espaços rurais.

11.**José Luiz Pena Pereira**, 57 anos, funcionário público federal, migrante do rio Tajapurú, município de Breves, viveu em Breves de 1963 a 1975, nesse período foi frequentador assíduo dos ambientes portuários, atualmente reside em Belém.

12.**J.R.S.** 59 anos, autônomo, natural da cidade de Breves, atuou na área portuária e Curica como agenciador de mulheres nos anos de 1980 a 1990.

13.**Maria de Souza**, 61 anos, funcionária pública estadual, migrou do rio Caruaca para Breves, na década de 1960, era frequentadora dos ambientes portuários, especialmente no período da Festa de Santana.

14.**Raimundo Sarges de Castro**, 86 anos, migrante da Vila de São Miguel dos Macacos, no município de Breves e ex-trabalhador dos ramos da borracha e madeira, era assíduo frequentador da área portuária desde a década de 1950.

15.**Milton Galúcio**, ex-funcionário público municipal, natural de Breves, trabalhou nos anos de 1980 na administração dos prefeitos Carlos Estácio e Gervásio Bandeira, em momentos de criação dos novos bairros da cidade e transformação da área portuária.

16.**Suzane Joubert**, migrante de Castanhal, reside em Breves desde 1945, foi uma das primeiras enfermeiras do hospital municipal e viveu até o final da década de 1990 na Rua Presidente Getúlio Vargas, de frente para a orla portuária.

17.**Tereza Almeida**, 40 anos, empresária nas proximidades da área portuária, natural de Breves, viveu sua infância e parte da vida adulta nessa local, suas memórias reportam a atuação do pai Adilson Almeida, empresário influente na região, nesses espaços.

18.**Terezinha de Jesus Nêmer dos Santos**, 65 anos, moradora das proximidades da área portuária desde a década de 1950.

19.**Vanderlei Lobato de Castro**, 60 anos, professor na rede estadual de ensino, migrante da Vila de Corcovado, nas proximidades de Breves, reside no município desde os anos de 1970, trabalhou na exportação da borracha na Vila de Corcovado na década de 1960, entre 1970 e 1980 com a madeira e a partir daí na área educacional.

20.**Venâncio Pantoja do Amaral**, 66 anos, autônomo, migrante do rio Mapuá, município de Breves, chegou à cidade na década de 1960, é ex-trabalhador da Bisa, principal madeireira da região, localizada na área portuária.

Jornais da Imprensa Paraense

O Estado do Pará – Domingo 09 de abril de 1939, p. 28.

O Estado do Pará – 19 de abril de 1942 – P. 06.

A Vanguarda–4 de junho de 1942.

A Província do Pará – sexta feira, 11 de março de 1949 – P.13.

A Vanguarda – terça-feira, 13 de novembro de 1951.

A Província do Pará - 12 de novembro de 1953

A Província do Pará - 25 de agosto de 1953

A Província do Pará- 27 de setembro de 1953

A Província do Pará - 05 de fevereiro de 1954.

Atos Legislativos

Decretos de lei da Câmara Municipal de Breves

Nº 1202 de 08 de abril de 1939; nº 9 de 10 de dezembro de 1942; nº 19 de 20 de julho de 1960; nº 33 de 13 de agosto de 1971; nº 34 de 13 de agosto de 1971; nº 35 de 23 de agosto de 1971; nº 38/71, de 21 de setembro de 1974; nº 39 de 21 de setembro de 1971; nº 44 de 30 de setembro de 1971; nº 0001/0628/661/014 de 22 de setembro de 1977; nº 43 de 30 de setembro de 1971; nº 57, de 30 de setembro de 1974; nº 06 de 25 de junho de 1975; nº 02 de 20 de janeiro de 1976; nº 01 de 03 de janeiro de 1977; nº 08 de 06 de agosto de 1979; nº 99 de 22 de setembro de 1972; nº 01 de 11 de janeiro de 1978; nº 09 de 29 de julho de 1980.

Leis da Câmara Municipal de Breves

Nº 163, de 28 de novembro de 1962; nº 109, de 29 de dezembro de 1960; nº 103 de 22 de julho de 1960; nº 100, de 10 de dezembro de 1959; nº 98 de 10 de dezembro 1959.; nº 93 de 10 de agosto de 1959; nº 92 de 10 de agosto de 1959; nº 91 de 19 de junho de 1959; nº 90, de 18 de junho de 1959; nº 89 de 22 de agosto de 1958; nº 88 de 8 de agosto de 1958; nº 73 de 29 de junho de 1957; nº 74 de 8 de julho de 1957; nº 76 de 18 de julho de 1957; nº 85 de 16 de julho de 1958; nº 83 de 17 de julho de 1958; nº 82 de 10 de junho de 1958; nº 79 de 12 de maio de 1958; nº 67 de 25 de abril de 1957; nº 68 de 22 de abril de 1957; lei nº 71 de 21 de junho de 1957; nº 63 de 31 de julho de 1956; nº 62 de 31 de julho de 1956; nº 58 de 21 de julho de 1956; nº 57 de 21 de julho de 1956; nº 56 de 18 de julho de 1956; nº 52 de 21 de junho de 1956; nº 52 de 21 de

junho de 1956; nº 48 de 29 de maio de 1956; nº 47 de 28 de maio de 1956; nº 46 de 30 de abril de 1956; nº 64 de 01 de agosto de 1946; nº 1 de 17 de agosto de 1948; nº 2 de 17 de agosto de 1948; nº 3 de 19 de agosto de 1948; nº 6 de 17 de setembro de 1948; nº 7 de 17 de Setembro de 1948; nº 8 de 17 de setembro de 1948; nº 10 de 17 de setembro de 1948; nº 12 de 17 de setembro de 1948; nº 25 de 06 de agosto de 1951; nº 26 de 08 de agosto de 1951; nº 29 de agosto de 1951; nº 33 de 13 de setembro de 1954; nº 41 de 05 de setembro de 1955; nº 36 de 13 de setembro de 1954.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida... Valor, Tempo e Intercâmbio Ritual em Sistemas Tradicionais na Amazônia*. Tese PhD Museu Nacional/UFRJ. R.J., 1993, (Mimeo).

ALIVERTI, Márcia Jorge. *Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique*. In: Revista de Estudos Avançados 19 (54), 2005.

AMARAL, Luiz. *Jornalismo matéria de primeira página*. 3 ed. Rio de Janeiro – Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1982.

ALMEIDA, Maria Rocha Conceição. *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARANTES, Antônio Augusto. *Horas furtadas: dois ensaios sobre consumo e entretenimento*. In: Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, abril de 1993.

AZEVEDO, Sérgio. *A crise da política habitacional: dilemas e perspectivas para o final dos anos 90*. In: AZEVEDO, Sérgio de; ANDRADE, Luís Aureliano G. de (orgs.). *A crise da moradia nas grandes cidades – da questão da habitação à reforma urbana*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1996.

BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BATISTA, Regina Célia Correa. *Dinâmica populacional e atividade madeireira em uma vila da Amazônia. A vila de Moju (1730-1778)*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. UFPA, 2013.

BECKER, Bertha K. *Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?* In: Revista Parcerias estratégicas, número 12, setembro de 2001.

BEZERRA NETO, José Maia. *A economia da borracha e o esforço de guerra: os soldados da borracha na Amazônia*. In: Pontos de História da Amazônia, vol. II, orgs. FILHO, Armando Alves; JÚNIOR, José Alves; BEZERRA NETO, José Maia. Belém: Pakatatu, 2000.

- BRANDÃO, Alex Sandro da C. Santos reis: *Festa, Poder e Memória (Governador Mangabeira-BA 1970-2000)*. In X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2010.
- BRAGA, Theodoro. *O Município de Breves – 1738 a 1910*. Belém: Impresso pela Empreza Graphica Amazônia, 1919.
- BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; LIMA, José Júlio Ferreira. *Tipologias e padrões de ocupação na Amazônia Oriental: para que e para quem?* In: *O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas*. Belém: EDUFPA, 2006.
- CERTEAU, Michael de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- CHIANCA, Luciana. *Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas de santos*. In *Revista Antropológicas*, ano 11, volume 18 (2), 2007.
- COSTA, Antônio Maurício Dias da & GOMES, Elielton Benedito Castro. *A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: tradição interiorana e espaço urbano*. In: *Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia*, v. 24, n. 1, jan./jun.2011.
- COSTA, Antônio Maurício Dias da. *Festa na cidade: O circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA, 2009.
- _____ *Lazer e sociabilidade: Usos e Sentidos*. Belém: Açai, 2009.
- _____ *Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950*. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando viver ameaça a ordem urbana – Manaus 1900-1915*. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades - Pesquisa em História 1 –*

- Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC. São Paulo: Olhos d'água, 1999.
- COSTA, Paulo Marcelo Cambraia da. *Na ilharga da Fortaleza, logo ali na beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá – 1945 a 1970*. Belém: Açai, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. SP: Editora Brasiliense, 1994.
- _____. *Melusinas, sereias e mulheres – serpentes na literatura sacra do século XVII*. In: cadernos pagu (4) 1995.
- DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio dos Santos (org.) *Os senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. VIII.
- DELGADO, Luicilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ECKERT, Cornelia. *As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória*. In: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da & CANCELA, Cristina Donza, (orgs). *Paisagem e cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EDUFPA, 2009.
- FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidade. Pesquisa em História*. V. 1. São Paulo: Olho D'água, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas – FGV. 2^a ed. 1998.
- FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja. *Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais*. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2001.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- GARCIA, José Maria. *Crônicas do lugar dos Breves*. Belém: Gráfica da Escola Salesiana do Trabalho, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, Trabalho e Cotidiano*. In: JANCSÓ; KANTOR. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Michael. *História Oral: os riscos da inocência. O direito à memória*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO EVANDRO CHAGAS. *Memórias do Instituto Evandro Chagas* (série produção científica). Belém, 2002.

KNAUSS, Paulo. *A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea — o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, 2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Franciane Gama. *Cidade, memória e experiência ou o cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX*. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades - Pesquisa em História 1 – Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC*. São Paulo: Olhos d'água, 1999.

LACERDA, Franciane, Gama; SARGES, Maria de Nazaré. *De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX*. In Projeto História, São Paulo, n.38, jun. 2009.

LEÃO, Dione do S. Souza & PACHECO, Agenor Sarraf. *Memórias e imagens dos bairros de Breves*. In: PACHECO, Agenor Sarraf; SCHAAN, Denise Pahl; BELTRÃO, Jane Felipe (orgs.). *Remando por Campos e Florestas: Patrimônios Marajoaras em Narrativas e Vivências*. Belém: GKNoronha, 2012.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOUREIRO, Violeta Rafflesky. *Amazônia: Estado-homem-natureza*. Belém: Cejup, 2004

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. *A (Re)significação da paisagem no período contemporâneo*. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual*. São Paulo: EDUSC, 2002.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. *Santos: o porto e a cidade – entradas e saídas*. In: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: CEJUP, 1995.

_____. *Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance*. In Revista *Anthropológicas*, ano 11, volume 18, 2007.

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. *Pajelança e encantaria amazônica*. In PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. 2004.

MIRANDA NETO. *Marajó desafios da Amazônia: aspectos da reação e modelos exógenos de desenvolvimento*. Belém: Cejup, 1993.

NEVES, Ademir Lopes das. *O cotidiano portuário de Breves em 1990*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História. Breves: UFPA, 1999.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In Revista *Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez. de 1993.

OLIVEIRA, Erito Vânio Bastos de. *Modernidade e integração na Amazônia: intelligentsia e broadcasting no entre guerras, 1923-1937*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA, 2011.

PACHECO, Agenor Sarraf. *À margem dos “Marajós”: Cotidiano, Memórias e Imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-Pa*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2009.

_____. *En el Corazón de la Amazonía: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas Marajoaras*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, 2000.

_____. *Portos de memórias: cotidiano, trabalho e história no Marajó das florestas*. In Revista *Movendo ideias*, vol. 15, nº 1, janeiro a junho de 2010.

_____. *História e Literatura no regime das águas: Práticas Culturais Afroindígena na Amazônia Marajoara*. *Amazônica*. In: Revista *Amazônica*, mês janeiro, v. 2, 2009, p. 410.

PECHMAN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 1994.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 11-23, 2007.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2003.
- POSSAMAI, Rita Rossane. *Narrativas fotográficas sobre a cidade*. In Revista brasileira de história. São Paulo, v. 27, nº 53, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- _____. *Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In Revista Projeto História – Ética e história oral, nº 15, abril de 1997.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- RAMOS, Ruth Martins. *O poder da guilhotina: Relações de trabalho & cotidiano das operárias da Madenorte*. Monografia de Conclusão de Curso de Licenciatura e Bacharelado em História pela UFPA, Campus Universitário do Marajó, Núcleo de Breves, 1996.
- RODRIGUES, Carmem Isabel. *Vem do Jurunas: Sociabilidades e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008.
- RONCAYOLLO, Marcel. *Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais*. In: Revista Projeto História, v. 18, maio, 1999.
- ROSA, Maria Cristina. *Festar na Cultura*. In: Festa Lazer e Cultura, org. ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano G. de Assis; QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- SAHLINS, Marshal. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SCHOLZ, Imme. *Comércio, meio ambiente e competitividade: o caso da indústria madeireira no Pará*. Belém: SECTAM, 2002.
- SILVA FILHO, José Sena da. *Cinema e modernidade na Amazônia Marajoara: vivências em códigos refratados na cidade de Breves*. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – Universidade Federal do Pará/Campus de Bragança, 2013.

- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. *Taxistas na cidade de Belém (PA): narrativas sobre o mundo urbano*. In Ponto da Urbe (USP), v.03, 2009.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. *O barroco gauchesco-missioneiro: reflexões a partir da memória coletiva dos contadores de causos e paisagens fantásticas missioneiras*. In Revista Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- THIESEN, Icléia; BARROS, Luitgarde; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). *Vozes do Porto: memória e história oral*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In Revista Projeto História – Ética e história oral, nº 15, abril de 1997.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

Sites:

www.movimentomarajoforte.blogspot.

www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias.

http://pt.wikipedia.org/wiki/projeto_rondon#cite_note-2